BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO • BRASIL

ANO XXIX • ABRIL DE 1954 • N.º 326

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA
Sede: Largo da Misericórdia, 24

Ano XXIX | ABRIL DE 1954 | Número 326

Sumário

COLABORAÇÃO:

Os congressos cafeeiros de Curitiba — J. Testa

A agricultura africana vista por um agrônomo brasileiro — O. T. Mendes Sobrinho

A evolução das máquinas de beneficiar café no Brasil — Prof. Dr. Hugo de Almeida Leme

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

O plantio de café em terras recuperadas — Edgar Fernandes Teixeira

Ressurge, em bases racionais, a cafeicultura em Santa Catarina

Discurso do ministro da Fazenda na posse da Junta Administrativa do IBC

A elevação dos preços do café

Técnica e economicamente acertada a fórmula de adubação para o cafeeiro — Walter Lazzarini

Recomendada ao Govêrno de Mato Grosso a Assistência técnico-comercial aos cafeicultores

A lavoura e o I.B.C.

O café visto nos Estados Unidos (Cartas semanais do Escritório Pan-Americano do Café de Nova York — março)

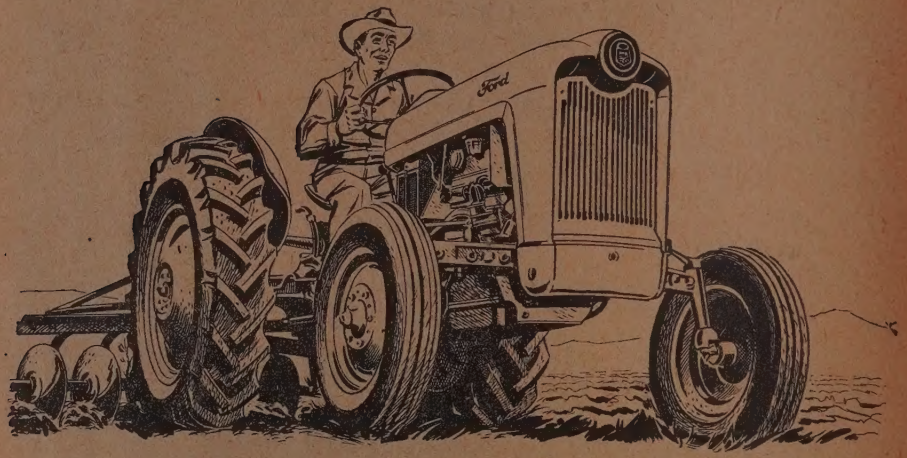
ESTATISTICA:

NOSSA CAPA: Aspecto de um cafêzal sombreado, em Santa Catarina. O atual govêrno do Estado encontra-se empenhado em desenvolver, mediante processos modernos e racionais, o cultivo do famoso "café da ilha", tradicionalmente plantado à sombra. (V. pág. 56).

Ford – O TRATOR MAIS VENDIDO NO PAÍS

apresenta

NOVO E APERFEIÇOADO MODÊLO



Feito para render mais... sob as condições brasileiras!

Aqui está o Novo Trator Ford! Além de importantes aperfeiçoamentos, traz aquela sua tradicional facilidade de manêjo... e aquela sua grande estabilidade! "Agarra firme" em qualquer terreno!

E para sua segurança...

Assistência permanente – em todo o país!

Com êstes aperfeiçoamentos, o trator FORD rende mais que qualquer outro!

Motor "Tigre Vermelho"! Com maior potência! É mais econômico, graças ao curso reduzido dos pistões.

Novo Sistema Hidráulico! Mais rápido, maior capacidade, velocidade regulável. Funciona mesmo com o trator embreado.

"Controlador de Serviço"! Para rendimento máximo. Registra horas de trabalho, rotações da polia, tomada de fôrça etc.

PNEUS MAIORES! 11.00 x 28 traseiros e 5.50 x 16 dianteiros, possibilitando maior aderência e tração.

FORD MOTOR COMPANY – São Paulo

De acôrdo com uma praxe geralmente adotada, este Boletim não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos de colaboração, ou transcritos de outras publicações.

Colaboração

PEDIMOS AVISAR QUALQUER ALTERAÇÃO DE ENDERÊÇO

GEREMIA LUNARDELLI S.A.

adquire mais 10
secadores de café
"MOREIRA"!

Outra vez a preferência recaiu sôbre a marca "MOREIRA". Após 2 anos de confrontos e experiências- Geremia Lunardelli S.A. adquire para suas fazendas mais **10 secadores de café "MOREIRA"**. Essa escolha, feita por um dos mais conceituados e tradicionais cafeicultores do País, vem pôr em relevo a alta qualidade do **SECADOR "MOREIRA"**, fazendo com que se imponha sua utilização pelos produtores de café. **SECADOR "MOREIRA"** assegura Economia Rendimento - Qualidade.

INDÚSTRIA DE MÁQUINAS MOREIRA S.A.

Rua Assis, 100 - Barra Funda - Fone: 51-2381-
End. Telegráfico "SECADORES" S. Paulo

OS CONGRESSOS CAFEEIROS DE CURITIBA

J. TESTA

Na bela capital do mais novo Estado cafeeiro do Brasil realizaram-se simultâneamente, de 14 a 22 de janeiro último, numa verdadeira demonstração de pujança e de organização, três convênios cafeeiros. Já se referiram a êsses magnos conclaves tôdos os jornais e a imprensa especializada do país. Nós, porém, — revista mensal — só agora o poderíamos ter feito. E, mesmo, gostaríamos de sedimentar as opiniões, para, ao depois, emitir com segurança a nossa, escoimada de afoitezas, de precipitações e de arestas desbastáveis pelo tempo.

Apreciando, agora, por assim dizer panorâmicamente o assunto, acreditamos que não se poderia realizar, no Brasil, cousa melhor e em lugar mais apropriado. Quando, antes, se planejou o Congresso Mundial, poderia talvez ser discutível sua localização, muito embora tanto direito devesse caber ao Paraná como a qualquer outro Estado ou país, sendo o assunto, acreditamos, apenas uma questão de prioridade de iniciativa. Posteriormente, todavia, a ocorrência das geadas, se por um lado trouxe perturbações à idéia, por outro veio amplamente justificá-la. Realmente, não foi senão à visita em massa realizada pelos congressistas e posteriormente por jornalistas e outras pessoas às regiões atingidas, que se deveu a modificação do julgamento americano com referência à alta dos preços do café. A sensacional mudança operada na opinião pública de um país que a tem grandemente autorizada e sensível, alteração operada por efeito dessas visitas e dêsse conhecimento, hàbilmente conduzidas pelo Instituto Brasileiro do Café e pelos Estados do Paraná e de S. Paulo, ao ensejo, principalmente, dos Congressos Cafeeiros, foi da mais alta valia, num assunto de máxima importância e em momento de indisfarçável gravidade. Êsse aspecto do problema não foi considerado pelos cronistas e comentadores, em sua devida amplitude. Não se póde, todavia, omití-lo sem incorrer em grave lacuna.

Há, porém, outros detalhes dignos de ser examinados. Um dêles é o que se refere à oportunidade, que teve a família mundial do café, de se reunir, conhecer, trocar idéias. Homens que, servindo à rubiácea — ao seu cultivo, preparo, transporte ou venda — em regiões quase antípodas e que apenas se conheciam de nome ou mediante correspondência, excelente oportunidade tiveram de se estreitar as mãos e de discutir, em uma sala de sessões ou uma mesa de banquete, seus problemas e seus pontos de vista.

Muita cousa se esclareceu, bons entendimentos se fizeram e negócios se entabolaram. Aspectos recíprocos não de tôdo conhecidos, pelos interlocutores, foram examinados. Êsse pequeno Congresso marginal foi, pois, mais um detalhe interessante — e ainda êsse não focalizado — das reuniões cafeeiras de Curitiba.

Terceiro aspecto, também construtivo, foi o de se preparar o terreno para futuros conclaves do mesmo gênero, idéia que foi quase pro-

crastinada em virtude de propostas extemporâneas surgidas à última hora, e que pretendiam fosse interrompida a ação coordenadora dos Secretariados Gerais Permanentes, dando-se a organismos burocráticos essa incumbência em relação ao próximo Convênio.

Não menos digna de apreço foi a oportunidade, que ofereceram os Congressos, de um conhecimento do novo e pujante Estado cafeeiro do Brasil, — o Paraná —, região por certo merecedora da atenção de brasileiros e estrangeiros, como expoente de um fenômeno agro-econômico bem raramente entrevisto na história da humanidade. O setentrião paranàense, zona cafeeira absolutamente invulgar, pelo que reúne de possibilidades ecológicas e demográficas; o pôrto de Paranaguá, vitalizado por essa massa exportável de uma mercadoria altamente valorizada e em quantidades crescentes; e a capital curitibana, centro nervoso — administrativo e financeiro — enitre essas duas potências e séde, ela própria, de uma capacidade excepcional de crescimento, tudo isso foi alvo de um conhecimento minucioso, entusiástico e cheio de sã e construtiva curiosidade.

* * *

Extraordinária, por outra parte, foi a capacidade organizadora que pôde permitir se realizassem, num mesmo local e em exíguo espaço de tempo, três congressos cafeeiros simultâneamente: o Nacional, preparatório; o Sul-americano, e o Mundial. Levemos isto a crédito, desde logo, do sr. Secretário Geral, o Embaixador Sebastião Sampaio que, apoiado com firmeza pelo Sr. Governador do Paraná e por um eficiente corpo de auxiliares, pôde levar a efeito tal proeza.

Tudo esteve devidamente programado: reuniões preparatórias, sessões plenárias, trabalho de secretaria (compreendendo stenografia, datilografia, mimeografia e imprensa) e, "last but no least", magnífica parte social, que permitiu aos congressistas, fidalgamente recebidos, conhecerem tôdos os clubes e passeios interessantes de Curitiba, Paranaguá e Norte do Paraná.

* * *

Houve, possìvelmente, senões no Congresso (e, falando no singular, queremos referir-nos ao triplo Conclave). Mas, força é reconhecer que a única lacuna ponderável se deveu a acontecimento independente da organização e direção: referimo-nos ao fato de terem sido trazidas a plenário poucas e nem sempre substanciosas teses, capazes de firmarem diretrizes ou de instituirem processos renovadores. Não obstante haver sido distribuido com suficiente antecedência o Temário (que, diga-se de passagem, mereceu de diversas personalidades autorizadas, inclusive do sr. Presidente do Banco do Brasil encomiásticas referências) os congressistas, em geral, primaram pela falta de apresentação de trabalhos. A bem dizer, apenas se salvaram as organizações do Distrito Federal, pois, tanto a Sociedade Nacional de Agricultura como o Centro de Comércio

de Café do Rio de Janeiro e, ainda, a Prefeitura do Distrito Federal e o Loide Brasileiro submeteram à consideração do Conclave estudos acurados, extensos e seguros, que, submetidos a debate e brilhantemente defendidos, lograram ser aprovados com gerais louvores.

Outras e menores lacunas teriam sido: a falta de um aparelhamento de tradução e transmissão simultâneo, em várias línguas, a exemplo do que se faz na ONU, pois, como é evidente, a tradução posterior, por intérprete, além de deficiente faz perder tempo e atenção; o próprio excesso de trabalho, derivado da realização simultânea de vários Congressos e ainda agravado pela variedade e abundância de reuniões de caráter social, gentileza excepcional do govêrno e do povo paranàense que, paradoxalmente, roubou aos congressistas a possibilidade de trabalhar mais e melhor; e o hábito, muito latino, mas que em Curitiba se generalizou, da impontualidade, pois nenhuma sessão se conseguia reunir menos de uma hora ou mesmo duas, depois da hora da convocação.

* * *

Forçoso é registrar, todavia, que constituiram pleno êxito os Congressos Cafeeiros, se nos ativermos ao que realizaram dentro de suas possibilidades, de acôrdo com o que se poderia dêles esperar. Sim, porque evidentemente não se suporia que medidas transcendentes pudessem dali sair, tais como aumentos ou quedas de preços, restrições ou acréscimos de plantio, aumento de consumo, maiores possibilidades quanto à mão de obra, debelação de pragas ou maiores facilidades de cultivo. Mesmo porque não previa o Temário, em matéria de "resoluções," senão duas séries, que foram tôdas aprovadas. As outras eram constituidas, apenas, de "recomendações" e nem poderia ser de outro modo, já que se tratava de assuntos pertinentes às administrações locais, de cada país ou região representada no conclave.

* * *

Foi infatigável a organização. E, principalmente, de uma operosidade ímpar êsse velho-moço que é o Embaixador Sebastião Sampaio, homem física e mentalmente tão lépido e vigoroso, nos seus setenta anos, quanto qualquer dos seus comandados ou dos congressistas, não importa que idade tivessem. Tratando de tudo com luxo de detalhes — cousa que, ressalte-se, lhe roubava grande parte do tempo — ainda assim lograva desincumbir-se da excessiva tarefa que lhe cabia, administrativa e social. E, como agia, falava: em vários setores e em outras tantas línguas — português, inglês, francês, espanhol e italiano — Sua operosidade salvou o Congresso da possibilidade, em que quase incidiu, de não ver realizados os seus objetivos.

Os trabalhos de Secretaria estiveram magníficos: discussões e teses trazidas a plenário na sessão da manhã eram apresentadas, à tarde, já mimeografadas. A parte social, excelente. Fidalgos o govêrno da cidade e o do Estado, e os Secretários da Administração, principalmente o da

Agricultura. Muito apropriado aos trabalhos o magestoso edifício do Colégio Estadual, talvez o melhor de seu gênero no Brasil, Bons os hotéis e acomodações destinadas aos congressistas. Razoáveis os serviços públicos da cidade, menos o de telefones, que deixa a desejar.

* * *

Dentre os temas discutidos, muitos merecem destaque. Queremos, todavia, referir-nos desde logo apenas aos seguintes: "Uniformização de estatísticas, pesos e medidas" e "Proteção à palavra Café", apresentados pelo Centro do Comércio do Café do Rio de Janeiro; Proteção à Marinha Mercante Nacional", pelo Loide Brasileiro; "Sombreamento do Cafeeiro" e "Assistência ao Trabalhador Rural, pela Secretaria da Agricultura do Distrito Federal; "Impostos inter-estaduais", pela Associação Comercial de Santos; "Cultivo do Café, no Paraguai e em Costa Rica, pelas delegações dos respectivos países. Prestigiaram os Conclaves, com a sua presença ou com a apresentação e defesa de trabalhos interessantes, entre outras as seguintes personalidades: Governadores de S. Paulo, Santa Catarina e Bahia, Sr. Lucas Nogueira Garcez, Irineu Bornhousen e Regis Pacheco; Presidentes do Instituto Brasileiro de Café e do Banco do Brasil, Srs. Pacheco e Chaves e Souza Dantas; Representante brasileiro na F.A.O. e Presidente daquela Entidade, Sr. Josué de Castro, e Senador Assis Chateaubriand. Entre outros, distinguiram-se pela apresentação e defêsa de trabalhos de mérito, que foram aprovados e sua publicação recomendada, os srs. Theófilo de Andrade, Leonidas Castelo da Costa e William Wilson Coelho de Souza e Olavo de Paula Borges.

"PANCOMTEL"
COMTELBURO LTD. — PANAMEURO S/A.
Agência especializada nas informações de
mercados nacionais e estrangeiros a saber:
CAFÉ — ALGODÃO — BORRACHA — TÍTULOS — CAMBIO
METAIS — AÇÚCAR — CACAU — JUTA — TRIGO
COUROS — ETC.
Assinaturas e mais informações nos seguintes endereços:
RIO DE JANEIRO:
Rua Beneditinos, 17 - 4.º andar
Fone: 23-0012
SAO PAULO:
Rua Libero Badaró, 488 - 2º andar
Fone: 33-4976
SANTOS:
Praça Azevedo Junior, 14 - 4.º andar — Fone: 2-7278
(p) Agências nos principais Estados do Brasil

A AGRICULTURA AFRICANA VISTA POR UM AGRÔNOMO BRASILEIRO

O. T. MENDES SOBRINHO
Engenheiro Agrônomo
Subdivisão de Estações Experimentais

(Continuação)

5.9.2 — AGRICULTURA

O desenvolvimento econômico de Moçambique atrazou-se, especialmente por causa das companhias magestáticas, dos deslocamentos de trabalhadores para as minas do Rande, e também por causa da tsê-tsê, conforme relatamos no artigo anterior desta série. Não obstante, a produção agrícola exportável acusou razoável progresso no decênio 1940-1950, tanto em volume físico como em valor. O quadro 22 representa uma síntese do movimento exportador de Moçambique nos anos de 1940 e 1950, através do qual poderão ser apreciadas as posições ocupadas pelos produtos nos anos extremos do decênio. Por outro lado poder-se-á verificar que a agricultura constitui, pràticamente, a única fonte de divisas do país. Mais de 90% das utilidades remetidas para o exterior são de origem agrícola, quer resultem de uma exploração extrativa como a da copra gentílica e a madeireira, ou representem derivados de uma indústria de primeira transformação de produtos da terra, como óleos, tortas e fibras vegetais. Sob a designação de "outras oleaginosas", no mesmo quadro 22, estão incluídos também produtos vegetais, tortas, óleos, etc., de mamona (**Ricinus communis** L.), gergelim (**Sesammum indicum** L.), mafurra (**Trichilia emetica,** Vahl), cuja semente é uma oleaginosa que serve de tempero à comida dos prêtos, além de possuir qualidades purgativas), girassol (**Helianthus annuus** L.) de mapupa (semente oleaginosa) e outros. Sob a rubrica de "diversos" estão incluídos principalmente produtos de origem não agrícola.

O quadro 22 permite verificar ainda que a exportação de Moçambique repousa, sobretudo, nas leguminosas — côco, castanha de cajú, caroço de algodão, amendoim, gergelim, mafurra e outros — as quais perfizeram em 1950, 44% do volume e 52% do valor total das mercadorias mandadas para o exterior. Por outro lado, se reunirmos os valores representados pelo côco, sisal e algodão (o valor da fibra da malvácea mandada para Portugal em 1950, não representado no quadro 22, foi de mais de Cr$ 100.000.000,00) e derivados, constantes da exportação de 1950, verificaremos que os produtos daquelas três plantas tropicais lideraram as trocas de Moçambique com exterior, atingindo um valor superior a meio bilhão de cruzeiros, ou seja, 66% do valor total.

QUADRO 22 — Exportação de Moçambique, quantidade e valor nos anos de 1940 e 1950.

Ordem de importância segundo o valor de 1950	Produtos	Milhares de toneladas métricas			Milhares de cruzeiros			Porcentagem sôbre o valor de 1950
		1940	1950	Diferença	1940	1950	Diferença	
1.º	Copra	27,0	46,0	+ 19,0	14.400	215.000	+ 200,600	28,0%
2.º	Sisal	15,0	19,0	+ 4,0	10.400	156.000	+ 145,600	20,0%
3.º	Castanha de semente de cajú	6,5	69,0	+ 62,5	?	93.000	?	12,0%
4.º	Açúcar	48,0	73,0	+ 25,0	40.000	72.000	+ 32,000	9,0%
5.º	Chá	0,6	3,0	+ 2,4	32.800	65.000	+ 33,000	9,0%
6.º	Algodão *	5,5	28,0	+ 22,5	24.000	36.000	+ 12,000	5,0%
7.º	Madeiras	?	79,0	?	—	29.000	?	4,0%
8.º	Amendoim	13,0	5,0	— 8,0	9.600	20.000	+ 10,400	3,0%
9.º	Frutas	9,0	10,0	+ 1,0	2.800	3.000	+ 0,200	0,5%
10.º	Diversos	?	18,0	?	?	38.000	?	5,0%
11.º	Outras oleaginosas	?	12,0	?	?	37.000	?	4,5%
Total		124,6	362,0		134.000	764.000		100,0%

* No presente quadro não está computada a fibra de algodão, cujo valor exportado em 1950 é de mais de Cr$ 100.000.000,00, o qual coloca a malvácea em segundo lugar na lista dos produtos de troca com o exterior.

NOTA: — Os números componentes dêste quadro são arredondados e o valor das mercadorias exportadas está convertido em cruzeiros ao câmbio de 1950, de Cr$ 0,80 por escudo português.
Sob a rubrica de "produtos" estão incluídos produtos pròpriamente ditos e os respectivos derivados. Assim, sob a designação de copra entende-se a copra pròpriamente dita, óleo, torta e o côco in natura; sob a designação de sisal estão incluídos — fibra, estopa e desperdícios; sob a rubrica de algodão: caroço de algodão, óleo do caroço e a torta; sob a disignação de frutos estão reunidos: bananas, citrus e outros.

FONTE — O presente quadro foi organizado com dados extraidos do "Guia do Exportadores e Importadores de Moçambique", Ano 1, N.º 1, Setembro de 1951; do "Guia Econômico de Moçambique" edição oficial, Ano 2, 1952; do "Relatório do chefe dos serviços de agricultura de Moçambique", 1940 — 1944.

Muito embora quase tôda a atividade econômica do país se ache ligada à exploração agrícola, Moçambique não logrou se libertar de uma volumosa importação de alimentos de origem animal e vegetal, que provoca uma significativa drenagem de divisas para o exterior. A pauta de 1950 acusa substancial importação dos seguintes gêneros alimentícios: produtos de origem animal, — carnes diversas, banha de porco e ovos; produtos hortícolas — frutas frescas, legumes verdes e em conserva, cebola e alho; produtos da terra industrializados — massa de tomate, suco de frutas, óleos, além de feijão, café e sucedâneos da rubiácea. Entretanto, a maior parte dêsses produtos poderia ser obtida no próprio país como resultado de uma agricultura mais avançada, que haveria de ser praticada por colonos europeus; os prêtos não se acham tècnicamente preparados senão para extrair do solo os alimentos indispensáveis à própria subsistência ou produtos exportáveis obtidos pela prática de uma agricultura extrativa, como a da copra, castanha do cajú e mesmo o algodão, a qual são compelidos compulsòriamente pelo govêrno.

A economia agrária de Moçambique é do tipo de exploração colonialista: as culturas permanentes e semi-vivazes, como as do chá, sisal, cana de açúcar e do coqueiro, são do tipo "plantation" e se acham em mãos de grandes companhias metropolitanas ou estrangeiras, que imprimem às respectivas explorações o cunho drástico de capitalismo europeu extrativista em ação no trópico colonial. Releva notar, que parte da copra é produto do labor indígena próprio. A cotonicultura, embora praticada pelos nativos em suas terras, não logra fugir às imposições do capitalismo metropolitano, que é exercido através das "concessionárias" — companhias às quais são atribuídos direitos de zona, nas quais controlam a produção da malvácea, à qual o nativo se dedica compulsòriamente.

A metrópole portuguêsa impõe às suas colônias o dever de abastecê-la de certos produtos de alimentação e matérias primas até o limite das suas necessidades, liberando apenas as sobras para o livre comércio da colônia no mercado internacional. O caso do algodão de Moçambique ilustra bem essa política, quase sempre lesiva aos interêsses da colônia: em 1950, o algodão em caroço estava sendo pago aos nativos, no mercado indígena de algodão de Chiguindale, na Circunscrição de Bilene, quando ali assistimos às vendas, a Cr$ 1,52 e Cr$ 1,20 p/kg, para o tipo de primeira e segunda, respectivamente; êsses preços correspondiam, respectivamente, a Cr$ 22,80 e Cr$ 18,00 pe-arroba em caroço e representavam 50% da cotação para produtos idênticos nas colônias britânicas vizinhas; as despesas com usinagem, na mesma ocasião, eram de Cr$ 3,20 p/kg em rama; o preço de venda para Portugal, de Cr$ 10,40 p/kg, em rama, além do frete marítimo de Cr$ 5,00 para o mesmo pêso; êsse mesmo algodão retorna à Moçambique, em forma de tecidos e a um valor correspondente a Cr$ 53,00 p/kg (preço corrente em 1950, cotado a escudo metropolitano a Cr$ 0,80). Essa política de produção e abastecimento da metrópole a baixos preços, produz os seguintes efeitos — a) Ótimo negócio às concessionárias, cujos capitais são metropolitanos e aos industriais de Portugal. b) Mau negócio à colônia, pelas seguintes razões salários mise-

ráveis aos prêtos; desencorajamento à colonização portuguêsa, uma vez que o colono branco não poderá se dedicar a êsse gênero de lavoura, tendo pela frente um concorrente que trabalha compulsòriamente à base de salários incompatíveis com as necessidades de subsistência do colono europeu; retôrno da matéria prima em forma de manufaturas, a preços elevados, que provocam drenagem de divisas para a metrópole. Em 1950 Moçambique vendeu a Portugal, pouco mais de Cr$ 100.000.000,00 de algodão em rama e importou, em tecido Cr$ ..... 168.000.000,00, sendo Cr$ 121.000.000,00 da metrópole e o restante da Inglaterra.

A cotonicultura indígena compulsória teve início em 1938, com a criação da Junta de Exportação do Algodão Colonial, órgão metropolitano de dirigismo econômico do Estado Corporativo Português, que atua em Moçambique por meio de uma delegação. Êsta controla as concessionárias e obriga os prêtos das áreas algodoeiras, zoneadas pelo levantamento geo-botânico, a cultivar o algodoeiro na proporção de meio hectare por indígena. Como resultante da compulsória, a produção de algodão ascendeu a índices satisfatórios ao capitalismo metropolitano, mas com os reflexos danosos à colônia, a que nos referimos, além de provocar a queda dos índices da produção alimentícia de amendoim, mandioca, milho e feijão, que constituiam a base da alimentação do prêto das regiões atingidas pela cotonicultura obrigatória. Em algumas áreas a desorganização da produção de subsistência do nativo pelo desvio de mão de obra para o algodão, foi de tal ordem, que o perigo de fome estêve eminente. Entretanto, fôrça é reconhecer que os mercados indígenas de algodão, fiscalizados pela Junta, tornou possível aos nativos venderem seu produto por preços fixados por aquela autarquia, no local da produção, evitando a êstes longas caminhadas para comercialização e pondo-os ao abrigo da cupidez dos intermédiários.

A agricultura em Moçambique é atividade exercida por elementos de três categorias, a seguir citados pela ordem crescente da sua importância — a) por colonos europeus, que se ocupam da produção de frutas, pequena parte da exploração da copra, e lavouras de amendoim, milho e mandioca para comércio; b) por grandes emprêsas de capital luso, misto ou estrangeiro, as quais, detêm o monopólio absoluto da indústria teifera, açucareira, sisalaneira, cêrca de 40% da produção de copra e contrôle total da produção algodoeira, através das concessionárias; c) pelos indígenas, que garantem a produção de alimentos para a própria subsistência, produzem 50% da copra do país, garantem a produção de castanhas de cajú para exportação, produzem, compulsòriamente, todo o algodão do país, além de trabalharem como assalariados das grandes emprêsas e das lavouras dos colonos do país.

Os dados a seguir, da comercialização de produtos agrícolas de Moçambique em 1950 (excluídas as mercadorias negociadas nos mercados oficiais), dão a idéia da posição da produção agrícola indígena, comparada a de outros agricultores, segundo as compras efetuadas a uns e outros:

Produtos	Adquiridos de indígenas- toneladas	Adquiridos de outros agricultores
Milho	37.542	33.260
Castanha de cajú	38.366	6.225
Mandioca sêca	16.923	819
Copra	12.090	976
Amendoim	14.968	1.227
Sorgo	7.735	544
Mafurra	3.718	629
Feijões	3.904	710
Mexoeira (Pennicularia Spicata)	2.457	142
Mamona	1.089	514
Batata	1.096	161
Arroz	219	152

Nota: — .Na presente relação não se incluem os produtos reservados para a alimentação dos produtores, nem o algodão em coroço, que é todo produzido pelos indígenas.

Fonte: — Nota fornecida por um dos técnicos dos Serviços de Agricultura de Moçambique.

Segundo o mesmo informante, em 1950 o número de trabalhadores agrícolas europeus não atingia a 1.000 pessoas. E, se considerarmos que o país conta uma população de mais de 5.000.000 de habitantes, que bem ou mal terá que ser alimentada, poder-se-á avaliar a posição predominante do indígena como o verdadeiro agricultor do país. Agricultor, no masculino, é termo genérico aqui empregado, porque quem agricultа a terra em Moçambique é a mulher nativa, não só por tradição social africana, como porque, o varão indígena do país é dos que mais emigra, por causa do aliciamento para as minas dos territórios vizinhos. À mulher preta fica entregue a "machamba" (roça familiar) e a pesada carga de produzir alimentos para um povo de 5.000.000 de pessoas, além das obrigações que lhe são impostas pela maternidade.

Do reduzido contigente de agricultores brancos, os portuguêses se acham numèricamente em primeiro lugar, seguidos pelos gregos, elemães e britânicos. A rigor quase nenhum imigrou da terra de origem para estabelecer-se na África como agricultor, inclusive o português. Geralmente são pessoas que deixaram o serviço público ou emprêsas particulares em Moçambique, de cujos quadros do pessoal faziam parte, para se fixarem como agricultores, quase sempre após longo estágio no país.

5.9.2.1 — A cultura do coqueiro

a) **Distribuição geográfica** — Os palmeirais de significação econômica, quer plantados pelos grandes companhias ou os espontâneos, explorados pelos indígenas, chama-se ao longo da costa, em forma de

aglomerados correspondentes aos deltas dos grandes rios que vêm ter ao mar. A faixa dos coqueirais não possui largura superior a 20 km, a não ser no delta de Zambeze, ao redor de Chinde, em Quelimane, n afoz do Cuácua e mais para o norte, nas cercanias da localidade de Antonio Enes, onde forma bolsas que se aprofundam para o interior. Relativamente à latitude, os palmares que mais se afastam do Equador estão ao redor de Inhambane, capital da Província do Sul do Save, na altura do paralelo 20°S, onde se acha também a capital de São Paulo, no limite da zona tórrida com a temperada.

b) **Produtores** — A produção de copra é explorada por indígenas, pelas grandes companhias e por colonos brancos, cabendo a cada uma dessas categorias de produtores, respectivamente, 5.000.000, 4.000.000 e 1.000.000 de coqueiros. Os palmares da exploração gentílica, representando 50% dos coqueiros moçambicanos se concentram ao redor de Quelimane, capital da Província da Zambézia e pertencem a cêrca de 300.000 prêtos zambezianos. As grandes companhias produtoras de copra, que são a Cia. da Zambézia, a Cia. do Boror, a Sociedade Agrícola do Madal, têm os seus pamares na mesma região, elevando-se ali o total de palmeiras a pràticamente, 10.000.000. A vaidade dos portuguêses de Moçambique é exaltada por êsse fato, que mencionam, com justificado orgulho, por constituirem os coqueirais de Quelimane o maior palmar do mundo.

c) **Mercados** — Os tradicionais compradores da copra de Moçambique são a França, Alemanha e, sobretudo, os paises nórdicos. O consumo anual de Portugal é da ordem de 5.000 toneladas e a da própria colônia, de 3.000 toneladas, volume êsse pago a preços inferiores aos da paridade internacional.

d) **Histórico e importância econômica** — Os palmares de Quelimane, sobretudo, representam a mais antiga forma de extração de produtos da terra de origem vegetal de Moçambique. As primeiras plantações de coqueiros, com finalidade econômica, foram estabelecidas pela Cia. da Zambézia em 1892, embora em 1884 a aduana de Moçambique registrasse a exportação de copra, possìvelmente de coqueiros subespontâneos. (A palmeira "Cocus nucifera L." é originária da Índia). O tombamento dos coqueirais, efetuado em 1930 (um dos primeiros realizados), acusou os seguintes números: 68.000 ha de palmares; 7.000.000 de coqueiros em produção; 100.000.000 de frutos colhidos; média de 6.000 côcos por tonelada métrica. Em conseqüência a procura da copra no após guerra, a situação em Moçambique evoluiu e, em 1950, se expressava pelos seguintes números; 100.000 ha com palmeiras; 10.000.000 de coqueiros em exploração; 142.000 toneladas colhidas, correspondentes a um valor exportável igual a Cr$ 294.000.000,00. Segundo fomos informados, há mais alguns milhões de coqueiros novos que não entraram em produção. Conforme se poderá verificar pelo quadro 22, em 1950 o côco foi o produto líder da exportação de Moçambique, atingindo, com os seus produtos e subprodutos, ali figurantes sob a designação de copra, 28% do valor total das utilidades de Moçambique mandadas para o exterior.

e) **Notas sôbre a cultura** — As notas a seguir representam dados médios sôbre particularidades da cultura que apontamos nas vi-

sitas realizadas aos palmares e instalações das companhias "Boror", do "Madal" e da Zambezia.

Altitude — Cinco a dez metros acima do mar.

Solo Sílico argiloso, sendo que a maioria dos que se acham plantados eram excessivamente úmidos e tiveram que ser drenados para o estabelecimento das culturas. Em Quelimane as plantações acham-se sôbre dunas em forma de compridas faixas, em alternância com depressões no mesmo sentido e com a mesma forma, porém, alagadiças e, por isso impróprios ao coqueiro. Estas faixas, vão sendo aos poucos conquistadas para plantio de arroz, sob a orientação dos Serviços Orizícolas da Colônia.

Clima — Segundo informações do Diretor Gerente da Sociedade Agrícola do Madal, o clima de Quelimane, na região dos palmares, se apresenta de acôrdo com os dados a seguir, sôbre chuvas e temperatura, correspondentes a médias de mais de 15 anos, números arredondados.

Meses	Temp. média graus cent.	Pluviosidade m.m.	Dias chuvosos
Janeiro	27	267	10
Fevereiro	27	261	10
Março	26	179	8
Abril	25	143	7
Maio	23	81	6
Junho	21	68	5
Julho	20	82	6
Agôsto	21	28	2
Setembro	23	38	2
Outubro	25	42	2
Novembro	27	55	3
Dezembro	27	153	7

Segundo ainda o mesmo informante a temperatura média anual é de 24,5°C, ocorrendo as máximas em Novembro, quando atingem 40°C à sombra; a umidade atmosférica é de 75% a 80%; a pluviosidade anual média é de 1.400 mm; o número de dias chuvosos gira ao redor de 65 por ano.

Variedades cultivadas — "Cocus nucifera L.", introduzido das Índias.

Viveiros — A plantação no local definitivo é feita por meio de mudas formadas em viveiros e não por semeadura direta na cova. O viveiro funciona como germinador e viveiro ao mesmo tempo. Os cocos (sementes) são encanteirados de Fevereiro a Abril, a ceu aberto e cobertos por uma camada de terra de cinco centímetros; as mudas, após um ano, atingem 1 metro de altura; nessa ocasião são separadas do côco, as raízes aparadas e levadas para o local definitivo.

Covas e espaçamento — O coqueiro é plantado em quadro, no compaço de 10m x 10m. Nos palmares dos indígenas, quando por êles plantados, não são observados alinhamentos e a desordem das plantas dá a impressão de um bosque silvestre de palmeiras.

Adubação — À base de estêrco de gado, na proporção de 75 kg por palmeira.

Tratos culturais — Resumem-se a uma lavra superficial de 3 em 3 anos e manutenção de gado no palmar para pastar o capim e outras ervas espontâneas que recobrem o chão. As grandes companhias associam a pecuária bovina à palmicultura com êsse fim, e para fornecer carne à alimentação dos trabalhadores prêtos.

Inimigos da cultura — Insetos — Sob a denominação comum de escaravelhos são designados o "Oryetes Boas F." e o "Oryetes Monoceros Ol", que perfura o palmito sem, contudo, matar a palmeira, mas deixando-a sem produção por dois e três anos. Além dêstes há ainda o "Rhynchophoros Phaenicios" e o "Rhina Afzelli Fhs., cujas larvas evoluem também no broto terminal do coqueiro, bronqueando-o e causando os mesmos danos que os outros "escaravelhos". **Moléstias**-Sob a designação de **gangrena terminal,** é conhecida uma moléstia cujo agente não foi identificado, a qual causa a morte à palmeira. Na zona de Quelimane a **"gangrena terminal"** se manifesta sob a forma de reboleiras mais ou menos bem definidas. **Ervas daninhas** — Há apreciáveis ocorrências do sapé africano (Imperata cilindrica Beauv.), de difícil extinção.

Replantação — É operação impraticável, por causa do gado nas plantações.

Colheita — É feita, pràticamente, durante todo o ano, mas com maior intensidade nos meses de Março e Abril. O fruto, após colhido, ainda com a casca fibrosa, é disposto no palmar, sôbre o chão, e assim, em camadas não extratificadas, permanece por cêrca de 60 dias, para completar a maturação. Essa operação, que se realiza sob a ação do tempo, é chamada de "cura" do côco e serve também para facilitar a eliminação do pericarpo fibroso que, quase podre, se despega fàcilmente. Após esta operação, o côco fica tal qual como o adquirimos no comércio, para consumo doméstico e é então transportado para os postos de preparo da copra. A apanha é feita pelos prêtos que galgam quase o cume dos coqueiros, de onde derrubam os cocos por meio de seccionamento do respectivo pedúnclo. Um bom operário colhe 700 frutos por dia. A eleminação do pericarpo fibroso, após a "cura" é operação manual, com feição tìpicamente primitiva e por meio da qual um prêto hábil chega a descascar 2.000 cocos por dia. Êste serviço e o da apanha são pagos por "tarefa", como se diz em Moçambique.

Produtividade — O coqueiro, via de regra, inicia a produção dos 6 aos 8 anos, atinge a plenitude aos 15 e leva produzindo econômicamente até aos 40 anos, de quando em diante a produtividade entra em declínio. A produção média de uma palmeira é de 50 cocos por ano, com um rendimento médio de 150 gr de copra por fruto.

f) **Preparo da copra** — Obedece a uma série de operações, a maioria das quais é feita à mão, de maneira nada racional: **quebra do côco,** é a operação por meio da qual o prêto quebra o endocarpo com uma pancada vibrada à mão, com um simples segmento de barra de ferro, partindo o côco em duas metades e deitando fora a água do inteior; **secagem** — os pedaços de côco — endocarpo e amêndoa — são levados

para as estufas aquecidas a fogo, também de modelos primitivos, onde permanecem por 2 dias a 80°C no máximo, a fim de que por contração, provocada pela desidratação, a amêndoa se destaque da casca e, separadas estas, voltam as amêndoas para a estufa por mais 24 horas a 50°C e está finda a secagem; **classificação** — também é feita pelos prêtos da maneira mais empírica possível, os quais, acocorados, vão separando a copra em dois tipos — **clara** e **lisa** da **esfumaçada** e, geralmente rugosa, pelo excessivo calor a que foi submetida. Na exploração indígena, a secagem é feita ao sol.

g) **Embalagem** — A copra é acondicionada em sacaria de juta, de 50 kg, para exportação.

h) **Importância econômica das emprêsas visitadas** — Os números a seguir, englobadamente, poderão dar uma idéia da importância representada pelas três maiores companhias que exploram a copra em Moçambique, a "Boror", a "Madal" e a "Zambézia": área em palmares, 35.000 ha; coqueiros em produção, 5.000.000; exploração pecuária associada à palmicultura, representada por um rebanho com 25.000 bovinos; mão de obra, representada por um contingente de 14.000 prêtos assalariados; cêrca de 130 estufas para secagem; mais de 100 km de linhas internas de decovile, serviços de navegação por meio de lanchas e batelões para carregamento dos navios; hospitais, depósitos de alimentos para os prêtos, senzalas para indígenas; residências, por sinal que ótimas, devidamente mobiliadas pelas companhias, para o pessoal europeu da administração.

5.9.2.2. — A cultura do chá

Embora já tenhamos descrito esta cultura quando relatamos a visita à Quênia, achamos interessante passar para aqui os dados mais importantes acêrca da mesma em Moçambique, por serem as condições dali mais semelhantes às de São Paulo, que a dos países da África Oriental Inglêsa — as zonas chàzeiras de Moçambique se acham ao sul do paralelo 17°S e as plantações estão estabelecidas em terrenos bem mais baixos que os de Quênia e Tanganica.

a) **Histórico** — Data de 1924 a primeira usinagem do chá em Moçambique. Não obstante, as tentativas iniciais ao estabelecimento da sua exploração datam de 1914, estimuladas pelos bons resultados da cultura da teífera, alcançados no protetorado britânico da Niassalândia, confrontante com Moçambique. Após a última guerra, época que coincide com a perda das colônias inglêsas do Oriente, o chá passou a ser procurado pelos britânicos e também por norte-americanos em outras fontes de produção. Desde então, em Moçambique, a sua exploração vem se desenvolvendo em progressão geométrica e, senão vejamos — 5.000 ha cultivados em 1945 (antes da última guerra) mais de 10.000 ha plantados com a teífera em 1950; e o número de usinas, de seis, passou a dez, com capacidadepara usinar 4.000 toneladas, tendo em vista que a safra de 1950 foi de 3.000 toneladas de chá exportável.

b) **Zonas chàzeiras** — Concentram-se na Província da Zambézia os três núcleos de exploração do chá em Moçambique, a saber — Milange, Gurué e Tacuane. A cultura iniciou-se pelo primeiro dêsses cen-

tros, embora as plantações e usinas de preparo do Gurué, sejam hoje as mais importantes. do país.

c) **Produtores** — A exploração do chá requer vultuoso investimento e obriga a imobilização de capital sem retribuição pelo menos durante 3 anos, até o inicio da produção das lavouras. Por essa razão, em Moçambique, a indústria do chá constitui monopólio de grandes organizações capitalistas metropolitanas. Sem embargo, há produtores de fôlhas, tributários das grandes companhias, e estas, além da produção própria, compram a matéria prima dêsses produtores para usiná-la e exportá-la sob suas marcas. Contudo, não há indígenas cultivadores da teácea em Moçambique. Tôda a atividade ligada ao chá constitui exclusividade de europeus. Os indígenas participam da produção como operários assalariados. As principais emprêsas por nós visitadas no Gurué, foram as da Cia. da Zambézia (Secção de Chá) e a Cia. Junqueiro. A primeira possui um chàzal de 864 ha, enquanto que a segunda, além da produção própria, que é de 500 toneladas de fôlha, prepara, em suas usinas, anualmente, mais de 500 toneladas de matéria prima adquirida de pequenos produtores. A área coberta com as plantações de chá no Gurué é estimada em 8.000 ha.

d) **Mercados** — Até a última guerra a Inglaterra era a maior importadora do chá de Moçambique. Após o conflito, os Estados Unidos entraram no mercado do chá moçambicano e em 1950 lideraram as compras com uma importação de 2.000 toneladas, seguidos da África do Sul com 264 toneladas e Portugal com 204 toneladas. Como compradores de menor vulto figuram Angola, Congo Belga e outras colônias africanas de dominação inglêsa e francêsa.

e) **Importância econômica** — A exportação do chá é atividade econômica de natureza agro-industrial, das mais recentes de Moçambique. Não obstante, em pouco mais de 25 anos, conseguiu o chá alçar-se à condição de quarto produto em valor na pauta exportadora de 1950. Nesse ano o chá representou 9% do valor total da exportação, com uma contribuição de 3.000 toneladas, valendo Cr$ 65.000.000,00.

f) **Nota sôbre a cultura**

Altitude — No Gurué a altitude média das áreas plantadas é de 800 metros, enquanto que em Milange as culturas estão estabelecidas desde 400 até 1.200 metros acima do mar.

Solo — São vermelhos, mais ou menos argilosos, ácidos, outrora cobertos pelas "florestas mistas".

Clima — No Gurué a pluviosidade anual, média, é de 1.900 mm, com 100 dias chuvosos e temperatura média 23°C.

Parece-nos, especialmente ante êstes dados, que a cultura do chá deveria ser melhor sucedida em São Paulo, se se estabelecesse em terrenos de maior altitude, com clima mais quente e úmido que o de Registro. Pensamos na Serra do Mar, nos arredores de Ubatuba, em terrenos de meia encosta, onde seria encontrado ambiente dos melhores, no Estado de São Paulo, para a cultura da teífera.

Topografia — A região do Gurué é serrena e significativamente ladeirenta. A conformação do terreno, tipo de solo e alta pluviosidade, concorrem poderosamente para a deterioração das terras pela erosão. Segundo verificamos no Gurué, o chá das áreas mais elevadas é de

melhor qualidade, embora a produção seja um pouco menor, enquanto que com as lavouras dos terrenos de menor altitude se dá o contrário. Êste é mais um argumento a favor da nossa tese sôbre a superioridade da zona alta de Ubatuba para a cultura do chá, em relação à zona de Registro, que é baixa e menos chuvosa.

Variedades cultivadas — Segundo nos informou o agrônomo da Cia. da Zambézia, as culturas de Moçambique, sobretudo, as do Gurué, foram estabelecidas com híbridos do **Chá da China x Chá da Índia,** provàvelmente "Thea sinensis L." x "Thea assannica Mast.". Esta última é uma variedade da própria espécie Thea sinensis L., que, por sua vez, é a forma típica da espécie. A hibridação não foi conseguida em Moçambique. O agrônomo da Cia. da Zambezia, baseado na grande segregação que se vem verificando entre a descendência de plantas propagadas por sementes, afirmou-nos tratar-se de cruzamento entre indivíduos de constituição genética diversa, uma vez que êste é o método mais empregado em Moçambique para a multiplicação do chá. Quanto à qualidade e rendimento, informaram-nos que o produto das variedades indianas alcança menor pêso, sendo, em compensação, mais aromático que o chá chinês.

Viveiro — As mudas são obtidas de sementes em viveiros e, quando atingem 12 meses, são levadas para o terreno definitivo. Pareceu-nos estranha essa forma de multiplicação, que dará margem a segregação do híbrido, enquanto que se fôsse feita por meio de pequenas estacas, contendo uma gema e a respectiva fôlha, como vimos em Quênia, êsse inconveniente seria evitado. E a propagação por via assexuada apresentaria a vantagem de só serem multiplicadas as plantas mais produtivas. A segregação e o conseqüente aparecimento de plantas diferentes, forçosamente influirá na qualidade do chá, mòrmente sendo a fôlha a parte da planta utilizada. O argumento invocado em Moçambique é de ordem econômica, pois julgam menos dispendiosa a multiplicação por sementes e, para contornar os inconvenientes, procedem a um rigoroso "roguing" das plantas atípicas, no viveiro.

Modo de plantio, espeçamento — As lavouras mais antigas acham-se plantadas em quadro, no compaço de 150cm x 150cm, enquanto as mais novas vêm sendo estabelecidas nas distâncias de 1m x 1m, porém não em linhas de nível. Explicaram-nos que o espaçamento avantajado das primeiras plantações fôra usado como justificativa para obtenção de maiores concessões de terras, ao govêrno. Nas plantações estabelecidas a 150cm x 150cm, estão procedendo um adensamento com a intercalação de mais um planta no vão de quatro pés, a fim de contornar os inconvenientes do compaço largo.

Erosão — A topografia acidentada e o regime de chuvas cêdo revelaram os inconvenientes da plantação em quadro, modalidade que favoreceu o arrastamento de terra pelas enxurradas. Nas lavouras da Cia. da Zambézia estava sendo adotada a prática conservacionista de valas de secção quadrada, em contôrno, cada quatro ruas de chàzeiros, em média.

Adubação — Consta da incorporação de 400 kg de sulfato de amôneo p/ha, em cobertura, em duas épocas: 200 kg em Outubro e igual quantidade em Janeiro. A base média por planta e por ano é de

116 gr ou 58 gr por pé em cada aplicação. Tratando-se de produção de fôlhas, a adubação azotada é, de fato, a mais indicada. A Cia. da Zambézia possue junto às plantações de chá, no Gurué, um rebanho de 1.500 cabeças de gado, do qual obtém estêrco, preparado sob o piso dos animais. Êsse estrume é aplicado em cobertura, à razão de 10 toneladas p/ha, nos talhões destinados a receber a poda de renovação, de sorte que a galharada resultante da operação fica sôbre o estêrco.

Poda — As mudas em formação, após sairem do viveiro, permanecem no terreno definitivo até atingirem 70 cm de altura, quando são seccionadas a 40 cm do chão, a fim de que a emissão de certo número de brotos permita imprimir à planta a forma de taça. Quando os novos ramos alcançam o comprimento de 25 a 30cm, são novamente podados a 15 cm da inserção na haste central, ficando a planta com estrutura necessária para tomar a forma de taça, cuja parte superior se torna plana pela colheita e as plantas, tocando-se umas às outras, dão ao chàzal a feição de um extenso tapete verde, a que denominam "mesa de colheita". No fim de 3 anos o pé de chá estará formado e em condições de produzir econômicamente durante um triênio. Dessa época em diante, são feitas as podas de produção ou de renovação, consistindo na eliminação de 2/3 da planta (seja dos galhos secundários que compõem a taça), cada dois anos. Esta operação tem lugar após a colheita, geralmente em Julho e Agôsto.

Sombreamento — As plantações do Gurué não são sombreadas, mas o agrônomo da Cia. Zambézia informou-nos ser sua intenção tentar o sombreamento, com uma "Albizia sp" e com outra essência local, a que dão o nome de jacarânda. Não ficamos sabendo qual razão do sombreamento.

Inimigos da cultura — Em Moçambique ainda não são conhecidos inimigos da cultura com significação econômica.

Tratos culturais — Resumem-se em capinas e enxada, praticadas à razão de uma por mês, durante a estação chuvosa e ceifando o mato, em vez de extirpá-lo.

Colheita — É praticada à mão (e nem poderia deixar de sê-lo), de Setembro a Junho.

g) **Usinagem** — As usinas do Gurué estão modernamente equipadas, tão bem quanto as de Quênia, mas duas máquinas chamaram a nossa atenção: os modernos **roladores** que trabalham **com movimentos desencontrados** sob pressão, com a finalidade de misturar os enzimas ao suco celular, eliminar o excesso de tanatos, homogenizando a massa de fôlhas pelo encaracolamento das mesmas; a máquina a que chamam de **"CTC"** cuja função é promover a dilaceração das fôlhas após o rolamento, para favorecer a fermentação, por meio de cilindros de superfície aspada e animados de movimentos em sentidos contrários. O rolamento e a dilaceração, são duas operações das quais muito depende a qualidade gustativa do chá. As outras fases da usinagem não diferem do processo de preparo do chá em Quênia.

h) **Qualidade do chá** — O produto de Moçambique rivaliza com o de Quênia e tem boa aceitação na Inglaterra.

i) **—Médias de produção** — As produções médias são da ordem de 600 kg p/ha de chá exportável. É um rendimento baixo, atribuível,

possìvelmente, ao espaçamento largo adotado em Moçambique. A colheita de 2 fôlhas e grelo terminal é que produz a média acima citada, entretanto, a apanha de mais de uma fôlha eleva a produção para cêrca de 900 kg p/ha, mas essa prática difìcilmente deixará de comprometer as qualidades aromáticas e gustativas da infusão. Segundo fomos informados, os indígenas são operários eficientes do ponto de vista da perfeição dos serviços, mas lentos, o que faz baixar o rendimento do trabalho.

5.9.2.3. — A cultura do café

Pràticamente Moçambique não possui cafeicultura. Tempos houve que algumas lavouras vicejavam na Serra da Gorongosa, ali estabelececidas pelos padres brancos, pioneiros da exploração cafeeira no país. O craque de 1930 e o ataque dos cafeeiros pela **Hemileia vastatrix** determinaràm o abandono dessas primeiras lavouras do **C. arabica** naquelas terras altas.

Moçambique é país importador de café, não obstante possuir áreas adequadas à cultura econômica do **C. canephora** (café Robusta). E não é só, é importador de chicórea como similar do café. Até 1940 a chicória holendêsa representava cêrca de 15% do volume da importação de café. Em 1941 a Comissão Reguladora da Importação de Moçambique beixou instruções condicionados a importação de cafés estrangeiros à entrada de determinada quota do café do Império Português. A medida teve a virtude de fazer aumentar a importação de café de Angola, São Tomé e Príncipe em detrimento do produto estrangeiro. E com a chicória se observou fato idêntico — baixaram as entradas do produto dos países baixos e aumentaram as importações de chicórea do Império Português. A medida estimulou a produção de chicórea nos territórios lusos, para concorrer com o próprio café de outros territórios de dominação portuguêsa, o que, evidentemente, é de estranhar-se.

a) **Ausência de uma cafeicultura próspera** — A nosso ver, foram os seguintes os fatos que impediram o estabelecimento de uma cafeicultura de maior importância em Moçambique:

1.º) O quase nenhum valor do produto das espécies indígenas no mercado internacional. E o mesmo não se pode dizer de Angola, cujo cafeeiro em exploração é o **C. Canephora** (café Robusta) expontâneo daquele país, mas francamente aceitável no comércio mundial, nestes tempos de escassês do produto, não obstante as suas más qualidades.

2.º) A valorização do chá simultâneamente ao craque do café de 1930, deve ter desviado a atenção dos capitalistas moçambicanos para o desenvolvimento da exploração da teácea, porque a abertura das zonas chàzeiras coincide com a crise do café.

3.º) O insucesso de cultura do **C. arabica** mesmo nas zonas altas, por causa do ataque da **Hemileia vastrix** deve ter sido outro fator de desinterêsse pela cafeicultura em Moçambique.

4.º) A tradicional falta de braços, com que luta Moçambique, por causa do aliciamento de prêtos para as minas do Rande, também deve influir no ânimo de quantos pensam em lavoura de café, por causa

da copiosa mão de obra exigida pela cafeicultura. Exemplo dessa situação e a indústria do chá, em constante luta com a escassês do braço assalariado tanto para as fainas do campo como para as das usinas, o que a impede de expandir-se.

5.º) Finalmente, o govêrno geral, refletindo o interêsse imediato da Metrópole, pela sua indústria têxtil, não tem plano de desenvolvimento da cultura cafeeira, prêso como se acha ao problema da expansão algodoeira, para onde necessita encaminhar os escassos excedentes de mão de obra de Moçambique.

Não obstante essa série de significativos fatores oponentes à cafeicultura, acreditamos que os altos preços do café acabarão por superá-los como imperativo econômico e a atenção dos capitalistas e até do govêrno do país se voltarão para a rubiácea. A prosperidade de Angola deve influir diretamente no ânimo dos europeus de Moçambique. Não será, por isso, de estranhar, que mais um concorrente do Brasil surja na África, embora com maus cafés. Em palestra com o Governador Geral de Moçambique, o ilustre Comandante Gabriel Teixeira — durante a recepção que nos ofereceu, focalizamos o caso da ausência de uma próspera cafeicultura no país. Pelas respostas que foram dadas percebemos que sua excelência cautelosamente, não deseja o deslocamento de fôrças econômicas empenhadas no desenvolvimento da cotonicultura que é uma realidade, para estimular uma cafeicultura de sucesso duvidoso, não só por causa das condições adversas à obtenção de bons cafés como por causa de uma superprodução do Brasil. Durante tôda a nossa viagem surpreendemos sempre, em todos os homens de govêrno e cafeicultores com os quais nos avistamos, a preocupação e o temor da nossa produção. É que êles, como observadores de fora, se apercebem melhor do que nós mesmos da nossa previlegiada posição de termômetro da produção cafeeira mundial. O nosso segrêdo seria pois, produzir muito mais a preços mais baixos, a fim de desencorajar os concorrentes de fato e os potenciais como Moçambique.

b) **Especies cultivadas** — Os cafeeiros, cuja produção é explorada em Moçambique, pertencem às seguintes espécies indígenas: "Coffea Eugenioides", "Coffea Swynnertonii S. Moore" e "Coffea Ibo Froehner". Os cafeeiros das duas primeiras espécies são espontâneos do litoral sul do país, enquanto que o da última o é no norte da costa. As lavouras são rudimentares, de modesta extensão, não passando de pequenos lotes espalhados pelas fazendas, formadas com plantas retiradas da mata, ou originárias de sementes colhidas de árvores matrizes espontâneas.

c) **Zonas adequadas ao cafeeiro** — Pareceu-nos que as regiões altas de Moçambique, ocupadas com o chá reunem condições propícias à cultura do cafeeiro, se não as do **C. arabica**, pelo menos as do **C. canephora** (café Robusta). O Gurué, a Gorongosa, o Milange e Tacuane, na Província da Zambézia, constituem, a nosso ver, o melhor ambiente para o cafeeiro. Ainda são regiões potenciais para o **C. canephora** as zonas elevadas da Província de Niassa: Ribaué, Nampula, Malema e Liupo. Na orla litorânea, os **Eugenioides** são espontâneas, destacando-se os atuais núcleos de exploração, do norte para o sul: o Ibo na Pro-

víncia da Niassa, Quelimane na Província da Zambézia e Inhambane na Província do Sul do Save.

Não acreditamos em culturas econômicas do **C. arabica** em Moçambique. Segundo soubemos, a **Hemileia vastatrix** foi constatada no país e as zonas consideradas altas para o cafeeiro não possuem altitude acima da linha de incidência da moléstia que, em quase tôda a África cafeeira, se acha mais ou menos à 1.500 metros acima do mar.

d) **Estatística** — Não conseguimos dados recentes da cafeicultura moçambicana, senão os referentes ao período 1930-1944 (Relatório do Chefe dos Serviços da Agricultura, 1940-1944). Segundo essa fonte, em 1944 a área com cafeeiros era de cêrca de 1.700 ha, distribuídos pelos seguintes distritos: Inhambane, Província do Sul do Save, 400 ha; Quelimane, Província da Zambézia, 600 ha; Nampula, Província, da Niassa, 650 ha. Em 1930, 14 anos antes, a superfície conhecida, com cafeeiros, era de 2.300 ha: houve portanto, uma diminuição da área cultivada, de mais de 600 ha. E, por ocasião da nossa visita, a situação não se havia alterado. Cumpre notar que os lotes de cafeeiros estão sempre associados com roças de plantas anuais, como o algodoeiro, feijão, milho, etc, ou intercalados com plantas perenes, como o cajueiro (Anacardium ocidentale Lin.), o coqueiro (Cocus nucifera Lin.) e a sumaumeira (Eriodendrum samauma). Esta árvore, originária do Brasil, produz uma fibra semelhante á do algodão. A produção de café de 1941, uma das maiores até 1944, atingiu 900 sacos beneficiados, correspondentes a uma média de pouco mais de um saco beneficiado, de 60 kg p/ha, ou cêrca de pouco mais de dois sacos de café em côco por mil pés. A produção como se vê, é baixa, não se perdendo de vista que a cafeicultura de Moçambique tem feição econômicamente precária.

e) **Preparo do produto** — É o mais arcáico possível: seca ao sol em terreiros de terra e descasque em pilões.

O produto dos cafeiros indígenas é consumido nas fazendas, e os saldos são vendidos às cidades onde os bebedores mais exigentes o misturam com café importado. Como predominam as entradas de café Robusta de Angola, que por si só tem um paladar infame, a mistura com os **eugunioides** de Moçambique deverá ser qualquer cousa de intragável, a não ser atenuado pelo leite, quando consumido em mistura com êste.

5.9.2.4 — Impressões gerais de Moçambique

Disciplina, ordem e asseio — São dignos de nota o bom estado dos edifícios públicos do interior do país, cujo asseio e conservação são um traço da alta administração do país. Tem-se de reconhecer que o confôrto interno daquelas casas, com bons quartos de banho, confortáveis dormitórios, etc., são um produto da influência saxônica que assedia Moçambique. Fôrça é reconhecer que o confôrto doméstico não é um traço do português e prova-o as sujas hospedarias das pequenas cidades de Angola, que nada ficam a dever aos sórdidos hoteis da maioria das cidades do interior paulista. A disciplina do pessoal dos postos e circunscrições também chama a atenção do forasteiro. O ajardinamento das sedes das administrações, com canteiros de cercadura de tijolos,

geralmente em ponta, pintados de branco, embora de pouco gôsto, são um traço infalível da cultura portuguêsa, transportada para a África.

Rodovias — A maioria das estradas é de leito de terra macadamizado. O bom estado de conservação de quase tôdas e a arborização marginal com mangueiras e cajueiros em muitas delas, tornam agradáveis as viagens de automóvel pelo país.

Tipo de habitação indígena — Segundo nos informaram, a razão de ser das cubatas de secção cilíndrica dos nativos reside na facilidade de se aquecerem internamente, por causa da forma. O fato é confirmado pela recíproca representada pelas casas de secção retangular, comuns na costa, onde a disposição cubista permite maior circulação de ar, por via do qual se amenisa o abafamento na faixa litorânea. Em Moçambique, como em Tanganica, as casas retangulares são de telhados de palha, de duas águas, quase sempre com alpendre na frente, sustentado por colunas de madeira, denunciando aculturação árabe. As cubatas cilíndricas têm telhados cônicos, também de palha. Em qualquer dos casos a morada indígena é quase sempre de paredes de barro, armado em estrutura de paus roliços. Mais tarde, quando estivemos no Oubangui-Chari, país da África Equatorial Francêsa, cujo clima é equatorial, só vimos moradias indígenas como as da costa de Moçambique, o que confirma a tese de melhor ventilação nas edificações retangulares.

Formas de povoamento — O negro africano, como o índio do Brasil, vive em aldêias dispersas, cuja localização se prende à água, terras agricultáveis, etc. A dispersão lá, como aquí, é fator de desorganização e de impossibilidade de disciplinamento da população. Nas colônias inglêsas e belgas êsse traço cultural africano está pràticamente intacto. Os portuguêses e francêses, na África, são mais realistas que belgas e inglêses. Romperam dràsticamente com as formas tradicionais de povoamento e subordinaram-no ao sistema rodoviário. As moradias indígenas, nas colônias portuguêsas e francêsas, estão aldeiadas em linha ao longo das rodovias. As vantagens do sistem são óbvias: permitem contrôle político; facilitam o policiamento sanitário, sobretudo o combate à mosca do sono; arregimentação para o trabalho compulsório (em Moçambique e Angola); senso demográfico; transporte da produção agrícola, etc. Se os inglêses de Quênia tivessem adotado a técnica latina de contrôle, talvez a dominação dos quicuius da mau-mau fôsse possível. O exemplo de Moçambique e Angola, nesse particular, vale por uma sugestão ao Brasil, para o fim de disciplinar o povoamento das áreas interioranas, por meio de uma política de atração das populações para a margem das rodovias, porque temos de reconhecer que o maior obstáculo do combate à desorganização da vida rural brasileira é a forma de povoamento, dispersa e à beira dágua.

Uso da bicicleta — Em Moçambique, como em Uganda, Quênia, Angola, Congo Belga e países infestados pela mosca do sono, a bicicleta está largamente difundida como substituinte dos animaes de sela e tiro para o transporte pessoal dos indígenas. Atrai a atenção do visitante, não só a quantidade de bicicletas em uso, como o número de casas co-

merciais que negociam o artigo. Em Quênia, até os ônibus têm lugar adequado sôbre o teto do veículo, para transportar também as bicicletas dos passageiros, pois êstes, quando vão de uma localidade a outra, mesmo de ônibus, carregam a sua égua mecânica.

Em Moçambique narraram-nos interessante fato a respeito de bicicletas e fabricação clandestina de bebidas alcoólicas, que dão bem idéia da engenhosidade do prêto moçambicano. Por um convênio internacional vigorante a partir de 1932, foi interdito o fabrico de aguardente e outras bebidas alcoólicas em áreas coloniais; por fôrça dessa disposição, foram fechadas as fábricas de bebidas, o que acarretou até falências de firmas dedicadas a êsse ramo industrial; desde então começaram a proliferar as distilarias clandestinas dos nativos, não obstante um severo policiamento, destruição dos aparelhos de distilação e punição dos contraventores; produtos como batata doce, milho, mandioca, banana, arroz, deixavam de ser utilizados como alimento para servirem de material fermentecível para distilação; a falta de material para as serpentinas passou a constituir a maior dificuldade para a montagem dos distiladores, já que as demais partes poderiam ser improvisadas com latas, vasilhame de barro, etc.; o alcoolismo é hábito largamente generalizado entre os indígenas, de qualquer sexo e até mesmo entre adolescentes; uma intensificação súbita do consumo de bicicletas começou a se verificar a ponto do surto do comércio haver chamado a atenção das autoridades; investigada a causa, verificaram que as bicicletas eram desmontadas e os canos que formam o "quadro do veículo, eram utilizados na confecção das serpentinas para os destiladores; um severo contrôle no comércio e uso de bicicletas conseguiu fazer baixar os índices do alcoolismo entre os nativos de Moçambique.

Lourenço Marques — Esta moderna e bem planejada urbe, com ruas, avenidas e praças amplas, cuidadosamente arborizadas, não se assemelha a uma cidade d'África, mesmo porque, quase não se vêm prêtos. É uma cidade moderna, caprichosamente asfaltada em que a arborização a identifica com o meio. Pensamos que, por muitos anos, a capital de Moçambique não terá os tremendos problemas urbanos que tanto assoberbam as principais cidades de São Paulo, a começar pela nossa Capital. Mas com isso não desejamos dizer que a cidade não se desenvolve. Pelo contrário, acha-se dinamizada no sentido da expansão por uma fôrça que, possìvelmente, nenhuma outra cidade do Império Colonial Português conhece, com exceção talvez, de Lisbôa, que se está rejuvenecendo admiràvelmente. Acha-se a cidade muito bem dotada de hoteis que se abarrotam de novos ricos da África do Sul, da mais variada origem.

Industrialização — Moçambique está realizando um esfôrço no sentido de industrializar sua produção agrícola. Máquinas, as mais modernas, acham-se a serviço da usinagem do algodão, chá e sisal e, ùltimamente, do descasque das amêndoas de sementes de cajú. Seguindo essa inteligente política, a produção sai do país valorizada pelas primeiras transformações. Entretanto, êsse esfôrço pouco concorre para o incentivo à colonização branca de fixação. As grandes emprêsas logram atrair con-

tingentes de europeus para seus quadros administrativos, de modesta significação numérica e de fixação duvidosa na colônia; essa emigração não tem o atrativo de um pedaço de chão, meio pelo qual o colono haveria de se fixar à nova terra.

Economia dirigida — As atividades econômicas de Moçambique estão controladas por entidades governamentais, às quais os portuguêses denominam "órgãos de coordenação econômica". São cinco os instrumentos de direção dêsse gênero por meio dos quais o govêrno geral controla a produção e comércio da colônia: Comissão Reguladora da Importação, Junta da Exportação, Conselho de Câmbio, Junta de Exportação do Algodão Colonial e Junta de Exportação dos Cereais das Colônias. As duas últimas entidades são organizações metropolitanas, com funções específicas de contrôle de determinados produtos, cuja ação se exerce nas colônias por meio de delegações e são chamadas de juntas imperiais. Os três primeiros organismos têm ação de âmbito local, são diretamente supervisionadas pelo Govêrno Geral, e seus nomes sugerem as funções que desempenham. As juntas são órgãos disciplinadores da produção e comércio, semelhantes aos "boards" britânicos.

Em Angola, "os organismos de coordenação econômica" têm funções idênticas às de Moçambique. Enquanto nesta colônia a Junta de Exportação do Algodão Colonial ocupa posição de destaque, em Angola é a Junta de Exportação do Café Colonial que desfruta as prerrogativas de autarquia do produto mais nobre da economia do país. As juntas são estipendiadas por taxas que recaem sôbre a exportação dos produtos por elas controlados. Elas têm sede em Lisbôa, não fazem comércio dos produtos por elas regulados, mas controlam as atividades comerciais dos importadores da Metrópole e dos exportadores das colônias. Segundo nos informaram em Lisbôa, as juntas terão vida transitória e se extinguirão quando a sua tutela fôr julgada desnecessária ao disciplinamento da produção e comércio do café, algodão, cereais, etc.. A ação das mesmas, como se vê, vem se exercendo sôbre os produtos chaves da economia colonial, a maioria dos quais são a expressão do capitalismo metropolitano nas colônias. Uma das funções mais importantes das juntas é garantir o abastecimento de matérias primas e artigos de alimentação à Metrópole. As juntas imperiais têm ainda a seu cargo a experimentação das culturas cuja produção é por elas controlada, bem como o serviço de fomento agrícola, respectivo. Por essa razão, em Moçambique, como em tôda a África por onde andamos, há dualidade de serviços de experimentação e fomento agrícolas: os departamentos governamentais ordinários também possuem êsses serviços. As juntas imperiais, como organizações autárquicas, com renda própria, têm grandes facilidades para a movimentação de recursos financeiros. E, por essa razão, os seus serviços técnicos, com pouco mais de um lustro, apresentam avanço e resultados obtidos incomparàvelmente superiores aos da administração ordinária, embora êstes sejam, às vêzes, cinqüenta anos mais antigos que os serviços das juntas. Exemplos frisantes são o incremento da produção e avanço na pesquisa agronômica do algodoeiro em Moçambique e a do café em Angola. Aliás, a ação rápida em

conseguir resultados nas colônias, por meio das autarquias, vem sendo por nós salientado e é fato comum também às colônias britânicas, belgas e francêsas. A nós, pesquisadores, causou inveja a facilidade com que as autarquias do gênero das descritas, avançam na investigação agronômica, por se acharem desatreladas da clássica burocracia governamental. Em Moçambique, a "CICA", sigla pela qual se abrevia a denominação do "Centro de Investigação Científica Algodoeira", departamento de pesquisa e fomento agrícola da Junta de Exportação do Algodão Colonial, constitui exemplo edificante de quanto podem as autarquias, quando honestamente administradas, para arredar a burocracia organizada que, por quase todo o mundo, constitui barreira às elites intelectuais à serviço do Estado.

Imigração portuguêsa — Em Moçambique, a rigor, não há portuguêses recém-chegados, a não ser funcionários da administração pública ou das emprêsas capitalistas. E os poucos que alí aportam ficam nas cidades. A maioria dos lusos com os quais tivemos contato no interior do país, não pertencentes à administração pública, não alimentam grandes esperanças de prosperidade, e não escondem o indisfarçável desejo de se estabelecer no Brasil. É de desinterêsse a atitude dos portuguêses da Metrópole, com vistas à imigração para Moçambique e para Angola, mesmo com os altos preços do café. Os ordenados dos técnicos, especialmente agrônomos, que se dispõem a ir para a África, dizem bem da escassês de quem deseje embarcar para a colônia: um agrônomo em Portugal vence mensalmente Cr$ 4.000,00 escudos ou Cr$ 3.200,00 ao câmbio de Cr$ 0,80 por escudo, enquanto em Moçambique ganha .... 10.000,00 escudos ou Cr$ 8.000,00.

Portugal vence mensalmente Cr$ 4.000,00 escudos ou Cr$ 3.200,00 ao se torna cada dia mais agudo. Externaram-nos alguns homens do govêrno, com os quais nos avistamos, sua opinião acêrca do assunto, manifestando indisfarçável receio da situação que se lhes apresentará por volta de 1960. Em Lisbôa, trocando ideais com o Dr. Salvador Lucena, Presidente da Junta de Exportação do Café Colonial, acêrca da conveniência da reabertura da imigração portuguêsa para o Brasil, Sua Excia. não escondeu sua simpatia para essa solução, ao problema do excesso de população portuguêsa, mas ponderou que o impecílho eram as dificuldades impostas pelo govêrno brasileiro, aos portuguêses, para fazerem as costumeiras remessas de dinheiro à Portugal. A imigração para as colônias parecia-lhe, por isso, a solução imediata para o problema, mas ao mesmo tempo, contou-nos que o govêrno do seu país se deparava com a impossibilidade de encaminhar uma corrente de emigrantes para as colônias, mesmo para Moçambique e Angola, porque aquêles territórios não apresentavam condições satisfatórias para receber grandes contingentes de colonos. Mas acentuou que os portuguêses das colônias podiam remeter dinheiro livremente às suas famílias em Portugal. Contatos com outras pessôas em Portugal e nas colônias, deixaram bem claro que a pedra de toque da emigração portuguêsa para o Brasil era o retôrno à tradição das remessas de dinheiro para Portugal. E não foi sem mágua que ouvimos repetida, especialmente em

FIGURA 24 — Aspectos de Moçambique, exploração da secagem da copra; "C", cocos em processo de "cura"; "D", 7/8/50: "A", pretos classificando copra; "B", estufa para copra com a embalagem de exportação.

Angola, a falsa história de que o govêrno brasileiro estava sequestrando bens de portuguêses aqui residentes.

Era secular a praxe de os portuguêses, que para aqui sempre emigravam em número crescente, fazerem remessa de dinheiro para pessôas de suas famílias que ficavam na "santa terra". Uma soma apreciável de esterlinos saia do Brasil para Portugal todos os anos. A tradição mais que secular consagrara o hábito. Acontece, porém, que o nosso govêrno foi obrigado a lançar mão de medidas de ordem geral, no sentido de restringir a remessa de divisas para o exterior. E, como não poderia deixar de ser, as remessas para Portugal tiveram quase de cessar. O govêrno luso não recebeu com a devida isenção de ânimo a medida, passando a dificultar a emigração para o nosso país iniciando, simultâneamente, o encorajamento migratório para a Venezuela, de onde os imigrantes poderiam enviar dinheiro à Portugal. Os primeiros lusos chegados àquêle país encontraram trabalho, mas boa parte do contingente para lá encaminhado não teve a mesma sorte, caindo, não poucos, na indigência. Não foi sem razão que um ilustre diplomata nosso, nos disse certa vez, que o govêrno português dava à emigração para o Brasil, um sentido argentário. Procedimento, aliás, idêntico ao da Espanha.

O Brasil constitui reserva universal para colocação de excedentes demográficos. A Itália sobretudo, e o Japão, vêm revelando grande descortínio político, procurando, a qualquer preço, manter o rítmo migratório de seus filhos para o Brasil. Os governantes daqueles países não ignoram a importância que dêsse fato lhes advirá na conjuntura mundial do porvir. Mas o nosso país, através de São Paulo, por excelência, recebe colonos de quase todo o mundo e cada um que aquí aporta e se fixa, constitui reservas culturais das respectivas terras de origem e que hão de influir na formação étnica e cultural do brasileiro. E à atual população do país, legatária da cultura lusa, não interessa que os alicerces dessa herança sejam alterados. O brasileiro de hoje, e com maior razão o de amanhã, não será um luso na América, mas o homem resultante do amalgama das culturas ocidentais, ameríndias, afras e orientais, assentados em alicerce de cultura lusa. Os traços dessa herança, como o espírito de solidariedade humana, nenhum preconceito de raça, a religião, o conceito de família e êsse inexedível amor das mães aos filhos, só igualado pelos próprios portuguêses, ainda nos dominam e caracterizam.

As linhas da tradicional emigração lusa precisam ser modificadas. Até aqui vimos recebendo a boa e simples gente da aldêia, e também das cidades, mas de nível educacional baixo, com marcada predominância de analfabetos. Sem pretender que se suprima essa corrente, achamos que elementos de elite também precisarão participar do fluxo migratório, devendo, para isso, ser encorajados, técnicos, professores e estudantes. A organização de um sistema de troca de bolsas para adolescentes teria salutar efeito para o conhecimento recíproco das duas terras, quase pátrias comuns à brasileiros e à portuguêses. Êsses emigrantes do tipo valorizado, digamos, embora em menor número, representarão uma fôrça viva atuante no sentido da consolidação e aviventação dos traços fundamentais da cultura lusa no Brasil. É óbvio que

FIGURA 25 — Aspectos de Moçambique: "A", operação de destaque do coco palmar da Sociedade Agrícola do Madal, Província da Zambezia, 7/8/50; "B", grupo apanhado em frente a um cafeeiro indígena de Moçambique, possivelmente o Coffeea swynertonnii, S. Moore, Estação Experimental do Umbeluzi, distrito de Lourenço Marques, 9/8/50; "C", mulher indígena preparando fubá ao pilão, Barra do Limpopo, Província do Sul do Save, 10/8/50; "D", usina de chá, Companhia Junqueiro, Gurué, Província da Zambézia, 6/8/50; "E", cultura do chá, residência do agrônomo encarregado, arquitetura moderna em Moçambique, Cia. da Zambézia, Gurué, Província da Zambézia, 6/8/50.

a nova corrente deveria ser encaminhada para São Paulo — o pórtico do Brasil à entrada do emigrante. A terra paulista constitui o grande caldeirão brasileiro onde as culturas se estão cosinhando. Por imperativo geográfico e agora econômico e financeiro, São Paulo projetou-se como centro irradiador da reconquista econômica do Brasil e o disseminador do povoamento, de técnicos, de instrução, etc. Que Portugal se inspire na política emigratória italiana em relação ao Brasil. E que a Espanha lhe siga as pégadas. Da península mediterrânea, essa outra extraordinária fonte de latinidade, à qual já nos ligamos por laços inseparáveis, estão nos chegando todos os dias capitães de indústria, capitalistas empresários de colonização acompanhados de diretores, técnicos e colonos para as respectivas organizações, técnicos e operários, industriais especializados, artistas, arquitetos, etc. São fôrças culturais vivas que estão transpondo o Atlântico para ajudar a edificar o novo Brasil e cuja influência na formação do futuro brasileiro dispensa comentários.

O Governador Geral de Moçambique — Não poderíamos encerrar a série de artigos sôbre Moçambique sem dedicar algumas linhas à figura ilustre do Comandante Gabriel Teixeira, nosso credor de tantas gentilezas. Condutor austero e sereno, revelou-se-nos um grande conhecedor de psicologia indígena, dos problemas econômico-sociais e sobretudo, políticos de Moçambique. O Comandante Gabriel Teixeira é capitão de mar e guerra, arguto diplomata a conduzir com firmeza a nau moçambicana no proceloso oceâno das reivindicações raciais, desencadeadas ao sul do Continente Negro pelo inconsciente racismo anglo-saxão.

(A seguir — 6 — Congo Belga)

"Amar a árvore é compreender a vida. Ela saiu das entranhas da terra para contemplar o sol. Compadecida dos pássaros, abre-lhes os braços para proteger. Compadecida dos homens, dá-lhes tudo quanto possue".

CONSTÂNCIO VIGIL

TRAÇÃO

PNEUS Firestone CHAMPION

Barras abertas ou Barras de centro de Tração

para o máximo de rendimento segundo as condições de seu terreno

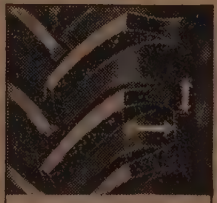
Alguns característicos que explicam a GRANDE TRAÇÃO dêstes dois pneus Firestone CHAMPION

Barras curvas e cônicas

Êste desenho permite que as barras agarrem melhor no solo, dando ao pneu o máximo de tração.

Banda de rodagem mais larga e chata

Maior área de contacto com o solo maior tração e vida mais longa para o pneu, porque o desgaste é mais uniforme.



Barras maiores e mais profundas

Agarram firmemente o solo, eliminando derrapagens e assegurando o máximo rendimento.

O espaço é afunilado entre as barras

As barras abrem-se para fora, nos ombros. Êsse desenho impede o acúmulo de barro ou lama. O pneu limpa-se sòzinho, enquanto roda.

A EVOLUÇÃO DAS MÁQUINAS DE BENEFICIAR CAFÉ NO BRASIL

PROF. DR. HUGO DE ALMEIDA LEME

Catedrático de Mecânica e Máquinas Agrícolas
Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz"
Universidade de S. Paulo — Piracicaba

(Continuação)

Três ou quatro dêstes monjolos distribuíam-se em volta do suporte da **almanjarra.** Um cavalo ou um boi movimentava a almanjarra, a qual fazia com que a bateria conjugada dos monjolos de rabo caisse sucessivamente nos cochos dos pilões. O quadro de Alfredo Norfini (fig. 8) permite apreciar melhor êsse mecanismo e de como podia funcionar.

CARRETÃO

O **carretão, ribas, ripes** ou rodeio (Fig. 9), constituiu no início do século XIX a principal máquina de tração animal usada no preparo do café. Examinemos, pois, a sua constituição e o seu funcionamento.

Um mourão ou suporte — **pião** — (2), implantado sòlidamente no chão, justamente no centro de uma coroa que nada mais era do que um côcho circular de madeira — **calha** —, servia de apôio a um robusto eixo de madeira lavrada, e ás vêzes até a mais de um. Ajustavam-se neste eixo as seguintes peças:

— Pesada roda de madeira — **rigola** —, de 2 a 2,50 m de diâmetor e 20 a 25 cm de espessura ,a qual rolava dentro do côcho;

— Grande garfo de madèira, situado logo atrás da roda, destinado a remexer o café machucado pela mesma;

— Pequena boléia para o condutor dos animais;

— Finalmente, os balancins.

Na construção desta máquina era frequente o emprêgo de uma das seguintes madeiras: cabreúva, peroba, garabú ou garapa (3) (**Apulleia praecox** Mart.) e o pau d'arco (**Tecoma heptaphylla** Mart.).

Compreende-se, pelo exame da própria estrutura do carretão, que a pesada roda, animada de movimento de rotação em relação ao eixo, e de outro de translação, relativamente ao suporte, rodava no côcho, a passos tardos dos ruminantes, atritando e desmembrando o café em sementes e cascas. Um escravo sentado na boléia (Fig. 9) conduzia os animais, e outro manejando o garfo ia remexendo o café.

Após, de ordinário, pouco mais de duas horas de contínua ação do

---

(1) Augustinho Rodrigues Cunha — Op. Cit. Pág. 89.
(1) Affonso de E. Taunay — Subsídios para a história do café no Brasil — (Volume II) — Pág. 378.
(2) Raphael P. de Miranda — Cultura do café na Bahia — Pág. 66.
(3) C. F. van Delden Laèrne — Le Brasil et Java. Rapport sur la culture du café — Pág. 277.

Fig. 9 — Carretão.

carretão, parava-se a máquina; retirava-se o produto e lançava-se-o no **soprador** (ventilador) ou então procedia-se à sua abanação, ao que seguia a catação manual. Os marinheiros e os côcos retornavam ao carretão, completando-se assim o preparo das sementes.

A capacidade do carretão, variável com suas dimensões, era de mais ou menos, em caso comum, 750 Kg de café descascado em 12 horas de trabalho.

O carretão experimentou, em determinadas regiões do país, alguns aperfeiçoamentos, dentre os quais citamos a introdução de engrenagens e chumaceiras de bronze. Já em vários países da América (1) a evolução foi mais acentuada, a ponto de ainda ser utilizado tal como o que se vê na Fig. 10.

MÁQUINA DE DESCARGA CONTÍNUA

Ante o que apreciamos, nas páginas anteriores, podemos dizer que a maquinaria de beneficiar café apresentava um aperfeiçoamento bem notável relativamente à dos primitivos processos, nos meados do século XIX. Na sua construção tornava-se comum o emprêgo de madeira de lei, resistente, e algumas ferragens. O custo da mesma não era oneroso, pois que, excetuando o preço da ferragem, contava-se com a barateza da mão de obra que era o próprio escravo. Mas até quando perduraria essa situação? Aproximava-se o momento inicial de uma verdadeira mudança no panorama da mecanização do beneficiamento do café. Acentuava-se cada vez mais a necessidade da introdução de melhores máquinas. Patenteava êsse estado de cousas a substituição, embora vagarosa que já se vinha fazendo, da madeira por peças metálicas, o que até certo ponto refletia o espírito progressista dos cafeicultores ansiosos por melhor e maior produção com o mínimo de despesas e no mínimo de tempo.

Não padece a menor dúvida de que nessa época o descascamento estava mecanizado, por uma ou por outra forma, seja pelas máquinas descritas ou seja pelas resultantes destas por pequenas modificações conforme insiste o "Auxiliador da Indústria Nacional", em seu número de setembro de 1853.

A abanação deixara de ser manual para ser realizada por ventiladores, dadas as vantagens inerentes a seu emprêgo. A êste respeito, comenta Burlamaque: "Com um ventilador, um homem faz o serviço de dezesseis a vinte trabalhando com peneira" (1).

A expansão da cafeicultura, porém, não cessa. A instigante ação dos fatôres observados acentua-se cada vez mais. O braço escravo vai-se encarecendo, e, como que contrastando êsse evoluir, a operação de preparar o café ainda é penosa, muito embora se diga que a mecanização firmava raízes no terreno da maquinaria de beneficiamento do precioso fruto. São oportunas as palavras de Augusto Ramos (2), referentes a êsse estado, às quais transcrevemos:

(1) C. F. van Delden Laèrne — Le Brasil et Java. Rapport sur la culture du café — Pág. 277.

(1) F. S. Murlamaque — Monografia do cafeeiro e do café — Pág. 43.
(2) Augusto Ramos — Máquinas primitivas de beneficiar café — Pág. 77.

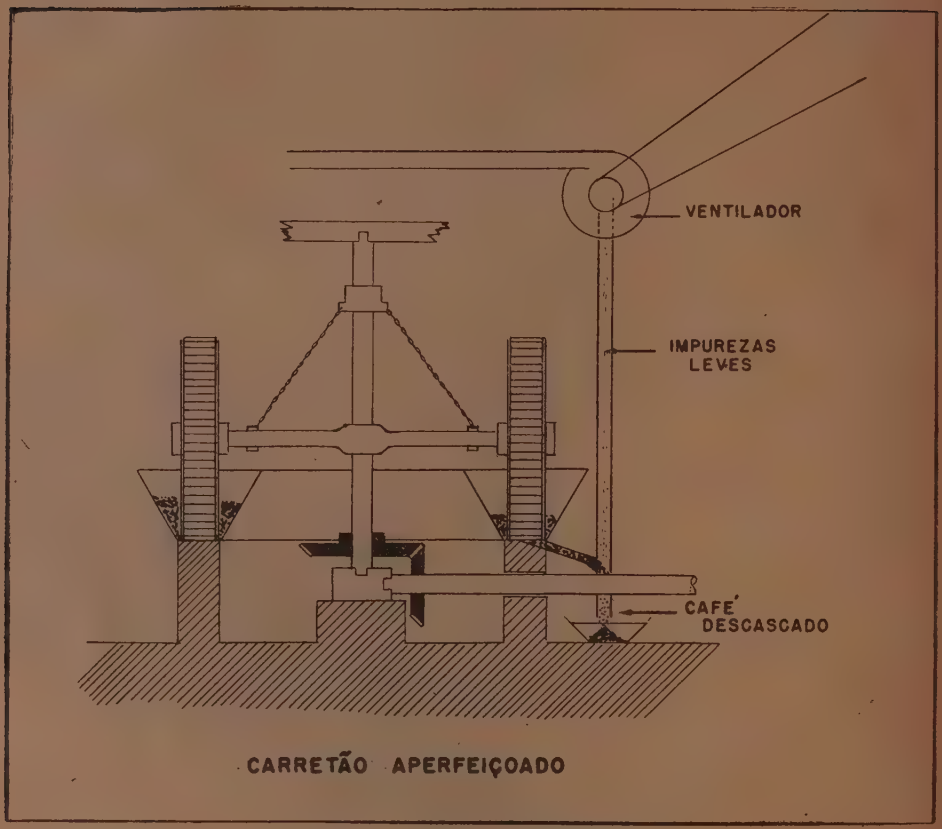


Fig. 10 — Carretão aperfeiçoado.

"O Serviço de beneficiar café era penosíssimo, assim como era igualmente em larga escala o de auxiliar as imperfeitas máquinas daquêle tempo. E todo êle era feito por pretos escravos, em cujo rosto e cabeleira, se acumulava durante o trabalho tão grossa camada de pó que impossível era reconhecê-los.

O trabalho começava às 4 horas da manhã e se prolongava até às 9 horas da noite, com duas horas apenas de repouso. Muito antes de clarear o dia, já se fazia ouvir o rudo característico daquelas rústicas instalações construídas de madeira, tangendo, rinchando, estalando, mas caminhando sempre na monotonia da tristonha marcha, entrecortada pelo grito espaçado dos "candieiros" ou condutores da boiada".

Essa situação era propícia à introdução de novas máquinas, o que se verificou mais ou menos entre 1859 e 1860, com o aparecimento das máquinas de descarga contínua acionadas por motor hidráulico. Essa época marca o início da verdadeira revolução no terreno da mecanização do preparo do café.

Em 1859, Guilherme van Vleck Lidgerwood, que viera dos Estados Unidos da América do Norte, notando em Campinas o desenvolvimento extraordinário da cafeicultura, aí montou uma oficina para fabricar máquinas de beneficiar café. Inicia-se assim, por essa altura ou pouco depois, a importação e a fabricação de novas máquinas.

Quer nos parecer que cabe a Guilherme van Vleck Lidgerwood o mérito de ter sido o introdutor do beneficiamento racional em nosso país.

Hildebrando de Magalhães (1), citando o parecer de André Rebouças e Antonio de Paula Freitas, parecer êsse publicado no "Auxiliador da Indústria Nacional" (Volume XXXIV) — Rio de Janeiro, 1871 — Pág. 60), vem demonstrar a nossa observação. Para melhor esclarecimento destacamos dêste, os seguintes trechos:

"A secção de máquinas e aparelhos da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, vem cumprir o dever de dar o parecer sôbre a petição de 16 de Novembro de 1870, em que Guilherme van Vleck Lidgerwood requer privilégio por 20 anos para importar, fabricar, usar e vender máquinas de café de sua invenção, já privilegiada por Decretos ns. 3.006 de 1862, e 4.319 de 1869, e nos quais acaba de fazer importantes melhoramentos...

A Secção de máquinas e aparelhos da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional é pois de parecer que não cumpriria completamente o seu mandato si se limitasse a dizer que a petição é digna de favorável deferimento e si deixasse passar a oportunidade de levar ao conhecimento do Govêrno Imperial, que o ilustre e incansável introductor da preparação mecânica do nosso primeiro produto agrícola, tem feito jús a uma recompensa nacional mais significativa do que uma simples concessão de privilégio — Sala das Sessões, em 15 de Dezembro de 1870".

E ainda o seguinte:

> "O café preparado nessas máquinas (Máquinas Lidgerwood, então aperfeiçoadas) (2) vende-se 400 a 600 réis mais caros em arroba; são, pois, centenas de contos de réis, que anualmente economizam os nossos agricultores, além dos benefícios que produzem as máquinas poupando a vida dos escravos, que no antigo sistema dos pilões eram sacrificados pelo asfixiante pó de café" (1).

Entraram portanto em uso, de 1860 a 1880, várias máquinas de descarga contínua constituidas por descascadores, ventiladores e separadores de peneiras rotativas de cobre. Estas peneiras, de grandes dimensões, classificavam o café em chato, chatinho e moca, o que valorizava o produto (2).

Lidgerwood, por Decretos de 1862, 1869 e 1872, obteve três privilégios. Guilherme Mac-Hardy, natural da Inglaterra, que trabalhou nas oficinas de Lidgerwood em Campinas, deixando estas oficinas, iniciou em 1870 a fabricação das máquinas que têm o seu nome. Na mesma ci-

(1) Hildebrando de Magalhães — Op. Cit. — Pág. 128.
(2) Esta observação é nossa.
(1) Hildebrando de Magalhães — Op. Cit. — Pág. 116.
(2) Nicolau Joaquim Moreira — Breves Considerações sôbre a história e cultura do cafeeiro — Pág. 50.

dade de Campinas, Arens, logo após Mac-Hardy, fundou também a sua indústria. Na Bahia, Antonio dos Santos, em 1868, sob a orientação do mecânico John Sperling, deu início à fabricação de máquinas (3). No Rio de Janeiro, o número de fabricantes foi elevado. Em resumo, depois da introdução das máquinas de Lidgerwood e da importação das de Albion Coffee Huller & Cia., surgiram máquinas a barda.

Foi por êsse modo que começou, em fase de verdadeira experiência, a introdução de máquinas pròpriamente ditas de beneficiar café. Dissemos de experiência e isto se compreende fàcilmente, notando-se, que si aquelas não funcionavam a contento, o fazendeiro as devolvia, e com isto surgiam novas modificações nos tipos seguintes. Embora se observassem tais fatos, o emprêgo das novas máquinas era notável e progredia.

Para que se tenha idéia melhor do desenvolvimento ou expansão das então máquinas de beneficiar café, de descarga contínua, em 1883, citamos os nomes e os números das máquinas usadas por 1.277 produtores de café, somados de 22 municípios brasileiros que tomaram parte na 2.ª Exposição de Café do Brasil (4).

Compreende-se com isto, em que pé se encontrava o beneficiamento do café, ante os fenômenos técnico-econômicos decorrentes da expansão da cafeicultura, do encarecimento do braço escravo e da insuficiência de mecanização de certas operações. Pois bem, à ação dêsses fatôres um havia de repercutir profundamente nas fazendas de café, colocando os seus donos num sério dilema. E tal fatôr outro não foi senão a **"lei aurea" de 13 de maio de 1888.** Golpe fortíssimo acabavam de receber as lavouras cafèeiras, as quais exigiam enorme quantidade de braços que outros não eram, no geral, senão escravos, e êstes, libertados, abandonavam as fazendas. Define-se bem a situação precária em que ficavam as fazendas, recordando a frase de Silveira Martins que salienta o papel do braço escravo nas mesmas — "O Brasil é o café e o café é o negro" (1).

O agricultor que até essa época não mecanizara o seu beneficiamento teve que recorrer, às pressas, às máquinas então existentes. Com isto muito lucrou a indústria das máquinas de beneficiar café, a qual, recebendo vigoroso impulso, não tardou em apresentar inúmeros tipos. Mas é claro que nem tôdas triunfaram porque o agricultor, aprendendo a trabalhar com as mesmas, selecionou as mais eficientes. Coube à exigência do mercado compelir os fabricantes ao aperfeiçoamento destas e à construção de novas peças.

A evolução das máquinas de descarga contínua verificou-se então sob o influxo de um complexo de fatôres, tais sejam: as exigências dos cafeicultores, a influência precisa dos engenheiros-mecânicos, a concorrência entre as fábricas, as exposições de café, e principalmente, o gênio inventivo dos fabricantes. Chegaram assim essas máquinas ao estado

---

(3) Assis Cintra — Op. Cit. — Pág. 1082.
(4) Centro de Lavoura e Comércio — Segunda Exposição de Café no Brasil — 1883.
(1) Benedicto Mergulhão — O General café na revolução branca de 37 — Pág. 31.

atual, que não representa, é evidente, o ponto final do quanto pode fazer a técnica industrial pelo melhoramento e valorização do nosso produto.

MÁQUINAS DE ATUAL FABRICAÇÃO

Com a introdução dos fecundos conhecimentos técnico-agrários no terreno da cafeicultura, no sentido de melhorar as qualidades do produto, pouco a pouco tomou vulto a necessidade de encarar o beneficiamento como algo de importante que completa o ciclo das operações agrícolas. Daí terem-se aperfeiçoado as novas máquinas, a-fim-de aprimorar as qualidades da preciosa semente, unindo inteligente e harmônicamente ao trabalho do campo o preparo do produto. A indústria passou então a cooperar com a cafeicultura. E hoje, graças a êsse adiantamento, o beneficiamento está notàvelmente melhorado. Com efeito, para o preparo do café existem atualmente inúmeros tipos de máquinas de constituição mais ou menos complexa que realizam um conjunto de operações.

Antes pois de empreendermos a citação da atual constituição das máquinas, é de grande utilidade, e também oportuno, citar prèviamente as operações que hoje constituem o Beneficiamento.

Marcha geral das operações — As máquinas de beneficiar café (consideramos apenas as de beneficiamento pròpriamente dito, por via sêca), realizam geralmente as seguintes operações (dizemos geralmente porque, em determinadas circunstâncias, podem deixar de reunir tôdas as que iremos mencionar:

1.º) Transporte;
2.º) Limpeza;
3.º) Descascamento;
4.º) Ventilação;
5.º) Repasse;
6.º) Classificação;
7.º) Catação.

Infere-se do que foi exposto que o beneficiamento pròpriamente dito consiste:

No transporte do café em côco, da tulha à máquina. Na eliminação das impurezas, ou seja, limpeza (impròpriamente designada de **desempedramento,** visto que objetiva a separação de fôlhas, cascas, pedras, pauzinhos, torrões, café chocho, pregos, impurezas em geral. Em sequência, no trabalho do descascador, desmembrando o café em cascas (palha) e sementes (favas). O produto é então ventilado, separando-se a palha enquanto que o café pode ou não ser entregue ao Repassador ou Reparador para descascamento dos marinheiros e côcos. De passagem, é conveniente dizer que antigamente o café descascado e ventilado vinha a ser polido (brunido) em Polidores (Brunidores), o que em alguns casos era feito até com adição de plombagina ou oca, para a obtenção de produto de melhor aspecto ou mais brilhante. Hoje não se admite o café polido, pois, os compradores fazem questão da presença dos resíduos da película prateada (espermoderma), indício certo de que não sofreu o artificialismo do polimento (brunimento). Essa é a razão por que as

máquinas modernas podem apresentar Repassador, porém, não o Polidor ou Brunidor.

Retomando o fio das nossas considerações, logo após o repasse o café é entregue à ventilação para ser expurgado o resíduo da palha.

Descascado, repassado ou não, o café é conduzido para o classificador, que o separa em tipos concordes com o tamanho e o formato das favas ou sementes. Finalmente, por ventilação (catação-mecânica) separam-se, de cada tipo, os broqueados, chochos ou mal granados, quebrados, etc. (escôlha).

As operações se sucedem conforme especificamos, podendo todavia omitir-se esta ou aquela quando a qualidade do produto a beneficiar ou a obter, e a máquina, assim exigirem.

Constituição das Máquinas — De acôrdo com o que acabámos de ver, as máquinas são hoje constituidas, em geral de:

A — Transportadores;
B — Limpador;
C — Descascador;
D — Ventilador;
E — Sururuca;
F — Repassador (facultativo);
G — Classificador;
H — Catadores.

TRANSPORTADORES — A condução do café em côco, da tulha ao elevador de canecas da primeira peça da máquina, pode ser realizada hodiernamente por diferentes processos mecânicos de carga e descarga contínua. Dentre os transportadores utilizados para êsse fim, salientam-se os seguintes: 1.º) Bica de jôgo; 2.º) parafuso sem-fim que opera numa calha metálica perfurada, eliminando as impurezas ao mesmo tempo em que transporta o café; 3.º raspadores que conduzem o café num canal retangular; 4.º) esteira sem-fim.

Predomina no Brasil o emprêgo da bica de jôgo.

Para a transporte do café da bica de jôgo à máquina, e entre as diversas partes da máquina utilizam-se **elevadores de canecas.**

LIMPADORES — Os limpadores atualmente empregados nas Máquinas de Beneficiar Café, não têm todos a mesma constituição, contudo sob o ponto de vista do processo mecânico em que se baseia o seu trabalho, podem ser classificados em três grupos fundamentais, a saber:

1.º) Limpadores de ventilação;
2.º) Limpadores de peneiração;
3.º) Limpadores de ventilação e peneiração.

DESCASCADORES — O café separado das impurezas é conduzido pelo elevador ao Descascador.

O descascamento do café é a principal operação do beneficiamento, conforme se depreende do próprio histórico das máquinas de beneficiar

café. Dada a importância dessa fase de beneficiamento, a peça responsável pela operação — o Descascador — é o coração das máquinas de beneficiar café, e do seu bom funcionamento e da sua duração é que depende a máquina.

Nas máquinas modernas o descascador está reunido geralmente ao ventilador, ou como em outras, agrega-se a êste de modo a formar quase uma única peça. Temos nestes casos um Descascador-Ventilador.

Os descascadores que frizamos ser o coração das máquinas de beneficiar café — têm por função quebrar a casca do café em côco sem ofender de modo algum as sementes. De acôrdo com o princípio em que se baseiam, classificam-se em dois grandes grupos:

1.º) Descascadores de atrito;
2.º) Descascadores de pancadas ou choques.

1.º) DESCASCADORES DE ATRITO — Nas diferentes máquinas nacionais, são comuns os Descascadores construidos de forma a quebrarem a casca e o pergaminho do café, por efeito do atrito entre duas superfícies rugosas das quais uma, pelo menos, é móvel. Compreende-se que as disposições dos órgãos dêsse tipo de Descascador não são as mesmas em todos os representantes do grupo.

2.º) DESCASCADORES DE PANCADAS — Êstes descascadores têm por função, que os define, desmembrar os grãos de café em palha e sementes mediante pancadas entre duas barras de aço.

A prática recomenda e a técnica exige que a distância entre as barras fixas e rotativas seja bem regularizada para evitar a **quebra** do café ou, em outras palavras, que se produza o chamado **café bico de papagaio.**

VENTILADORES — O produto proveniente do Descascador (considerando o caso em que a ventilação não se confunda com o descascamento) é um misto de sementes, marinheiros, palha e pó. A proporção de sementes varia com a qualidade do café em côco e de uma à outra máquina.

A separação da palha é feita então por meio de ventilação.

SURURUCA — O marinheiro é atualmente separado do café descascado, na maioria das máquinas, por uma peneira que realiza mecânicamente a operação de sururucar.

REPASSADORES — O café descascado e ventilado pode em sequência ser repassado.

A reparação ou o repasse consiste na ultimação do descascamento do marinheiro, café meio descascado, ou melhor café já trabalhado pelo descascador.

CLASSIFICADORES — A classificação do café resultou da concorrência comercial e da necessidade de conseguir-se maior homogeneidade na torração. Daí a introdução de nova prática no beneficiamento a qual veio satisfazer àquelas duas instâncias, ou seja a sepa-

ração das sementes por diferença de tamanho e em obediência ao seu formato.

A separação do café por formato visa separá-lo, de acôrdo com a sua conformação, em dois grupos: chato e moca (encaracolado ou redondo). O café moca, originário do desenvolvimento anormal do fruto, é o resultante do desenvolvimento de um único óvulo numa semente, a qual então apresenta forma elipsoidal. O café chato é o produto do desenvolvimento normal do fruto, no qual, no ovário ínfero e bilicular formam-se duas sementes, que devido à disposição apresentam uma face plana e outra convexa.

Procede-se então a separação dêsses dois tipos de café por tamanho separando o moca em tipos de diferentes espessuras e o chato em tipos de diferentes larguras. Esta classificação racional e importante, além de proporcionar um meio de avaliação da homogeneidade do conjunto das sementes quanto ao tamanho e à forma, facilita a sua torração. Podemos comprovar que a separação citada influi favoràvelmente no andamento da torração, notando que, se o café empregado nesta operação não passou pela classificação, resulta ficarem as sementes pequenas, carbonizadas; as médias, torradas, e as grandes, apenas tostadas.

Foi reunindo essas e outras observações, e com apôio no que o mercado exigia, que se desenvolveu a classificação inicial. A princípio as peneiras usadas nessa separação não eram de calibração oficial, e por isso, classificava-se geralmente o café em: chato-grôsso, chato-médio, moca, moquinha e cabeça, como se efetuava na máquina "Lidgerwood" e noutras então existentes, como por exemplo na máquina "Arens".

Quando o mercado norte-americano estabeleceu a calibração das peneiras e a Bolsa de Santos passou a adotá-la, nada mais restava aos fabricantes que introduzí-la nas peças de sua fabricação.

O café chato e o moca são hoje portanto classificados em vários tipos que passamos a examinar:

I — **Café chato:** A sua separação é feita atualmente em peneiras de furos circulares e de diâmetros exatamente estabelecidos em concordância com a padronização norte-americana. Classifica-se-o em vários tipos. Os tipos usuais são designados de chato 13, 14, 15, 16, 17, 18 e 19, ou ainda, 20, 21 e 22.

A classificação do café chato nos tipos referidos dá a entender o seguinte: O café chato 19 é constituído por sementes que vazaram a peneira de furos de 20/64 polegadas, ou 7,9mm, de diâmetro, e ficaram retidas numa peneira de furos de 19/64", ou 7,5mm, ou melhor, peneira 19. O chato 18, vazado da peneira 19 é retido pela peneira 18, ou de furos de diâmetro igual a 18/64", ou 7mm. O mesmo sucede para os 17, 16, 15, 14 e 13, respectivamente.

II — **Café moca:** E' classificado em vários tipos, em peneiras de furos retangulares ou oblongos de comprimento geralmente constante, ou seja, 15mm e largura variável. Destarte, o moca 12, por exemplo, é constituído por sementes elipsoidais que vazam da peneira de furos

de 13/64", ou 5 mm de largura e ficaram retidas na peneira de crivos de 12/64", ou 4,7mm de largura. Cousa semelhante se passa com o moca 11, 10, 9 e 8, correspondentes às peneiras de furos de larguras de 11/64", 10/64", 9/64", 8/64", respectivamente.

No que diz respeito aos tipos fornecidos pelas máquinas, êles variam de acôrdo com o café e o tipo de máquina.

Apresentada a classificação em tipos, fácil é agora observar que as dimensões dos furos das peneiras variam de um fatôr constante, ou seja, 1/64", ou 0,4mm.

Infere-se também do exposto que se separa o café chato do moca em peneiras de furos retangulares ou oblongos, nas quais o chato vaza, e o moca fica retido.

Acrescenta-se ainda que se encontram nas máquinas modernas dois tipos de café: o **Cabeça** e o **Fundo.** O **Cabeça** é o café retido pela peneira de furos de maior diâmetro e o **Fundo** é constituido por sementes que vazaram as peneiras de furos de menor diâmetro.

Do estudo geral da classificação do café infere-se que o Classificador tem como órgão essencial um conjunto de peneiras. E de acôrdo com a constituição dêstes órgãos dividem-se em dois grupos:

A) — Classificadores de peneiras cilíndricas ou rotativas: **Separadores.**

B) — Classificadores de peneiras planas: **Monitores.**

A) SEPARADORES — A classificação do café no Brasil teve início em Classificadores-Separadores. O órgão classificador das máquinas primitivas era constituido por um longo tubo de cobre (de uns seis metros mais ou menos), de grande diâmetro, punçado, no qual se sucediam diferentes séries de furos constituintes das diversas peneiras conjugadas. Disposto com suave declive numa armação de peroba êste tubo podia girar com pequena velocidade. Com o desenvolvimento apresentado pela cafeicultura e ante o volume crescente de sua produção, êsse Classificador veio experimentando modificações até originar o tipo atual.

B) MONITORES — Os classificadores de peneiras planas, embora seja de aplicação mais recente (foram introduzidos pelas máquinas norte-americanas então importadas), e agora predominam entre os classificadores das máquinas nacionais. Constam de um ou mais conjuntos de peneiras planas, animadas de movimento retilíneo alternativo.

CATADORES — A catação tem por objetivo eliminar por ventilação o café chocho, quebrado, etc., (escôlha e repasse), a fim de se obter um produto bom, ou evitar o trânsito dêsse café pelo classificador, o que aumenta o rendimento da peça. Consta pois de uma coluna de vento, onde por diferença de densidade separaram-se os produtos.

——x——

Temos assim concluido a citação geral das peças componentes das atuais Máquinas Nacionais. Resta-nos ainda dizer que estas podem ser conjugadas de diferentes modos (por ex.: Descascador-ventilador, separador-catador etc.), porém, recaindo sempre num dos seguintes conjuntos de máquinas de beneficiar café:

a) Máquinas conjugadas;
b) Máquinas combinadas.

MÁQUINAS CONJUGADAS — São aquelas nas quais as peças que as compõem são separadas uma das outras. Dêste modo, os órgãos constituintes de uma destas máquinas podem ser do mesmo ou de diferentes fabricantes. Dada a disposição linear de suas peças, ocupam uma extensão de alguns metros.

MÁQUINAS COMBINADAS — Tendo em mira atender a pequena cafeicultura ou às pequenas produções, os fabricantes foram impelidos à construção de máquinas que oferecessem os seguintes característicos de ordem técnico-econômica: exigência de menor potência, redução das transmissões, exigência de menor construção para sua instalação, enfim, menor custo.

Tal objetivo foi atingido pela reunião das peças num bloco único. As máquinas assim construidas que apareceram pela primeira vez no Brasil em 1908 receberam o nome de máquinas combinadas.

Existe hoje pois, em funcionamento, um grande número de fábricas nacionais de Beneficiar Café, que produzem máquinas de tipos e dimensões as mais variáveis, de constituição bem acabada, que sofrendo a concorrência das fábricas estrangeiras, são vendidas em outros países produtores de café.

——x——

Finalmente, encerrando, diremos, conforme observamos de tudo que foi exposto, a evolução das Máquinas de Beneficiar Café foi no Brasil rápida e precisa, como inicialmente afirmamos. O árduo trabalho de descascamento manual no qual o laborioso escravo podia sòmente descascar diàriamente alguns quilogramas de café, foi transformado no suave trabalho de dirigir as modernas máquinas, que, movidas a motor elétrico, podem fornecer em 10 horas de funcionamento mais de 30.000 quilogramas de produto devidamente descascado, catado e classificado. Desta forma pôde a indústria nacional, o que é uma satisfação constatar, atender a cafeicultura a fim de que o nosso produto básico pudesse sofrer tôda luta comercial, e continuar a ser o esteio da economia do nosso país.

BIBLIOGRAFIA

1 — **A cultura do café** — Publ. do Ministério da Agricultura — Rio de Janeiro — 1929. Págs. 51-52.

2 — **A influência da colheita e do preparo na luta pela obtenção de cafés de finas qualidades** — O campo. N. de outubro de 1937.

3 — AGUIAR, Padre João Joaquim Ferreira de — **Pequena memória sôbre a plantação, cultura e colheita do café** — Ed. Imprensa Americana de I. P. da Costa — Rio de Janeiro. — 1836. Pág. 14.

4 — ANTONIL, André João — **Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas** — Ed. Companhia de Melhoramentos de São Paulo — São Paulo — 1923. Pág. 116.

5 — **Aspectos da economia rural brasileira** — Publ. do Ministério da Agricultura — Rio de Janeiro — 1922. Pág. 196.

6 — ASSIS Cintra — **Origem do Maquinário do café** — Revista do Instituto do Café — São Paulo — N. de dezembro de 1935. Pág. 2.584.

7 — ———— — **Os primeiros cafesais e as primeiras máquinas de café de São Paulo** — Boletim da Máquina "São Paulo" — Limeira — N. de dezembro de 1935 e janeiro de 1936. Pág. 8.

8 — BERNEGG, Sprecher van — **Plantas tropicais e sub-tropicais da economia universal** — Ed. Departamento Nacional do Café — Rio de Janeiro — 1838. Pág. 242.

9 — ———— — **Colheita e beneficiamento dos grãos de café** — Revista do Departamento Nacional do Café — Rio de Janeiro — N. de dezembro de 1939. Pág. 771.

10 — BROCA, Jacques Pierre — **A classificação comercial do café** — Boletim da Máquina "São Paulo" — Limeira — N. de julho de 1936. Pág. 3.

11 — ———— — **A classificação comercial do café** — Boletim da Máquina "São Paulo" — Limeira — N. de outubro e novembro de 1936. Pág. 5.

12 — BROWN, F. J. — **Notas sôbre o beneficiamento do café** — Revista La Hacienda — N. York — N. de janeiro de 1917. Pág. 119.

13 — BURLAMAQUE, F. S. L. — **Monografia do cafeeiro** — Ed. Tipografia Vianna & Filhos — Rio de Janeiro — 1860. Pág. 40.

14 — CARRILLI, Jaime F. — **Memoria sôbre el beneficio del café** — Ed. Carlos Espinal — N. York — 1882. Pág. 3.

15 — CARVALHO Araujo, Bernardo Sayão de — **A evolução do beneficiamento** — Revista "O café" — São Paulo — N. de junho de 1932. Pág. 152.

16 — CARVALHO Barbosa, J. — **A história do café** — Revista "O café" — São Paulo — N. de março de 1931. Pág. 92.

17 — CASTRO, Florentino — **A minha experiência sôbre beneficiamento do café** — Revista do Departamento Nacional do Café — Rio de Janeiro — N. de julho de 1936. Pág. 54.

18 — CASTRO, Lyra — **A trajetoria histórica do café — O café no segundo centenário de sua introdução no Brasil** — 1.º Volume — Ed. Departamento Nacional do Café — Rio de Janeiro — 1934. Pág. 48.

19 — **Concassor de café — Nova máquina de preparar café** — Ed. Tipografia Moreira Maximino & Cia. — R. de Janeiro. 1875.

20 — CONSTANT, G. — **Do café, considerado no sentido de sua colheita, de sua lavagem e da sua maneira de secá-lo para o comércio** — Ed. Tip. Francesa — Rio de Janeiro. 1843.
21 — COSTA Ferreira, Ruy da — **Evolução do preparo industrial do café** — Revista do Departamento Nacional do Café — Rio de Janeiro — N. de Agosto de 1936. Pág. 243.
22 — ———— — **Defeitos, impurezas e bebida** — Boletim da Superintendência dos Serviços do Café — São Paulo — N. de setembro de 1943. Pág. 706.
23 — COSTA Santos, Horácio Alexandrino da — **Breves considerações sôbre o nosso café** — Ed. Tipogr. de G. Leuzenger & Filhos — Rio de Janeiro — 1881. Pág. 10.
24 — COUGARD - D'Aulnay, G. E. — **Monographie du café** — Ed. Mme. Ve Bouchard — Huzard — Paris, 1843. Págs.
25 — **Cultura cafeeira em Minas Gerais** — Boletim do Ministério da Agricultura — Ano XVI, vol. II, n. 3 — Rio de Janeiro. 1927.
26 — **Cultura de café no Brasil** — (Ensáio de corografia estatística). Levantamento de 1940-41. — Ed. do Departamento Nacional do Café — Rio de Janeiro. 1941.
27 — **Cultura de café no Brasil** — (Ensáio de corografia estatística) — II — Estado do Paraná — Ed. do Departamento Nacional do Café — Rio de Janeiro. 1941.
28 — **Cultura do café** — Boletim do Ministério da Agricultura — Ano XVI, vol. II, n. 3 — Rio de Janeiro, 1927.
29 — DELDEN Laèerne, C. F. van — **Le Brasil et Java. Rapport sur la culture du café** — Ed. Martinus Nyhoff — Haia. 1885.
30 — E. TAUNAY, Affonso de — **Notas ligeiras sôbre os primórdios da lavoura cafeeira em São Paulo** — Revista "O café" — São Paulo — N. de maio de 1931. Pág. 17.
31 — ———— — **Beneficiamento dos cafés coloniais** — Revista do Instituto Nacional do Café — Rio de Janeiro — N. de dezembro de 1935 — Pág. 2.564.
32 — ———— — **Subsídios para a história do café no Brasil** — Ed. Departamento Nacional do Café — Rio de Janeiro — 1935. Pág. 414.
33 — ———— — **História do café no Brasil** — Volume segundo — Ed. Departamento Nacional do Café — Rio de Janeiro — 1939. Pág. 378.
34 — ———— — **História do café no Brasil** — Volume quinto — Ed. Departamento Nacional do Café — Rio de Janeiro — 1939. Pág. 103.
35 — ———— — **História do café no Brasil** — Volume sexto — Ed. Departamento Nacional do Café — Rio de Janeiro — 1939. Pág. 16 e 46.
36 — ———— — **História do café no Brasil** — Volume sétimo — Ed. Departamento Nacional do Café — Rio de Janeiro 1939. Pág. 224.
37 — **El café — su historia, cultivo, beneficio, etc.** — Ed. La Oficina Internacional de las Republicas Americanas — Washington D. C. — 1902. Pág. 25.

38 — FAUCHÈRE, A — **Culture pratique du caféier et preparation du café** — Ed. Augustin Challamel — Paris — 1908. Pág. 75.

39 — ———— — **Le café — Prodution, preparation et commerce** — Ed. Société D'Editions Geografique, Martimes et coloniales — Paris — 1927. Pág. 98.

40 — FERREIRA Rangel, Silvio — **O café** — Publ. da Sociedade Nacional de Agricultura — Rio de Janeiro, 1908. Pág. 69.

41 — FERREIRA Velloso, José — **Benefício do café** — Revista "O café" — São Paulo — N. de junho de 1932. Pág. 174.

42 — FONSECA Queiroz, Joaquim Silverio de — **Informações úteis sôbre a cafeicultura** — Ed. Estabelecimento Gráfico "Universal" — São Paulo — 1914. Pág. 159 e 165.

43 — **Jornal do Agricultor** — Ed. Dias da Silva Júnior — Rio de Janeiro — N. do ano de 1879.

44 — KERMANS e Laliére — **Le café** — 1.º volume — Paris — 1931. Pág. 179.

45 — LALIÈRE, A — **Le café dans l'etat de Saint Paulo (Brésil)** — Ed. Augustin Challamel — Paris, 1909. Pág. 161.

46 — LECOMTE, Henri — **Le café — Culture, Manipulation,** — Er. Carré et Naud — París — 1889. Pág. 139.

47 — LISBOA, J. C. Belo — **Classificação racional do café** — Boletim da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo — 1928.

48 — MAGALHÃES, Hildebrando de — **História do café** — Ed. Tipografia do Jornal de Piracicaba, 1934. Págs. 116 e 128.

49 — MARQUEZ, Nelson — **"O preparo para o mercado ou benificiamento do café** — Revista do Departamento do Café — N. de agôsto de 1936. Pág. 243.

50 — MERCADO, Jorge — **A bica de jôgo** — Revista "O café" — São Paulo — Ano II — N. de abril de 1932. Pág. 35.

51 — MERGULHÃO, Benedicto — **A santa inquisição do café** — Ed. Irmãos Pongetti — Rio de Janeiro, 1940. Pág. 166.

52 — ———— — **O general café na revolução branca de 37** — Ed. irmãos Pongetti — Rio de Janeiro, 1943.

53 — MIRANDA, Raphael P. de — **Cultura do café na Bahia** — Ed. Papelaria Brasileira — Bahia, 1922. Pág. 66.

54 — MORAIS Campanelli, Derisdedit — **O café na Bahia** — Boletim da Máquina "São Paulo" — Limeira — N. de janeiro e fevereiro de 1937. Pág. 27.

55 — MOREIRA, Nicolau Joaquim — **Breves considerações sôbre a história e cultura do cafeeiro** — Ed. Tipog. do Imperial Instituto Artístico — Rio de Janeiro, 1873. Pág. 49.

56 — MOREIRA, Nicolino — Maquinismo para beneficio de café — Revista "O café" — São Paulo — Ano I — N. de fevereiro de 1931. Pág. 44.

57 — **O Auxiliador da Indústria Nacional** — Periódico da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional — Ed. Tipog. Universal — Rio de Janeiro — Vol. XX, 1853.

58 — **O Auxiliador da Indústria Nacional** — Periódico da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional — Ed. Tipog. Universal — Rio de Janeiro — Vol. XL, 1872.

60 — OKERS, William H. — All obout coffee — New York — 1922.

61 — OLIVEIRA FILHO, M. Lopes de — **O preparo do café** — Publ. da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo — 1928.

62 — PESTANA, Paulo R. — **O café em São Paulo** (notas históricas) — Publ. da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo — São Paulo, 1927. Pág. 13.

63 — PIETTRE, M. Maurice — **Production industrielle du café** — Ed. Libraire E. Le François — Paris, 1925. Pág. 118.

64 — PORTO ALEGRE, Paulo — **Monografia do café, história, cultura e produção** — Ed. Bertrand — Lisbôa, 1879. Pág. 122.

65 — RAMOS, Augusto — **O café no Brasil e no estrangeiro** — Ed. Papelaria Santa Helena — Rio de Janeiro, 1923. Pág. 173.

66 — ———— — **Máquinas primitivas de beneficiar café — O café no Segundo Centenário de sua introdução no Brasil** — 1.º Volume — Ed. Departamento Nacional do Café — Rio de Janeiro, 1939. Pág. 75.

67 — **Relatório da Segunda Exposição de Café no Brasil — Centro de Lavoura e Comércio** — Ed. Tipog. e Litog. de Moreira Maximino & Cia. — Rio de Janeiro, 1883.

68 — RODRIGUES CUNHA, Augustinho — **A arte da cultura e preparação do café** — Ed. Tipog. Universal de Laemmert — Rio de Janeiro, 1844. Pág. 88.

69 — SMITH, Herbert Huntington — **Uma fazenda de café no tempo do Império** — Ed. Departamento Nacional do Café — Rio de Janeiro, 1941. Pág. 13.

70 — TEIXEIRA de Oliveira — **Vida maravilhosa e burlesca do café** — Ed. Companhia Editora Americana — Rio de Janeiro, 1942.

71 — VILLARES, Jorges Dumont — **O café, sua produção e exportação** — Ed. Instituto do Café do Estado de São Paulo — São Paulo, 1927. 1.º e 2.º volume.

72 — ZALUAR, Augusto Emilio — **Exposição Nacional Brasileira de 1875** — Ed. Tipog. do Globo — Rio de Janeiro, 1875.

73 — ZIMMERMANN, A. — **O café** — Ed. do Departamento Nacional do Café — Rio de Janeiro, 1933. Pág. 112.

Máquinas	PROVINCIAS				
	Espírito Santo	Minas Gerais	Rio de Janeiro	S. Paulo	Total
Carretão	—	8	19	1	28
Pilão d'água	13	190	187	40	430
Monjolo	—	3	5	2	10
Máquinas Modernas					
Águia do Sul	—	—	1	—	1
Andrade	—	2	2	—	4
Aperfeiçoada	—	1	4	1	6
Arens & Irmãos	—	3	—	—	3
Bernardino de Matos	—	—	1	—	1
Bierrenback	—	—	2	—	2
Brasileira	—	6	17	—	23
Concassor	—	6	17	—	23
Congresso	—	—	24	2	26
Duprat	—	2	26	—	28
Ferreira de Assis	—	10	2	—	12
Ferania	1	—	—	—	1
Fonseca	1	—	—	—	1
Hallier	—	—	3	—	3
Hargreaves	—	1	—	—	1
J. Jacinto de Mello	—	1	—	—	1
Lidgerwood	2	87	126	46	261
Mac-Hardy	—	—	—	2	2
Macedo	—	—	1	—	1
Manoel da C. Aguiar	—	—	2	—	2
Maravilha	—	—	3	—	3
Marinho & Irmãos	—	1	1	—	2
Mineira	—	2	—	—	2
Moderna	—	—	20	4	24
Progresso	—	—	2	1	3
Rocha Passos	—	4	10	—	14
Santa Cruz	1	—	—	3	4
Sistema Maucard	—	1	—	—	1
Triunfo	—	7	3	2	12
Valenciana	—	2	9	—	11
Vianna da Barra	—	—	4	—	4
Virginia	—	—	1	—	1
Vitória	1	1	3	—	5
Vitoriosa	—	3	2	—	5
Não declaradas	—	66	161	35	262
Ignoradas	—			—	54
	19	**407**	**568**	**139**	**1.277**

Luz que orienta
Ao cruzar os ceus, ou palmilhando as ruas, os paulistas voltam o olhar para a luz que brilha no alto do Edifício do Banco do Estado, buscando localizar o centro da paulicéia. Coroando o magestoso bloco de cimento armado, a luz do Banco do Estado simboliza muito mais que simples ponto de referência. Significa a solidez de um estabelecimento de crédito, que há decenas de anos fomenta o desenvolvimento da Indústria e do Comércio. A excelência de sua perfeita organização bancária, a rapidez com que se atende os correntistas, fazem aumentar dia a dia, a preferência geral pelo Banco do Estado de São Paulo.
• Depósitos
• Empréstimos
• Descontos
• Câmbio
• Cobranças
• Transferências
• Títulos
• Cofres de Aluguel
Agências em cidades do interior
Correspondentes nos principais pracas do exterior
BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S.A.
CAPITAL REALIZADO:
Cr.$ 100.000.000,00
BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Resumos e Transcrições

FAZENDA RANCHARIA
CAIXA POSTAL, 261
FONES, 92 E 87
GARÇA
E. S. PAULO
SEMENTES
DE
CAFÉ BOURBON AMARELO
CULTURA APROVADA E RECOMENDADA
PELO
INSTITUTO AGRÔNOMICO DE CAMPINAS

Garça, 26 de Abril de 1.954.-

Ilmos. Srs.
"ARTHUR VIANNA COMPANHIA DE MATERIAIS AGRÍCOLAS".
Rua Florêncio de Abreu, 270.-
São Paulo.-

- 5 MAI 1954

Presados senhores.-

Pela presente vímos confirmar os ótimos resultados que estamos obtendo com a aplicação em nossa lavoura do "Salitre duplo potássico", feita, anualmente, 3 a 4 vezes com intervalos de trinta (30) dias, à razão de cem (100) grâmas por cafeeiro.-

As arvores apresentam-se vigorosas e com essa prática de adubação aliada a complementos orgânicos e fosfatados, conseguimos obter uma média constante de elevada produção, sem prejuizo para a planta.-

Alem desses resultados de ordem geral estamos constatando diminuição na queda dos "chumbinhos", - porcentagem desprezivel de chôchos nos ponteiros e elevado indice de rendimento no beneficio.-

Autorizando a divulgação desta nossa comunicação, nos subscrevemos, mui atenciósamente.-

P.p. JOÃO LEONIDAS FERREIRA =
= LENICIO PACHECO FERREIRA =

O PLANTIO DE CAFÉ EM TERRAS RECUPERADAS

EDGAR FERNANDES TEIXEIRA

Há três semanas — exatamente em 3 de fevereiro último — transcrevemos nestas colunas, sob o título acima, as instruções preparadas pela Secretaria da Agricultura e que vêm sendo distribuidas aos lavradores de todo o Estado, sôbre plantio de café em terras recuperadas. A respeito de culturas intercalares, assunto que vimos debatendo continuamente, diziam as "Instruções": Nas lavouras em terras já anteriormente cultivadas, não deverá ser efetuado o plantio de nenhuma cultura intercalar que possa concorrer com o cafeeiro. Ao contrário, dever-se-á proceder ao plantio de leguminosas, como o feijão de porco, mucuna anã (rasteira), crotalária júncea etc., para melhoria do solo e proteção contra a erosão.

Como se sabe, esse assunto comporta muita controvérsia. Já mostramos, em várias ocasiões, que a própria Comissão do Café, da Secretaria da Agricultura, admitiu que, na situação atual, a cultura intercalar é "um mal necessário"... Um dos nossos mais adiantados lavradores, que planejou a formação de uma lavoura de 200.000 cafeeiros em terras abandonadas, e cujos primeiros milhares de pés apresentam excelente desenvolvimento e produção idêntica à das melhores terras novas e férteis do Norte do Paraná, provou que a cultura de plantio do milho no cafèzal permite pagar a maior parte da despêsa do plantio, e, por isso, acha que a cultura intercalar, mais do que um "mal necessário", é um benefício de tal ordem que nenhum lavrador poderá dispensá-la.

"Tôda a nossa lavoura — diz esse adiantado cafeicultor — foi formada com cultura intercalar durante três anos. Quando nos mostrarem cafèzais mais produtivos e mais desenvolvidos que os nossos, sem terem recebido cultura intercalar, daremos a mão à palmatória. Como procedemos: 1.º — Aplicamos 10 litros de cama de estábulo por covas de 40 x 40 x 40, muitas vezes adubando a cova no dia do plantio, sem qualquer inconveniente; 2.º — a cultura intercalar, no primeiro ano, 3 linhas; no 2.º ano, 2 linhas e, no 3.º ano 1 linha, foi sempre adubada na base de 1.500 quilos de adubo por alqueire de cultura. Exemplo: 1 alqueire de milho, com ruas de 1 metro, corresponde a 24.000 metros de linha de cultura. Aos 45 e aos 75 dias do plantio, poder-se-á aplicar Salitre do Chile em cobertura, na base de 10 gramas, por metro, cada vez. Assim foram formados os nossos novos cafèzais, e a prática nos permite agora afirmar que se podem reconquistar ou recuperar as terras, restabelecendo ótimos cafèzais, sem custo por pé, isto é, à custa das culturas intercalares e da produção de café do 3.º ano; 3.º — a adubação com estêrco ou "composto", está cla-

ro, é necessária, na base de 10 litros por ano, o que corresponde a 3 quilos de cama velha de estábulo. Agora sabemos também quanto poderemos melhorar o desenvolvimento da moita de café, acrescentando, por cova e por ano, a seguinte mistura:

Hiperfosfato .... 300 gramas
Superfosfato .... 100 gramas
Cloreto de potássio 50 gramas

4.º — Aplicamos Salitre, cinco vezes por ano, com o intervalo de 30 a 50 dias, na base de 30 gramas cada vez no 1.º ano, 50 gramas no 2.º e 100 gramas no 3.º ano. Finalmente, cabe-nos fazer outras restrições no que diz respeito às "Instruções": Na nossa zona — Bragantina - Mogiana — quem plantar café de outubro a dezembro perderá grande quantidade de mudas e temos motivos para crêr que em regiões de menor altitude a coisa será ainda pior".

Vejamos agora o lado oposto. Um grande fazendeiro em Itapira, em carta que nos enviou a propósito do emprêgo de soja na lavoura cafeeira, diz o seguinte: "Sou contra qualquer plantação intercalar no cafèzal, mesmo a chamada adubação verde e justifico o meu ponto de vista. O feijão das águas, embora seja uma planta econômica, assimila certos elementos da terra, é, por isso, concorre com o café, e, além disso, num veranico de dezembro ou janeiro, prejudica o pé de café. Ela faz ainda que o colono não realize uma carpa 100%, pois a fileira da planta intercalar o impede. Mesmo a adubação verde acarreta inconvenientes que, na minha opinião, não são totalmente cobertos pelas vantagens que essa adubação traz. Concorre com a humidade do solo, atrapalha as carpas e, na ocasião do corte, quase sempre não pode ser bem enterrado devido à falta de tempo, e isso é comum acontecer com a escassez de braços. Se o adubo verde "passar" do tempo e frutificar, então o prejuízo é grande. No meu ver, o café deve ser carpido o maior número de vezes possivel, até que a terra fique "arelada" como se diz. Nesse caso, a erosão deve ser combatida tenazmente com corredores de água no meio da lavoura. A adubação deve ser intensa com matéria orgânica — estêrco de curral ou "composto" — que, embora difíceis, repõem no solo o que se lhe tirou em muitos anos de produção. Ideal seria ainda fazer em volta dos pés de café um forro com capim cortado. Na minha fazenda suprimi completamente toda cultura intercalar, pois dou aos colonos as melhores várzeas para plantio, e forneço inclusive o adubo. Toda a terra destinada aos colonos é arada com trator, gradeada uma ou duas vezes e nas várzeas emprêgo a enxada rotativa. Tudo isso custa bom dinheiro, e já tenho sido criticado, mas o certo é que tenho a fazenda colonizada, pessoal satisfeito e uma fôlha de pagamento — para uma lavoura de 115 mil pés — que, pelos saldos, esclarece perfeitamente essa situação".

Na realidade, a opinião do lavrador de Itapira, mostra a controvérsia que existe a respeito das culturas intercalares. Há os partidários do plantio do feijão, do milho, do algodão, como há os que lhe são inteiramente contrários. Mas enquanto a primeira la-

voura é de fato uma cultura de café em terras recuperadas, já a segunda é de uma antiga fazenda, com lavouras velhas, onde o problema se apresenta diferente no aspecto do café em relação a uma cultura nova em que se obedeceu a uma orientação técnica agronômica das mais avançadas. De qualquer maneira, vê-se que um lavrador conseguiu formar novas lavouras de café em terras ditas "esgotadas" e nelas plantou milho durante três anos e com esse milho e a primeira safra de café pagou o preço da formação da lavoura. O critério de manter a lavoura de café "areiada" não encontra mais justificativa diante dos atuais conhecimentos da ciência agronômica. Em nossa opinião, desde que se restitua à lavoura uma adubação proporcional às retiradas de elementos dos solos, protegendo-os contra a erosão e a ação direta do sol, não mais há razão, ante as dificuldades atuais, para não se aproveitar ao máximo a área cultivadas como veremos em outra oportunidade.

(Do "O Estado de S. Paulo" 24-2-1954)

QUANDO SE EXIGE
Eficiência e economia
em PULVERIZAÇÕES
a solução é
CROPMASTER
MOTORIZADA

em terrenos planos ou árvores e arbustos, a mesma eficiência em polvilhamentos com inseticidas e fungicidas.

PRODUÇÃO
SOLIDEZ
FÁCIL MANEJO

POLVILHADEIRA NIÁGARA *Cropmaster*

Fabricado pela
NIÁGARA CHEMICAL DIVISION DE MIDDEPORT

Peça folhetos ilustrados

DIERBERGER - *Agro Comercial Ltda.*
Rua Líbero Badaró, 499 - Tel. 36-5471
Av. Anhangabaú, 392/394 - Cx. 458 - São Paulo

Santos & Santos - 52.075

"Uns plantam a semente de couve para o prato de amanhã, outros a semente do carvalho para o abrigo do futuro. Aqueles cavam para si mesmos. Estes lavram para o seu país, para felicidade dos seus descendentes, para o benefício do gênero humano".

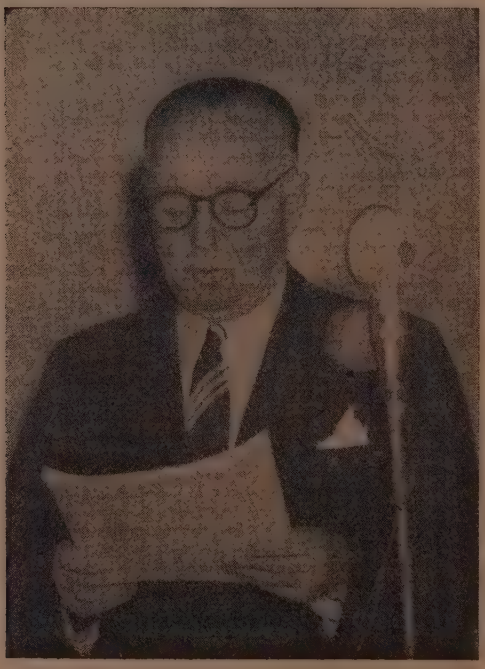
RUY BARBOSA

Ressurge, em bases racionais, a cafeicultura em Santa Catarina

Publicamos abaixo o substancioso discurso proferido perante o CONGRESSO MUNDIAL DO CAFÉ, há pouco realizado em **Curitiba,** pelo **Governador de Santa Catarina,** sr. **Irineu Bornhausen,** a quem se deve o atual renascimento da lavoura cafeeira do próspero Estado sulino.

Trata-se de um oportuno e interessante trabalho, que focaliza com clareza e precisão a história, o progresso atual e as futuras possibilidades do café sombreado daquela região, produto afamado pela sua excelente qualidade.

Realmente, muito se assemelha o café catarinense aos **milds** colombianos. É de tipo especial, e dá bebida "mole" e "estritamente mole" quando convenientemente preparado. A zona que o produz, em Santa Catarina, é a do litoral, abrangendo 30 municípios. Trata-se de uma zona não sujeita a geadas, conforme ainda uma vez se provou, quando das recentes e intensas precipitações de 5 a 6 de julho último, que atingiram em cheio as regiões cafeeiras do norte do Paraná e do sudoeste de São Paulo. Ademais, a árvore sombreadora ali adotada — o ingà-



O Governador Irineu Bornhausen, governador de Sta. Catarina, pronunciando seu discurso.

Grande organizador, a êle se deve o atual e bem orientado estímulo à cafeicultura do Estado.

zeiro — além da proteção do cafeeiro contra as intempéries, da proteção do solo e de sua rehumificação, contribui para uma perfeita granação e maturação do produto, que se apresenta com excelente aspecto.

Outra vantagem registra o Estado de Santa Catarina com referência à cafeicultura: é o fato de se situarem tôdas as plantações no litoral, a pequena distância dos portos de mar, junto às estradas principais do Estado, que atravessam a orla costeira, donde uma singular facilidade quanto ao problema dos transportes, em tempo de percurso e em fretes.

O problema das pragas — inclusive a **broca** — não existe. Igualmente não se apresentou ainda, evidentemente, pois trata-se de lavouras novas, a questão das terras "cansadas", carecedoras de adubação. Quanto às precipitações pluviométricas, é conhecido o fato de que tôdo o litoral brasileiro as recebe com satisfatória abundância.

Nessas condições, fácil é verificar que o Estado de Santa Catarina reúne invulgares condições para o desenvolvimento de uma próspera, rendosa e especializada cafeicultura, sendo digna de encômios a atuação do atual govêrno do Estado no sentido de a desenvolver adequadamente.

A produção, aliás, vem aumentando muito, nos últimos tempos. Tendo sido, em 1932, de mais de 200.000 sacas, caiu consideràvelmente nos anos subsequentes, chegando o Estado a produzir apenas para o seu consumo. Motivos diversos ocasionaram essa redução, e entre êles não foi dos menos importantes a falta de uma eficiente assistência aos lavradores e à cafeicultura, de um modo geral. Essa assistência e, mais que isso, um apôio entusiástico, teve-a a lavoura cafeeira do atual

CAFEZAL CATARINENSE A SOMBRA DO INGAZEIRO.

govêrno que, evidentemente bem orientado sôbre a sua importância e possibilidades quer no panorama nacional, quer no internacional, resolveu elevá-la à categoria que merece no quadro da produção catarinense.

Além das providências diretamente tomadas pela administração estadual, através de seus serviços especializados e sua Secretaria da Agricultura, o Governador Irineu Bornhausen firmou acôrdo com o Ministério da Agricultura para desenvolver, em bases racionais, a cafeicultura no Estado. E, graças também ao seu prestígio e esforços foi ali instalado um dos escritórios do Instituto Brasileiro do Café, com o qual fez o Estado igualmente um acôrdo para, com a assistência especializada dêsse órgão, executar um plano metódico destinado a obter maior e melhor produção do famoso café sombreado de Santa Catarina. Visa êsse plano a uma campanha, em curso, para a produção de cafés finos exclusivamente, numa quantidade que se espera atingirá a 500.000 sacas exportáveis, nos próximos anos. A iniciativa particular está sendo amparada pelos poderes públicos e, de sua parte, empresta sua indispensável colaboração à promissora e patriótica iniciativa.

Aliás, fácil é verificar que reina em tôdo o Estado muita animação e entusiasmo pelas possibilidades cafeeiras. Verifica-se um verdadeiro **rush** às terras adequadas ao café, do litoral catarinense, terras que são, como também o clima daquela zona, de primeira ordem. Paulistas, paranàenses e gaúchos estão disputando com os catarinenses grandes áreas em que se possam estabelecer com lavouras de café, naquêle Estado.

Em seu discurso no Congresso Cafeeiro de Curitiba, o Governador catarinense focalizou, apenas a largos traços e sem se deter sôbre seus trabalhos e realizações, o quadro da cafeicultura de seu Estado. Entretanto, acompanhando o assunto e informando-nos a respeito, estamos ciente das reais possibilidades da região no que diz respeito a essa grande riqueza. Acreditamos que dentro de poucos anos teremos na constelação dos grandes produtores de café, mais um Estado de primeira grandeza, e tanto mais quanto o seu produto será, tôdo êle, de fina qualidade. O Estado de Santa Catarina, cujas safras nem eram consideradas, até há pouco, pelos departamentos especializados da cafeicultura nacional, passará a pesar definitivamente na balança.

Eis na íntegra, o discurso do Governador catarinense:

"Srs. Congressistas:

Dentre os Estados produtores de café, Santa Catarina é, talvez, o de menor expressão, visto que sòmente agora estão sendo lançadas as bases de uma cultura racionalizada, sob a esclarecida orientação do Instituto Nacional do Café.

Indagarão, talvez, os senhores congressistas, sôbre o motivo do nosso comparecimento a um Congresso desta natureza, em que

se reunem representantes dos maiores centros da cafeicultura mundial, para discutir e opinar sôbre os variados problemas que cercam a preciosa rubiácea.

A razão é simples: conhecendo, como conheço, as possibilidades do solo e do clima catarinense para o desenvolvimento dessa cultura, através dos esforços da iniciativa privada e da opinião dos técnicos, fui, creio eu, um dos Governadores do período republicano que maior interêsse tomaram por uma produção racional e intensificada no meu Estado, celebrando um convênio com o Instituto Brasileiro do Café para prestação de auxílios à lavoura cafeeira de Santa Catarina, com o objetivo de ampliar e intensificar os trabalhos de investigações e experimentações necessárias ao aprimoramento dos processos de cultura, preparo, beneficiamento, industrialização e comércio do café.

Nestas circunstâncias não podia deixar de, atendendo ao amável convite de meu eminente amigo Governador Bento Munhoz da Rocha e da Comissão Organizadora do Congresso Mundial do Café, comparecer pessoalmente a êste brilhante conclave.

Mas, não foi só isso que moveu Santa Catarina a vir participar dos vossos trabalhos: o café catarinense, conquanto produzido ainda em pequena escala, por motivos que adiante analisarei, já ganhou fama pela sua excelente qualidade.

Realmente, o "café da ilha, como se tornou conhecido, é gabado como um dos melhores do mundo. Segundo os dados coligidos pelo historiador catarinense Carlos da Costa Pereira, Saint-Hilaire deixou registrada, nas suas impressões de viagem, a "ótima qualidade" do café da ilha e Charles Ven Lede, que também percorrêra algumas regiões do Brasil, observou que o café produzido na província de Sta. Catarina rivalizava com o do Rio de Janeiro, embora fôsse êste, naquela época, considerado o melhor café do país. "Os grãos —anota o historiador— eram mais ou menos do tamanho do café procedente de Moca e parecia poder classificar-se o seu tipo entre êste e o de S. Domingos, conquanto fôsse muito imperfeito o processo de secagem.

Almeida Coelho escrevia, em 1885: "ainda que êle (o café) ofereça um lucro real e a mais crescida vantagem ao país, infelizmente deixa de suceder assim, por errados cálculos de seus lavradores: entretanto, o clima favorece de tal maneira que, mesmo sem nenhum auxílio, produz com abundância, como se quizessem desafiar a ambição do lavrador; e, — conclue o historiador — pretendem alguns estrangeiros que o café de Santa Catarina passe pelo melhor nos Estados Unidos da América do Norte".

Recentemente, visitando o litoral catarinense, o Dr. Walter Lazzarini, Diretor da Estação Experimental de Café de Ribeirão Preto, no Estado de São Paulo, e grande autoridade no assunto, confessou em entrevista concedida à imprensa do Rio, que a sua impressão foi de "surpresa e admiração". "Encontramos em Sta. Catarina — diz o técnico paulista — condições particularmente excepcionais para o café. Na parte por nós percorrida, que abran-

geu quase que exclusivamente a orla litorânea, os solos são massapés e salmourões de ótima fertilidade. O clima é mais frio que o de São Paulo, porém com ocorrências não muito frequentes de geadas. Podemos crer que o café encontra, nestas condições, clima mais do que propício para o seu estabelecimento, mòrmente porque nessa região brasileira a qualidade da bebida é essencialmente fina, embora não se dispensem ainda melhores cuidados no preparo ou secagem do café".

Alguns técnicos atribuem a excelente qualidade do café catarinense ao regime de sombreamento adotado na Ilha e no interior, e que data dos tempos coloniais. As árvores mais indicadas para êsse fim são, segundo os entendidos, o ingá cipó e o ingá feijão que lá se desenvolvem com facilidade e são comuns em tôda a região cafeeira. Ainda não se sabe, ao certo, o motivo por que se adotou êsse regime, se por mero acaso, se pela necessidade de proteger a árvore contra os rigores do vento e da geada.

O ingàzeiro, árvore de sombra do afamado café catarinense.

A verdade é que Santa Catarina foi o primeiro Estado no Brasil a adotar o chamado "café sombreado", fato que despertou a atenção de técnicos e cafeicultores de outras regiões. A cultura do café no meu Estado data de 1786. Segundo ainda as notas coligidas por Carlos da Costa Pereira, a produção do café chega, em 1810, a 15.192 arrôbas, tendo sido consumidas 1.984 e exportadas 13.208 arrôbas. Para a época era uma produção respeitável, tanto que, segundo Afonso de Taunay, representava mais do dôbro do que então saía anualmente pelo pôrto de Santos.

Com o decorrer dos anos, porém, em vez de aumentar, foi caindo lamentàvelmente a cultura do precioso grão, a ponto de passar o Estado a produzir apenas o necessário ao seu consumo.

Vários Presidentes da Província, notadamente Antero José Ferreira de Brito, mais tarde Barão de Tramandaí, João José Coutinhos, Dr. Araújo Brusque, Dr. Antônio de Almeida Oliveira, João Rodrigues

Chaves e Dr. Francisco José da Rocha, se interessaram pelo assunto, proclamando as excelências do clima e aconselhando aos lavradores a intensificação da cultura cafeeira.

Nunca houve, todavia, da parte das autoridades, estímulos mais concretos à iniciativa particular, além das recomendações e dos conselhos das "falas" oficiais, nem se procurou, jamais, ensinar ao lavrador catarinense os modernos processos de racionalização dos trabalhos e aperfeiçoamento da técnica de plantío e colheita.

Tanto é verdade que, a não ser algumas pequenas fazendas instaladas recentemente por cafeicultores familiarizados com os processos em voga nos grandes centros produtores, ainda perdura, em quase todo o litoral catarinense, a rotina herdada dos antepassados, morosa, ineficiente e de escasso rendimento econômico.

E se o café, a despeito de tudo isso, ainda é bom e abundante, devemô-lo exclusivamente às condições excepcionais do clima e do solo catarinense.

Mas, além dessas vantagens de ordem climatológica, cumpre chamar a atenção para uma circunstância de caráter econômico que não pode passar desapercebida nesta breve dissertação sôbre o café catarinense: é que as terras de cafeicultura no m/ Estado distam apenas 30 ou, quando muito, 50 quilômetros dos portos de embarque, permitindo, assim, escoamento fácil e econômico do produto.

A atenção que o Instituto Brasileiro do Café vem dispensando ao problema da famosa rubiácea no meu Estado e o interêsse que

CAFÉ SOMBREADO, DE SANTA CATARINA

certamente despertará entre os cafeicultores de outras regiões, após a realização dêste importante Congresso, propiciarão, num futuro próximo, incluir Santa Catarina entre os Estados produtores de café da melhor qualidade.

Agradeço ao Exmo. Senhor Governador Bento Munhoz da Rocha o honroso convite com que, mais uma vez, distinguiu o Govêrno de Santa Catarina, e à Associação Paranàense de Cafeicultores a oportunidade, ensejada ao meu Estado, de participar dêste memorável conclave, do qual havemos de levar, não só os ensinamentos e a experiência dos maiores expoentes da cafeicultura mundial, mas, também, uma alta lição de fé no Brasil e nos homens que trabalham pela sua grandeza econômica.

(De "Lavoura e Criação" de Janeiro, 1954)

DISCURSO DO MINISTRO DA FAZENDA NA POSSE DA JUNTA ADMINISTRATIVA DO IBC

Por ocasião da posse da Junta Administrativa do IBC, no dia 26 de abril p.findo, o sr. Oswaldo Aranha pronunciou um discurso, em que, entre outras considerações, disse o seguinte:

"A Junta Administrativa inicia a sua tarefa no momento em que o café está sendo procurado nos mercados consumidores, pelos mais altos preços de sua história. Hoje, ainda, ao ser informado de que devia empossar a Junta Administrativa e inaugurar a nova éra política cafeeira, disse o ministro — indaguei do presidente do IBC, que se tem, aliás, devotado ao serviço do país, porque tinha adotado a medida de prorrogar os embarques dos cafés liberados da safra atual, o que havia concorrido para a baixa injustificável no preço do produto. Após debater o caso juntamente com o presidente do Banco do Brasil, cheguei à conclusão de que, em parte, a medida teria influido na baixa. Por isso determinei, imediatamente, a sua suspensão. Em seguida, combinei com o presidente do Banco do Brasil elevar o nível do financiamento no interior, a fim de evitar essa baixa fictícia". Ressaltou, então, o sr. Oswaldo Aranha, assim como não admitia que se esforçasse a alta dos preços não podia consentir na especulação baixista. O preço do produto só pode ser o resultante da lei de oferta e da procura. Com essas medidas, afirmou o ministro — espero que a Junta possa iniciar sua tarefa com a segurança e o patriotismo que se pode esperar dos seus componentes. **Retorna a liberdade** — Declarou ainda, o sr. Oswaldo Aranha, contar com o apôio de todos os membros da Junta, bem como de todos os brasileiros, para a sua política econômica, que visa o retôrno à liberdade, a fim de livrar o Brasil dos entraves que se opõem à normalização do seu comércio exterior e de sua economia. Afirmou a seguir que continuará a política financeira que adotou, embora se trate de tarefa árdua e difícil. "A política atual — acentuou o ministro — visa deflacionar na cidade e, se é que isso é possível, inflacionar no campo. Quero tirar dos que vivem na cidade os privilégios, os monopólios, sobretudo do crédito, e os levar, pouco a pouco, para os que vivem no campo. O agri-

cultor é o homem que enriquece a nação, sem enriquecer a si próprio. Acredito que entre as mais nobres missões do homem figura a de trabalhar pela sua pátria". **Retôrno à terra** — "Se voltarmos ao passado e observar a história das últimas guerras, verificaremos que a crise que levou os povos ao desespero foi, num fundo, uma crise agrária, uma crise de alimentação. Nossa política — reafirmou o ministro — assenta no retôrno à terra. Através dos ágios, o interior vai ter recursos para as atividades agrícolas". **Projeto** — "Os auxílios que estão sendo dados aos produtos exportáveis vão, assim, beneficiar também os produtos que não são exportados, porém, indispensáveis à alimentação e à vida do povo. Já está em mãos do presidente da República o projeto de regulamento da aplicação dos ágios. Através dêle, chegará à produção crédito fácil, rápido e simples, acessível a todos quantos quiserem produzir". Aprovado pelo presidente da República, o projeto vai desatender o desejo expresso por um dos membros da Junta Administrativa, de aplicar os recursos do IBC na ajuda à lavoura. Explicou, então, o ministro que os recursos do IBC são muito pequenos, em face das necessidades da agricultura. **Saldo** — A seguir, o ministro chamou a atenção para os resultados do comércio internacional do ano passado. A política adotada permitiu aumentar as importações e multiplicar as exportações. "De um déficit de 260 milhões em junho, para o saldo de 7 biliões no fim do ano! — frisou. "Sem intervir no mercado o govêrno obteve uma enorme receita de dólares provenientes da venda do café. E isso não foi devido apenas à geada ou à especulação na Bolsa de Nova York onde a ação de brasileiros foi aliás mínima, (os especuladores são de outros países) mas, sobretudo, à política do govêrno consubstanciada nas Instruções ns. 66 e 70 da Sumoc, e na lei do comércio exterior, esta última feita em colaboração com o Poder Legislativo. Para se avaliar os efeitos dessa política, basta atentar para o fato da lavoura estar pagando o dólar, nos leilões de ágios para os produtos agrícolas, a preço equivalente ao que obtém, com a exportação dos produtos agrícolas! Perguntou, então, o ministro: "Quem nos tempos da Cexim, obteve produtos para a lavoura a dólar de 30 cruzeiros?" **Sete biliões** — "Sete biliões de cruzeiros já foram distribuidos em bonificações, sendo devolvidos à lavoura. Outros sete biliões, do produto dos ágios, serão distribuidos através de financiamentos à lavoura. Com esta medida terei prestado o maior serviço que já pude prestar ao Brasil" — declarou o sr. Oswaldo Aranha. Lembrou o ministro que só a terra nos poderá dar aquilo de que precisavamos. Não devemos esperar ajuda de mais ninguém. "As medidas que possam trazer a inflação devem ser combatidas, porque a inflação é a ladra privilegiada do trabalho humano". Mostrou a seguir que o produto dos ágios (sete biliões) e mais de 6 biliões oriundos da venda do algodão, puderam evitar a emissão nos 4 primeiros meses deste ano. "Não fôsse isto, a circulação teria subido a 60 biliões de cruzeiros". Os balanços do Banco do Brasil permitem, agora, conhecer a nossa verdadeira situação. Assim a proporção dos créditos concedidos para a indústria e comércio o foram de proporção de 1,3 e 5 respectivamente. "Não é verdade que seja contra as emissões", afirmou ainda o ministro. "Sou contrário às emissões que se destinem a

cobrir gastos públicos excessivos da União, Estados e Municípios. É claro, porém, que os meios de pagamento devem ser aumentados, na medida das necessidades de nossa economia. O progresso do Brasil é fenômeno impar no mundo de hoje e a circulação de papel moeda deve aumentar na medida das necessidades do progresso".

Aprovada a política do ministro da Fazenda — Por deliberação tomada na reunião de 27, da Junta Administrativa do Instituto Brasileiro do Café, o sr. Francisco de Paula Soares Neto, presidente daquele órgão, enviou um telegrama ao ministro Oswaldo Aranha, comunicando a s. excia. haver sido aprovada ùnanimemente pelo plenário da Junta a moção apresentada pelo sr. José Cassiano Gomes dos Reis, representante da lavoura cafeeira paulista, solidarizando-se com o ministro da Fazenda ante os propósitos por êle manifestados de prosseguir na política econômica que se baseia no retôrno à terra.

SEGURO AGRÍCOLA

No dia 28 último, o presidente da República assinou decreto dispondo sôbre o funcionamento da Companhia Nacional de Seguro Agrícola, sociedade por ações de economia mista, com capital de 100 milhões de cruzeiros, destinada a explorar e desenvolver progressivamente as operações de seguros agro-pecuários do país. Por esse ato, que permitirá o início das atividades da Companhia de Seguro Agrícola para breves dias, fica o govêrno aparelhado do instrumento legal capaz de permitir o estabelecimento de um sistema circulatório para as atividades rurais. Trata o decreto, inclusive, da constituição de um Fundo de Estabilização, que permitirá à Companhia atender aos casos de catástrofes, as quais, embora não comuns no Brasil como em outros países, podem comprometer a economia do agricultor e a própria estabilidade da Companhia. O Fundo será constituido por uma parte dos lucros das operações, por dotações orçamentárias da União, e por outros recursos que lhe forem designados pela Assembléia Geral de acionistas. O capital de 100 milhões de cruzeiros será subscrito pelas entidades de economia mista bancárias e resseguradoras, pelo Tesouro Nacional e pelas Sociedades de Seguros e Capitalização em funcionamento no país.

(Do "Boletim da Associação Comercial de Santos, n.º 311)

A elevação dos preços do café

Transcrevemos abaixo, da autorizada "Carta Mensal Econômica", editada pelo "National City Bank of New York", esta bem elaborada e aguda síntese relativa à elevação dos preços do café.

O espetacular aumento dos preços do café gerou uma considerável agitação por entre as donas de casa, os consumidores e os políticos, neste país. Tendo-se em vista o grande número de americanos que bebem café, êsse furor nada tem de surpreendente. A alta dos preços sempre evoca protestos por parte dos consumidores, protestos êsses que tendem a se tornar particularmente violentos quando os produtos provêm do estrangeiro. Os produtores estrangeiros podem sempre ser denunciados com maior impunidade do que os produtores nacionais.

A situação atual do café ilustra, mais uma vez, a tendência que tem o povo a considerar especulação as grandes alterações nos preços dos gêneros, deixando de ver nelas o reflexo das naturais variações entre a oferta e a procura. Já têm sido feitas acusações de que essa alta nos preços é o resultado de uma "especulação", de uma retenção dos estoques de café por parte do Brasil, e de causas semelhantes. Essas acusações têm sido refutadas, tanto pelos que se dedicam ao comércio do café, como pelas autoridades públicas do Brasil e de outros países que cultivam o café. Êles alegam que a elevação dos preços é o resultado de uma gradativa redução das relações entre a oferta e a procura, agravado, ainda, pelos sérios danos que sofreram os cafeeiros do Brasil em julho último (que é o período invernal no hemisfério sul), danos êsses que reduziram, fortemente, o excedente exportável da safra de .. 1953-54 e prejudicaram, gravemente, as perespectivas para a safra de .. 1954-55.

Não obstante isso, e como consequência do clamor levantado, tanto o Govêrno como o Congresso resolveram fazer investigações. A pedido do Presidente Eisenhower, a Federal Trade Commission (Comissão Federal do Comércio) está examinando as transações que se efetuam no New York Coffee & Sugar Exchange (Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York). Uma sub-comissão Bancária do Senado tem vindo realizando o seu próprio inquerito com referência às causas da alta do preço do café, ao mesmo tempo que o próprio Senado — sem aguardar os resultados de um ou outro dêsses dois inqueritos — fez ressurgir, aprovou e remeteu à Câmara um antigo projeto de lei do Senador Gillette (Iowa), que vinha há muito dormindo na Comissão de Agricultura, visando a submeter as transações de café à mesma fiscalização federal que se exerce sôbre a maior parte das outras bôlsas de generos.

Convém apreciar, calmamente, a situação. Se, como afirmam os negociantes de café, a elevação dos preços é devida à ação da lei da oferta e da procura, a subcomissão das transações de alta artificial dos preços só poderá pedir que se consiga uma cura real, mediante um aumento da produção.

Nesse meio tempo, a reiteração de acusações violentas e mal fundadas sôbre o café, nêste país, a uma regulamentação federal de nada adiantará. As tentativas eventuais para manter, artificialmente, baixos os preços, nêste

mercado, poderão, não sòmente "piorar" a nossa posição, pelo encaminhamento dos suprimentos a países que queiram pagar mais", como já disse o New York Times, senão, também, impedir que se consiga uma cura real, mediante um aumento de produção.

Nesse meio tempo, a reiteração de acusações violentas e mal fundadas de alta artificial dos preços só poderá ser prejudicial, pela alimentação de u'a má vontade entre o público americano e os seus amigos nos países produtores de café.

As Influências a Longo Prazo Sôbre o Preço do Café

Na realidade, a base para a alta atual dos preços do café se tornará bastante evidente se examinarmos a situação mundial, do ponto de vista da oferta e da procura no momento atual e no decurso dos últimos anos.

No gráfico anterior, representamos a variação do preço local do café verde, por atacado, no mercado de Nova York, desde 1921 até a presente data, representado pela cotação do café Santos tipo 4, que é o principal tipo brasileiro.

O gráfico mostra a mais recente alteração no preço do café, que foi da ordem de 25 centavos por libra de novembro para cá — quando se tornaram melhor conhecidos os danos provocados pela geada de julho no Brasil —, elevação essa que elevou os preços ao máximo absoluto de perto de 82 centavos. Os preços de varejo de muitas marcas de café, que abrangem os custos de torrefação, de transporte e de acondicionamento e, bem assim, as majorações normais do comércio por atacado e a varejo, foram bem além de US$ 1,00 por libra.

O gráfico apresenta a elevação dos preços do atacado como sendo o prolongamento de uma pronunciada majoração, que se verificou a partir do fim da guerra. Essa tendência seguiu-se a um longo período de preços baixos, em seguida a uma éra de preços relativamente altos, na década de 1920.

Ao leitor inteligente, a prolongada depressão da década de 1930 e do início da década de 1940, talvez, venha a sugerir, por si só, o fundamento da recuperação de cotações e do período áureo dos últimos anos da década de 1940 e da que se lhe seguiu. A situação se torna, no entanto, muito mais clara no gráfico anterior, que mostra (1), na parte superior, a estimativa da produção e do consumo do café por períodos de dois anos (visando a compensar as safras, alternadamente, grandes e pequenas do Brasil) e (2), no painel inferior, os estoques mundiais visíveis, juntamente, com o café destruido, pelo Brasil, durante o período de estoques excessivos, no seu desesperado esfôrço para se livrar das disponibilidades invendáveis.

O Período de Super-Produção

É aí que se vê, sem sombra de dúvida, a origem da situação atual difícil do mercado, provocada pela superprodução que se verificou nas décadas de 1920 e 1930.

Influenciados pelos preços favoráveis que vigoravam na década de 1920, os países produtores de café — e o Brasil, em particular, — aumentaram grandemente, as suas plantações de cafeeiros. Como os cafeeiros levam de 5 a 6 anos para entrarem em plena produção, não se fez sentir, imediatamente, o efeito dêsse plantio sôbre a produção e sôbre os preços. Contudo, já nos últimos anos da década de 1920, a produção se vinha mostrando superior ao consumo. Isso está indicado pela área sombreada no painel superior do gráfico, e pela ten-

dência ascendente dos estoques, visível no painel superior.

Essa situação de desequilíbrio veio piorando, constantemente, até a década de 1930, e foi agravada por uma redução no rítmo de aumento do consumo. Durante os dez anos de período agrícola que abrange as safras de .. 1929-30 a 1938-39, a produção mundial de café exportável foi, em média, de 37.671.000 sacas de 132 libras cada uma, por ano. Como, no decorrer do período 1930-39, o consumo anual só foi, em média, de 26.474.000 sacas, os estoques visíveis mundiais chegaram a alcançar, nos países produtores, um máximo de 30 milhões de sacas e teriam ido muito além, não fôra o programa de destruição do café, instituido, pelo Brasil, numa tentativa de dar destino aos seus descontrolados suprimentos. Por fôrça dêsse programa, foram queimados mais de 78 milhões de sacas de café, durante um período de uma e meia décadas.

Como o reflexo da lei da oferta e da procura, os preços do café caíram a níveis que, para os produtores, eram considerados desastrosos. Como está indicado no primeiro gráfico, o preço local, em Nova York, para o café Santos tipo 4, foi em média, de 10 centavos, durante a década de 1930 e, na época da sua mais baixa cotaçoã, ficou aquém de 5 centavos.

A Inversão da Situação

Essas condições desastrosas — que trazem à mente análogos períodos de dificuldades nas nossas próprias zonas agrícolas — exerceram o seu efeito na basculagem do pêndulo. No Brasil, muitos fazendeiros de café abandonaram as suas plantações, arrancaram os seus cafeeiros e se dedicaram a culturas mais lucrativas, principalmente, do algodão e de produtos alimentícios. O Govêrno lançou impostos sôbre as novas plantações de cafeeiros. O número de cafeeiros, que tinha alcançado um máximo de quase 3 bilhões, em 1933, baixou, tendendo para um mínimo de 2,2 bilhões, em 1942, o que representa um decréscimo de quase uma quarta parte.

A produção de cafés verdes declinou, fortemente. Em princípios da década de 1940, ela já tinha caído abaixo do consumo, como se poderá ver no gráfico mencionado. Embora, a produção e o consumo tenham ambos declinado durante a guerra, foi maior a queda na produção, permanecendo, assim, um excesso de consumo que tem vindo prosseguindo durante o período do post-guerra.

A maneira drástica pela qual a situação se modificou pode ser revelada pelos algarismos que se seguem:

Para os primeiros sete anos do post-guerra (de 1945-46 a 1951-52), a produção mundial exportável de café foi, em média, de 28.961.000 sacas, o que representa uma recuperação substancial, em relação aos mínimos do tempo da guerra, porém, um declínio de 23%, em relação à média da década de 1930. Durante êsse mesmo período, o consumo mundial elevou-se a uma média anual de 30.684.000 sacas, o que corresponde a um aumento de 16%, em relação à década de 1930. Assim, de 1946 até 1952, inclusive, verificou-se um **deficit** médio anual, na produção, de 1.723.000 sacas. Os estoques acumulados nos anos de superprodução foram, ràpidamente, esgotados e, já em 1949, os estoques tinham voltado ao nível da década de 1920, quando era muito menor o consumo mundial.

Fêz-se sentir, novamente, no mercado, o efeito da lei da oferta e da procura; desta vez, porém, em sentido contrário. Com a remoção dos preços-teto nêste país, após a guerra, as cotações do café começaram a le-

var em conta as modificações da posição estatística e das perspectivas. Gradativamente, à medida que declinavam os estoques em excesso, começaram a se elevar, continuamente, os preços, culminando no grande aumento de 1949, quando os preços passaram de 26 c., em abril, para 52½ c., em novembro. Em 1950, as cotações locais para o café Santos tipo 4 eram, em média, de 51 c.

As Tendências Mundiais do Café, nas Principais Áreas

Um dos principais fatores que impediu que a produção mundial de café acompanhasse o crescimento do consumo foi a recuperação, relativamente lenta, verificada no Brasil. Conforme se poderá ver pelo gráfico abaixo, a produção, de países outros que não o Brasil, aumentou, constantemente, a partir de 1940 e, nos anos de 1945-46 a 1951-52, foi, em média, de 14.580.000 sacas, o que representa 3% a mais do que a média dos anos da década de 30.

Fora do Brasil, safras exportáveis maiores, colhidas nos últimos anos na Colômbia, no México e na África, mais do que compensaram os declínios verificados na Indonésia, na Venezuela, no Perú e em Cuba. A produção exportável de outros países latino-americanos permaneceu mais ou menos constante, de um modo geral, ou apresentou ligeiro aumento.

Especialmente digno de consideração foi o aumento de produção na Colômbia, que é o segundo grande país produtor de café no mundo. Êsse país elevou a sua safra exportável, de u'a média de 3,8 milhões de sacas, antes da Segunda Guerra Mundial, para perto de 5,5 milhões de sacas, no momento atual, o que representa um aumento de 45%. Além disso, êsse país tem aumentado os suprimentos de café do mundo, durante os últimos dois anos, mediante a venda de estoques anteriormente acumulados por intermédio de providências internas de sustentação dos preços. Em 1952-53, o México produziu uma safra recorde exportável de mais de 1,2 milhões de sacas em comparação com a sua média de 675.000 sacas antes da guerra, tornando-se, assim, o terceiro país produtor no mundo, no ano passado. Os preços altos têm, também, estimulado o plantio na África, onde a produção aumentou para perto de 5 milhões de sacas por ano, quase o dôbro do máximo de antes da guerra.

Na mesma ocasião, a produção anual média do Brasil, conquanto, quase tão grande quanto a de todo o resto do mundo reunido, tem ficado uns 40% aquém da média que prevaleceu na década de 1930.

Não é difícil compreender porque é que a produção brasileira diminuiu por tal forma. Os efeitos do abandono dos cafeeiros, durante a depressão, e dos esforços no sentido de uma diversificação, tanto do ponto de vista agrícola, como do industrial, não podem ser fàcilmente eliminados. O declínio da produção foi, particularmente, sensível em algumas das antigas zonas produtoras, por motivo do cansaço do solo e da crescente vetustez dos cafeeiros. Conquanto os preços crescentes dos últimos anos antes de 1940 e dos que se lhes seguiram tenham incentivado um apreciável aumento do plantio em novas zonas de importância, que vêm sendo aproveitadas para a cultura, só com o decorrer do tempo, conforme já fizemos ver anteriormente, é que êsses novos cafeeiros poderão entrar em plena produção.

Nesse meio tempo, do lado do consumo, nos Estados Unidos, procura continuou a se manter em nível muito elevado, 46% acima dos máximos de antes da guerra, conforme se vê pelo

último gráfico. Simultâneamente, vem se verificando uma recuperação do consumo europeu, que vem reagindo em relação aos mínimos do tempo da guerra. Partindo de um total de .. 5.176.000 sacas, em 1946, as importações de cafés verdes, por parte dos países da Europa Ocidental, elevaram-se a perto de 10.200.000 sacas, em 1953. Dêsse modo, a Europa vem competindo, ativamente, na procura dos suprimentos mundiais de café.

Os Efeitos da Geada de Julho de 1953, no Brasil

Foi numa situação dessas, já de grandes dificuldades no que tange às relações entre a oferta e a procura, que irrompeu, em julho, a notícia de sérios danos provocados pela geada nos cafeeiros do Brasil.

CAFÉ BRASILEIRO: SUPRIMENTO E DESAPARECIMENTO
(Milhares de sacas, de 132 lbs. cada uma)

	Dados reais	Estimativas para 1953/54		Perspectivas
	1952-53	Antes da geada	Depois da geada	para 1954-55
Excedente visível (1.º de julho)	2.956	2.950	2.950	1.500
Registradas da safra anterior ..	59	17	17	—
Perspectivas da nova safra	15.829	16.939	14.006	12.700
Suprimento disponível	18.844	19.906	16.973	14.200
Embarques por cabotagem e consumo nos portos	926	—	950*	—
Exportações	14.968	—	14.523**	—
Excedente visível (30 de junho)	2.950	—	1.500	—

* Baseado numa redução do excedente a 1,5 milhões de sacas.
** Estimativa

Ver-se-á que, a não ser que os estoques de café não registrados, existentes no interior, sejam maiores do que as estimativas feitas pelos que se dedicam ao comércio do produto, o Brasil só poderá manter, êste ano, as suas exportações, a um nível que se assemelhe ao do ano passado, mediante o recurso aos seus estoques excedentes, que terão de atingir o nível excepcionalmente baixo de 1.500.000 sacas a 1.º de julho próximo futuro, contra 2.950.000 sacas há um ano atrás. Conquanto êsses dados estejam sujeitos a uma revisão, as perspectivas de uma safra, para 1954-55, não superior à atual estimativa oficial de 2,7 milhões de sacas deixa prever uma escassez, maior ainda, de suprimentos, no ano que se seguir a 1.º de julho próximo futuro.

As estimativas elaboradas em princípios de 1952 calculavam a produção mundial exportável de café, para o ano agrícola de 1953-54, em 33.011.000 sacas. Para êsse total, calculava-se que o Brasil iria contribuir com 16.939.000 sacas, seja, mais de 50%. As expectativas eram de um quasi equilíbrio entre a produção e o consumo mundiais.

Todavia, a 5 de julho, chegaram, do

Brasil, notícias referentes a uma forte geada que teria atingido, principalmente, o Estado do Paraná, onde mais se tem verificado o aumento do plantio. A princípio, houve muito ceticismo, nos mercados mundiais de café, com referência à verdadeira extensão dos danos. Todavia, à medida que se foi podendo avaliar com mais rigor êsses danos, a seriedade dos mesmos foi se tornando cada vez mais evidente. Em consequência dêsse fato, houve uma revisão das estimativas para a produção exportável do Brasil, na safra de 1953-54, a qual foi recalculada numa base de 14.006.000 sacas, o que equivale a uma redução de 2.933.000 sacas. Para aumentar a gravidade da situação, cumpre lembrar que a próxima safra (1954-55) vem sendo, atualmente, calculada na base de apenas 12.700.000 sacas, o que equivale a 5.200.000 sacas a menos do que as estimativas originais.

A tabela acima apresenta as últimas previsões para a safra brasileira, para os anos agrícolas de 1953-54 e 1954-55, em comparação com os resultados reais do ano de 1952-53, e se baseiam nos dados compilados pelo Instituto Brasileiro do Café e pelo Pan American Coffee Bureau.

As acusações de que os países produtores de café estão retendo os seus suprimentos não são corroboradas pelo rítmo das exportações no decurso dos primeiros sete meses da estação agrícola atual (de 1.º de julho a 31 de janeiro de 1954). As exportações de café, pelo Brasil, durante êsse período, atingiram um total de 10.318.000 sacas, não obstante a pequena safra, o que representa 457.000 sacas a mais do que no mesmo período de 1952-53. No mesmo período, a Colômbia exportou 4.227.000 sacas, seja, 1.035.000 a mais do que no ano passado. Os estoques existentes, nos portos brasileiros, a 1.º de fevereiro de 1954, alcançavam um total de 3.243.000 sacas, o que equivale a 743.000 sacas a menos do que no ano passado. As acusações de retenção dos suprimentos soam mal na boca dos americanos, levando-se em conta que êste país vem retirando do mercado enormes quantidades de produtos agrícola, por fôrça dos seus programas oficiais de sustentação dos preços.

Os estoques de cafés verdes e de café torrado, em mãos dos importadores e dos torradores americanos, eram calculados, a 1.º de fevereiro, em perto de 4 milhões de sacas, o que equivale a um consumo de dois meses. Essa situação se coaduna muito bem com os estoques médios que têm existido, nesta estação, nos últimos anos, não obstante as perspectivas atuais de menores suprimentos no decurso dos próximos 18 meses.

Como o Brasil tem vindo contribuindo com quase a metade da produção mundial exportável de café, constitui êle a chave para a situação atual. As estimativas referentes aos suprimentos mundiais disponíveis tem tido de sofrer fortes reduções. Nessas circunstâncias, a alta de preço não constitui nenhum mistério, sendo um simples reflexo da lei da oferta e da procura, que age no sentido de retificar uma situação de desequilíbrio. Nesse interim, os dólares adicionais, eventualmente conseguidos pelos países produtores, por fôrça dos preços mais altos para o seu café, irão, naturalmente, pôr êsses países em condições de fazer maiores importações dos Estados Unidos.

OS SERVIÇOS DA ESPECULAÇÃO

No tocante à alegação de "especulação", seria falta de realismo não reconhecer que a mesma se tem manifestado. Todavia, torna-se difícil avaliar a proporção dessa especulação e o seu eventual efeito real.

Em primeiro lugar, cumpre lembrar que é difícil traçar uma linha exata entre a "especulação" e o que não mais se possa, assim, chamar. Todo aquêle que efetua compras e vendas, numa bôlsa de gêneros, visando a uma entrega futura, seja êle um especulador profissional, um atacadista, ou um fabricante, exerce um certo efeito sôbre a determinação dos preços e, assim, tôdas essas operações envolvem um certo elemento de risco e, pois, de especulação. Trata-se de saber a quem incumbirão êsses riscos? E' aí que aparece a figura dos chamados "especuladores". As suas operações representam um papel essencial, pois, ampliam o mercado e facilitam as "negaças" por parte dos importadores, processadores, atacadista e outros, na sua defesa contra as alterações imprevisíveis do preços, por meio da venda de contratos de futura entrega a êsses especuladores que se propõem arcar com os riscos do mercado, na espectativa da realização de um lucro.

Em segundo lugar, não se pode presumir que todos os especuladores estejam, sempre, de um mesmo. lado. Assim, enquanto que alguns, talvez, estejam fazendo compras na espectativa de uma alta, outros — principalmente, nas últimas fases de um mercado altista —, talvez, estejam vendendo na previsão de uma baixa. Atendendo a que os negociantes perspicázes e experimentados efetuam compras quando os preços baixam muito, e vendem quando êsses preços se elevam em demasia, não há como deixar de reconhecer que as suas operações tendem mais a amortecer do que a aumentar as flutuações extremas.

Em geral, há sempre uma boa razão para as grandes oscilações de preços, como acabamos de ver no caso do café. Quanto mais depresa se efetuar o movimento de correção dos preços, tanto melhor. No caso do café, as queixas contra os especuladores, com a sua acusação pela alta dos preços, nada adiantam no sentido de fazer desaparecer a escassez fundamental. A elevação dos preços é que faz isso. Segundo a recente declaração feita pelo professor Sumner Slichter, da Universidade de Harvard,

"Quando os especuladorés particulares utilizam os seus próprios fundos e o seu próprio crédito para fazer subir o preço de u'a mercadoria que se apresenta em falta, as suas tentativas de conseguir lucro têm, como efeito não intencional, a realização de um serviço público. O consumo de mercadorias ou gêneros de que haja carência precisa ser combatido e a sua produção precisa ser incentivada. Quanto mais depressa fôr reconhecida a escassez dos suprimentos e mais ràpidamente subirem os preços, tanto mais prontamente se verificarão os necessários ajustes."

(Da Carta Mensal Econômica, editada pelo "The National City Bank of Nova York", março de 1954).

Técnica e economicamente acertada a fórmula de adubação para o cafeeiro

DEFENDE O AGRÔNOMO WALTER LAZZARINI A ORIENTAÇÃO DO IBC E DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

A fórmula de adubação escolhida pelo Instituto Brasileiro do Café e pelo Ministério da Agricultura para aumentar o rendimento da lavoura cafeeira tem merecido críticas de certos setores, especialmente por não conter o referido fertilizante o elemento Azôto na sua constituição. Sabido como é que o Azôto tem extrema importância na economia vegetal, tais reparos causam impressão, pondo em dúvida a eficiência da fórmula adotada por aqueles dois órgãos da administração federal.

Para esclarecimento do assunto, procuramos ouvir a palavra do agrônomo Walter Lazzarini, chefe do Escritório do Instituto Brasileiro do Café em São Paulo, um dos técnicos que participaram dos estudos do problema. Inicialmente, disse-nos o sr. Lazzarini:

— "Para proporcionar a lavoura cafeeira do país uma adubação eficiente e barata, tornando o lavrador mais afeito a essa tarefa, o I. B. C. e o Ministério da Agricultura realizaram estudos à luz dos conhecimentos técnicos, chegando à conclusão de que a fórmula 0—19-25, isto é, 0 de Azôto, 19% de P205 e 25% de K20, é a mais indicada. Interessados e outros, menos avisados, desconhecendo as razões que nos levaram a adotar essa fórmula de adubação, têm-na criticado, estranhando a ausência do Nitrogênio, cuja importância é conhecida".

RAZÃO DA AUSÊNCIA DO NITROGÊNIO

Explicando porque o Nitrogênio está ausente da fórmula aprovada pelo acôrdo entre o I. B. C. e o Ministério da Agricultura, disse o agrônomo Lazzarini:

— "A razão de não se usar o Azôto na fórmula se prende a que os dados experimentais, até hoje obtidos pelas Entidades Oficiais, não autorizam a empregá-lo dessa maneira, isto é, de uma única vez na adubação, que se faz, normalmente no café, no início da estação chuvosa. A teoria generalizada e que está sendo objeto de estudos experimentais em nosso país, é que a aplicação do Azôto mineral se faça parceladamente, por diversas vezes. Sendo também dos três elementos o mais caro, chegando mesmo a custar três e mais vezes o preço da unidade de Potássio, achamos, então, aconselhável, não o usar na fórmula, mesmo porque a solução para o Azôto pode se dar por outros meios, como o estêrco, "compôsto", tortas, resíduos vegetais e adubos verdes. Dessa maneira, estamos dando oportunidade aos lavradores de, ao menos em parte, fazer economia do Azôto, e, quando houver necessidade de usá-lo na fórma mineral, não deverá ser em uma única vez, mas em cobertura, parceladamente, diversas vezes, durante o ano. Aliás, o Instituto Agronômico de Campinas publicou interessante trabalho em que prova a rápida transformação do Azôto amoniacal em nítrico e a fácil lavagem deste no solo, quando aplicado de uma vez, no início da estação chuvosa, devendo ser essa a razão porque se aconselha seja aplicado parceladamente".

"O Potássio entra na fórmula em maior quantidade porque os ensaios de adu-

bação em nosso meio dão, em geral, melhor efeito para esse elemento. Cremos haver razão para isso pois que, analisando-se quìmicamente o grão de café, verifica-se que mais de 60% de suas cinzas são de potássio".

"Analisando-se, também, os dois tipos de solo, mais cultivados com café no Estado de São Paulo: arenito e terra roxa, vemos que o elemento mais consumido não só pelas colheitas, como pela lavagem do solo, foi o Potássio, sendo o seu desgaste em certos casos de mais de 90%, em 20 anos. Sabe-se que todo o Potássio existente nesses solos está em fórma fàcilmente aproveitável e, também, por esse motivo, fàcilmente lavável. Esses os motivos de darmos na fórmula 30% de Potássio a mais do que o Fósforo".

"O fosfato para a composição foi dividido em duas partes: aproximadamente metade do P205, obtido de fosfato bicálcico e a outra metade de fosfato tricálcico. A razão do nosso procedimento nessa divisão está, especialmente, em obter o elemento Fósforo eficiente e barato. O fosfato bicálcico tem boa solubilidade e aproveitamento mais ou menos rápido e o fosfato tricálcico ficará como reserva para aproveitamento posterior".

FÓRMULA CORRETA

Concluindo, o sr. Walter Lazzarini declarou:

— Dessa maneira, pensamos que nossa fórmula é técnicamente correta e além disso, há nela outro atributo econômico, que é de sua grande quantidade de elementos nobres".

"Observando-se as fórmulas de adubação normalmente vendidas para o café e mesmo para outras culturas nota-se, no geral, pequena percentagem relativa dos elementos Azôto, Fósforo e Potássio. A alegação que se ouve, como motivo disso, é que uma fórmula concentrada custará mais, e a tendência do lavrador é não comprar fórmulas de preço elevado. Diante desse fato, é inegável a necessidade de se obter, por parte dos órgãos responsáveis, um perfeito esclarecimento do assunto, uma vez que as fórmulas com pequena quantidade de elementos nobre são encarecidas pelo maior dispêndio de mão de obra para mistura, ensacamento, sacaria, transportes, aplicação, etc.".

"Pensamos que a fórmula por nós idealizada 0—19-25, sendo sua composição obtida por mistura de 417 quilos de cloreto de potássio, 235 quilos de fosfato bicálcico a 40% e 348 quilos de fosfato tricálcico a 27%, por tonelada, seja técnica e economicamente correta e foi com composição semelhante a essa, na realidade, com cêrca de 50 g. de P205 e 60 g. de K20 e mais um jacá de estêrco por pé de café, que obtivemos bons resultados na formação de cafeeiros na zona de Ribeirão Preto."

"Cremos, desta maneira, ter ficado perfeitamente esclarecido o motivo da constituição da fórmula de adubo do Acôrdo entre o Instituto Brasileiro do Café e o Ministério da Agricultura, a qual aliás foi aprovada pela comissão de técnicos encarregada da execução desse Acôrdo".

(Do "O Jornal — Rio, 13-1-1954)

RECOMENDADA AO GOVÊRNO DE MATO GROSSO A ASSISTÊNCIA TÉCNICO-COMERCIAL AOS CAFEÍCULTORES

Acaba de regressar a esta capital o sr. José Eurico Dias Martins, presidente da Comissão de Planejamento da Produção de Mato Grosso, que recentemente representou o Estado na Exposição Cafeeira e no Congresso Internacional do Café, reunidos em Curitiba.

Entrevistado pela reportagem da Fôlha da Manhã, o sr. José Eurico Dias Martins manifestou-se plenamente satisfeito com os resultados obtidos por Mato Grosso nos referidos certames.

COMUNICAÇÃO SÔBRE O CAFÉ

— "Preliminarmente — disse — devo dizer que foi com muita satisfação que vimos aceita por unanimidade e mandada inserir nos anais do congresso a nossa comunicação sôbre a existência do café em solo do Mato Grosso há mais de 204 anos. Este fato demonstra as condições inequívocas de adaptação do cafeeiro, no sentido técnico-científico do têrmo, pois que, vivendo exuberante e produzindo em estado semi-espontâneo, ainda restam, nas margens dos rios Guaporé e Sararé, no município de Vila Bela, numerosos pés de antigos cafèzais que alí foram plantados na altura do ano de 1749. Exibimos amostras dos frutos colhidos desses cafeeiros bicentenários".

ANÁLISE DE TERRAS

"Apresentamos também um quadro do novo traçado rodoviário ligando Mato Grosso a São Paulo, no qual se viam trinta perfis de solos, com as respectivas análises químicas e estatística dos cafeeiros existentes, o valor da produção e vários aspectos fotográficos alusivos ao café.

"As análises das terras reputamos muito importantes porque, como é sabido, o teôr químico do solo é fatôr da maior valia para quantos se dedicam à cafeicultura".

QUALIDADE DOS CAFÉS

"Outra questão muito importante foi a natureza das amostras que exibimos. As amostras eram de cafés beneficiados em pilão, monjolo ou máquinas, sem separação nem classificação. Para que o mostruário tivesse maior valor técnico-comercial, obtivemos, por empréstimo, do Departamento Estadual do Café do Paraná as peneiras manuais de classificação e, com o auxílio de colegas, em dois dias fizemos a classi-

ficação comercial dos cafés, o que lhes deu aparência notàvelmente melhor.

"De modo geral — acrescentou o sr. José Eurico Dias Martins — esses cafés apresentaram maior percentagem de peneiras 18-16' e 16-14', "moka" e "mokinha", o que equivale a um bom tamanho de fava ou grão de café.

"Solicitamos, outrossim, que o Departamento Estadual do Café do Paraná submetesse os cafés de procedência mato-grossense à prova de xícara, a fim de se aquilatar de seu valor como bebida. O resultado foi-nos comunicado dias depois, por meio de um telegrama nos seguintes têrmos: "Temos a satisfação de comunicar-lhe — os resultados das análises procedidas no café desse Estado: café moka, peneira 12, Campo Grande, bebida mole, peneira 18, Bonito e Bodoquena, bebida dura; Campo Grande, peneira 18, bebida mole; peneira 16, Campo Grande, (Kiyoshin Yonamimbe), bebida mole; Campo Grande, peneira 18, (Seiko Cooperativa Agrícola), bebida mole. Atenciosas saudações. (a) Francisco Paula Leite, diretor D.E.C."

"Verifica-se por essas análises que apenas uma amostra apresentou bebida dura e que tôdas as demais evidenciaram bebida mole. Este fato causa-nos regozijo, porque os referidos cafés não tiveram nenhum trabalho técnico de colheita e de secagem especiais. É tão sòmente a mera condição natural favorável à produção de cafés finos."

CERTIFICADO DE EXPORTAÇÃO

— "Outro fato auspicioso, o qual resultou de nossa participação no Congresso de Curitiba, foi o certificado de classificação de café para exportação, de procedência mato-grossense, expedido pela Bolsa de Mercadorias do Distrito Federal. Reza o referido certificado que o café de marca C.P.P. teve a seguinte classificação: "café comum; tipo 2/3; fava boa, com 80% de peneira 17/18 e 20% de peneira 15/16; preparo despolpado; seca regular; côr esverdeada; torração boa; bebida dura". Cumpre destacar, como verificamos juntamente com o técnico sr. Fausto Norfini, que esse café, antes da torração, se mostrara com as características de "café de terreiro"; após a torração, o seu aspecto era de "café despolpado", com a coloração belíssima e o estriado do café colombiano despolpado.

LIÇÃO PROVEITOSA

— "Essas lições de ordem técnico-comercial nos servirão para tomar uma diretriz a que devemos submeter a produção cafeeira de Mato Grosso, educando o cafeicultor e dando-lhe meios técnicos e materiais para saber preparar e vender melhor o produto de seu esforço, para a maior grandeza da agricultura de nosso Estado.

"Mercê da carência de recursos — ressaltou o sr. José Eurico Dias Martins — não pudemos fazer uma apresentação melhor na Exposição Cafeeira de Curitiba. Voltamos todavia, plenamente satisfeitos. Aprendemos muito e vamos pôr em prática os conhecimentos que alí nos foram proporcionados".

(Da Fôlha da Manhã", 24-2-1954)

A LAVOURA E O I. B. C.

Dentro de poucos dias a direção do Instituto Brasileiro do Café será entregue aos seus legítimos representantes, na proporção ideal: lavoura com 17 membros, portanto com a maioria absoluta, comércio com um representante de cada pôrto e govêrnos de Estados Cafeeiros, com, igualmente, um representante. Com referência à diretoria executiva, composta de cinco membros, a lavoura terá, obrigatòriamente, três representantes, sendo dois de escolha do presidente da República.

Face à proximidade da cerimônia de posse dos membros da Junta Administrativa, que será no dia 26 do corrente, há expectativa quanto ao funcionamento do organismo, mesclada com a confiança entre os cafeicultores, que, segundo sentimos, é, ainda, limitada.

Parece-nos que os representantes da lavoura foram escolhidos entre homens experimentados e que se candidataram aos postos, conscientes da responsabilidade que estavam assumindo.

Nenhum deles poderá alegar imposição de situação ou de amigos, pois o pleito foi muito bem disputado, conseguindo eleger-se os que mais trabalharam, numa demonstração clara de que o cargo lhes interessava.

Com a franquesa que costumo abordar êsses assuntos, acho que era uma obrigação dos candidatos, todos êles indicados por associação de classe, procurarem entrosar-se na direção do órgão máximo da cafeicultura, para poderem, com autoridade, defender nossos interêsses.

Dos que conheço, posso afirmar que são todos homens capazes de, com independência e honestidade, imporem ordem e confiança, tão necessárias ao bom funcionamento da tão discutida Autarquia.

Ficaremos aguardando a atuação desses homens, confiantes de que não seremos desiludidos, pois apôio não lhes faltará nas entidades de onde sairam. Queremos dizer, todavia, que com o mesmo ardor que nos anima nessa manifestação de solidariedade e apôio, estaremos prontos a lhes criticar, construtiva e objetivamente, pois a posição desses homens deverá, sempre, ser o reflexo do pensamento de uma classe até hoje tão injustamente tratada.

Enviamos, entusiàsticamente, nossos sinceros votos para que Deus oriente a primeira Diretoria e Junta Administrativa, verdadeiramente eleitas pelos seus maiores interessados.

Dêsses primeiros passos dependerá o futuro do organismo e que cada um pese bem a sua responsabilidade, para, amanhã, não serem apontados como coveiros da primeira grande oportunidade que temos, de bem organizar a política do café no Brasil.

G. REALE

Santo Antonio da Platina, abril de 1954

(Do Boletim da "Associação Paranàense de Cafeicultores de 20-4-54)

O café visto nos Estados Unidos

N.º 870 **CARTA SEMANAL DO MERCADO** 5 de Março de 1954
(Do Bureau Pan-Americano do Café)

SITUAÇÃO GERAL: Durante esta semana, pôde-se observar um ambiente de maior otimismo em relação ao período de reajustamento que está atravessando a economia norte-americana. Isso se deve à influência acumulativa de várias notícias favoráveis, a saber: 1) o volume das vendas nos grandes magazines do comércio a varejo mantém-se nos mesmos níveis registrados no ano passado; 2) o total das receitas individuais durante o mês de Janeiro dêste ano foi ainda maior do que o do de Janeiro do ano passado, indicando-se assim uma expansão no poder aquisitivo geral; 3) a notícia de que o Congresso vai rebaixar, a partir de 1 de Abril, certos impostos que afetam fortemente, no nível do varejo, a um grande número de mercadorias e de serviços, tais como peles, cosméticos, chamadas telefônicas e mensagens telegráficas, bebidas alcoólicas, tabaco, bilhetes de viagem, entradas de cinema e de teatros, etc. Essa medida, que com tôda a probabilidade vai ser tomada pelo Congresso, encheu de otimismo os observadores especialistas, em cuja opinião a referida medida terá uma grande influência favorável na economia do país, fazendo talvez com que a mesma volte ao caminho da expansão. Êsse recrudescimento do otimismo também influiu favoràvelmente nos diversos mercados do país, já que, acompanhando uma marcada expansão de atividades, ocorreram altas sensíveis nos índices gerais das cotações, fato êsse que indica a manifestação de uma nova procura.

MERCADO DO CAFÉ: Durante quase tôda a semana, continuaram em evidência as tendências bem marcadas da firmeza dos preços do café. Sòmente na têrça-feira, indubitàvelmente devido ao fato de que o comércio estava fechado na maioria dos países produtores, por causa do Carnaval, ocorreu uma baixa sensível nas cotações do mercado de opções, mas no fechamento de ontem, quinta-feira, não só essa baixa tinha sido eliminada como ainda as altas nítidas, para a semana, flutuavam de 366 a 460 pontos, segundo as posições.

A atividade foi intensa no Contrato "S" da Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York, tendo sido negociados 1.435 lotes, quase 500 lotes mais do que na semana passada, quando 937 lotes mudaram de mãos. A posição aberta continuou diminuindo e esta manhã 2.238 lotes estavam dependendo de entrega, contra os 2.291 que se registraram na semana passada.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: Por sua parte, os cafés físicos também prosseguem muito firmes, com uma procura evidente dos torradores, e uma relativa escassez nas ofertas provenientes dos países produtores. Em consequência disso, as cotações dêsses cafés se acham geralmente nos níveis máximos. Sôbre a base FOB, o tipo Santos 4 tem sido vendido de 81c/ a 82c/ a libra, ao passo que os cafés disponíveis na praça alcançaram até 84.50c/. Os cafés colombianos para embarque e sôbre água tem sido negociados, geralmente, sôbre a base ex-doca de Nova York, a 66.50c/, cotação essa conseguida também pelos lotes disponíveis em Nova York.

Aparentemente, segundo notícias que circulam sôbre o assunto, as altas que os torradores se vêem forçados a fazer a miudo com relação às suas marcas de café torrado ainda não se cristalizaram numa diminuição do consumo. O que está

ocorrendo, segundo essas notícias, é que o público está comprando mais café empacotado em bôlsas de papel e mais café solúvel, proporcionalmente diminuindo as suas compras de café em lata — o que não é senão uma reação natural, uma vez que as marcas de café em lata custam cinco ou mais centavos adicionais por libra.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Dados Semanais Destinos Principais EE.UU.	Europa	Outros	Total
BRASIL*	27-2-1954	213	90	9	312
	20-2-1954	104	104	4	212
	28-2-1953	177	124	10	311
COLÔMBIA**	27-2-1954	104.182	43.200	763	148.145
	20-2-1954	76.997	60.963	164	138.124
	28-2-1953	85.981	29.837	1.748	117.566

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos:	Semanas terminadas em: 27-2-1954	20-2-1954	28-2-1953
BRASIL*	Santos	1.893	1.877	1.759
	Rio	456	448	237
	Vitória	128	120	31
	Paranaguá	816 a	905 b	1.552 c
	Pernambuco	16	16	8
	Bahia	25	23	15
	Angra dos Reis	20	20	19
	TOTAL	**3.354**	**3.409**	**3.621**
COLÔMBIA**	Barranquilla	62.051	103.211	126.442
	Cartagena	34.648	50.172	63.560
	Buenaventura	123.389	121.169	123.447
	Cúcuta	58.121	61.230	144.337
	TOTAL	**278.209**	**335.782**	**457.786**

ESTOQUES NO INTERIOR DE SÃO PAULO*

Safra	Janeiro de 1954	Dezembro de 1954	Janeiro de 1954
1951/1952	———	———	2.000
1952/1953	13.000	13.000	2.701.000
1953/1954	2.511.000	2.882.000	———
	2.524.000	2.895.000	2.703.000

Despachos ferroviários durante o período de 1 de Julho de 1953 a 31 de Janeiro de 1954, para:

Santos	5.873.000
Rio	92.000
Angra dos Reis	—
Outros***	994.000
	6.959.000

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK*

	Países de origem (Sacas de pesos diferentes)			
Semana de:	**Brasil**	**Colômbia**	**Outros**	**Total**
27-2-1954	215.415	130.229	121.476	476.120
20-2-1954	222.082	124.370	117.401	463.853
28-2-1953	52.142	117.217	80.415	249.774

*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York
**) Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia
a) 670.000 livres e 146.000 retidos
b) 629.000 livres e 276.000 retidos
c) 636.000 livres e 916.000 retidos
***) Inclui sacas do Paraná, de Minas Gerais, de Mato Grosso e Goiás

N.º 9 O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA 5 de Março de 1954

REPÚBLICA DOMINICANA

Impôsto sôbre o café: Nos impostos de exportação do café da República Dominicana, houve um aumento de 17% aproximadamente, tomando-se por base os preços atuais.

O Decreto de Lei N. 3715 estabelece impostos advalorem por 100 libras FOB, pôrtos dominicanos, da seguinte maneira:

para cafés cujos preços flutuam entre $15.00 e $32.00	18%
para cafés cujos preços flutuam entre $32.00 e $40.00	28%
para cafés cujos preços passam de $40.00	50%

O impôsto geral sôbre a exportação, de 5% ad valorem, havia sido eliminado pelo Decreto de Lei n. 3715 já aludido, mas foi novamente pôsto em vigor pelo Decreto n. 3727, de 10 de Janeiro de 1954.

ESTADOS UNIDOS

Xícara de café a 10c/. O "New York Times" informa que, apesar da alta dos preços do café verde e do café torrado, na maior parte dos restaurantes e dos demais estabelecimentos públicos de consumo de alimentos, a xícara de café está ainda custando 10 centavos.

Em um estudo feito em vários restaurantes, refeitórios de hoteis e outros estabelecimentos similares, ficou constando que em muito poucos o preço da xícara

de café foi aumentado ou que há intenção de aumentá-lo. Em alguns restaurantes de fluxo, os freguêses pagam mais de 10 centavos por uma xícara de café, mas isso já era algo que existia antes da alta dos preços no mercado.

Segundo o Sr. Paul Henkel, presidente da Sociedade de Donos de Restaurantes, a porcentagem de lucros obtidos com uma xícara de café supera a que é obtida com os demais itens que figuram nos cardápios. Disse mais o Sr. Henkel que nos melhores restaurantes o café é preparado na proporção de doze onças do produto para um galão de água. Levando-se em consideração a evaporação da água e outros fatores, cada galão de água com 12 onças de café dão para 21 xícaras, e, como os restaurantes pagam pela libra de café 92 ou 93 centavos por atacado, as referidas 12 onças de café moído, para as 21 xícaras de café, saem por uns 70 centavos, mais ou menos. Segundo o Sr. Henkel, muitos estabelecimentos especializados em alimentos servem café mais fraco, fazendo com 12 onças de café moído cêrca de 40 xícaras de café para servir.

"Mesmo levando em conta os gastos gerais", observou o Sr. Henkel, a xícara de café dá mais lucros do que qualquer outro dos itens que integram uma refeição.

Reportagem sôbre o café: A Revista "Supermarket News" publica o seguinte artigo de um dos seus repórteres sôbre as condições locais no Brasil em relação com a alta dos preços do café: "Os negociantes norte-americanos dos "supermarkets" que desejem averiguar a razão da alta dos preços do café devem fazer primeiro uma escala em São Paulo, como nós fizemos. Essa cidade, de 2 milhões de habitantes, reflete as condições econômicas do país, as quais, por sua vez, dependem principalmente da indústria do café.

Para se compreender a alta dos preços do café, é então conveniente ir de avião, como também fizemos, a certas zonas do Estado do Paraná, cuja produção está substituindo a das terras exaustas de São Paulo, representando já uma grande porcentagem da produção total do Brasil: 36% no ano passado, quando São Paulo contribuiu com 45%. Mas a produção paulista está diminuindo, ao passo que a paranàense está aumentando.

No Paraná, em Julho do ano passado, as geadas foram desastrosas. Voando de São Paulo a Londrina, durante uma hora e meia, pode-se observar a extensão do desastre. As vastas áreas de cafèzais verdes estão marcadas, em diferentes graus, conforme o lugar, com manchas cinzentas que se destacam contra o terreno vivamente vermelho.

Segundo informações de lavradores peritos de Londrina, 60% dos 700 milhões de pés de café do Paraná não produziram êste ano. Calculando-se à razão de uma libra anual de café por pé de café, pode-se ter uma idéia da escassez dêsse produto para os consumidores, no atual momento.

É indispensável visitar as fazendas, onde podemos ver os efeitos da geada. Os danos sofridos podem se limitar à perda de uma colheita ou podem significar a perda das plantações, pois mesmo as plantas verdes não estão carregadas de frutos.

Essas manchas cinzentas abrangem acres e acres de plantações, cujos pés de café desnudos não poderão produzir antes de dois ou três anos, ademais das plantas mortas que estão sendo substituidas por plantas novas. Numa das fazendas que visitamos, cuja produção normal é de 18.000 sacas por ano, a produção dêste ano foi só de 2.000 sacas. A vista aérea indica que essa fazenda exemplifica bem as condições prevalescentes em muitas outras dessa região".

FRANÇA

Importações: Durante o ano de 1953, a França importou café das suas próprias colônias e dos outros países, respectivamente na proporção de 51% e 49%. Em 1952, essa mesma proporção foi de 59% e 41%, atribuindo-se a diminuição dos cafés coloniais ao fato de que a colheita da Costa do Marfim, de 1952-1953, foi relativamente pequena.

Calcula-se que a produção das colônias francêsas para 1953-1954 seja de .... 2.145.000 sacas, das quais 625.000 corresponderão a Ilha de Madagascar e 1.100.000 à Costa do Marfim. A maior parte da colheita da Ilha de Madagascar é embarcada de Novembro a Maio, ao passo que os cafés da Costa do Marfim e de outros lugares das possessões francêsas na África são despachados de Dezembro a Julho. Calcula-se que 1.700.000 sacas da produção colonial francêsa serão enviadas para a Europa, 350.000 para a África Setentrional Francêsa, 55.000 para os países estrangeiros e 40.000 para a Indo-China e outros lugares.

N.º 871 CARTA SEMANAL DO MERCADO 12 de Março de 1954

SITUAÇÃO GERAL: Embora continuem a aparecer comentários de todos os gêneros nos jornais e nas revistas dos Estados Unidos a respeito do período de reajustamento econômico que a nação está atualmente atravessando, é de se notar que o público não se mostra apreensivo, uma vez que continua num rítmo muito elevado de compras, e o mesmo se nota em relação com os mercados em geral, os quais indicam uma atmosfera de inteira confiança e segurança. No caso da Bolsa de Valores, por exemplo, no fechamento de ontem foi registrado o índice mais elevado alcançado nos últimos 25 anos, observando-se uma grande atividade na procura. Por sua vez, o índice geral dos produtos naturais básicos têm continuado em ascendência, desde os primeiros dias de Fevereiro, não dando sinais de mudança nessa tendência.

As notícias publicadas na imprensa norte-americana durante a semana mostram que o que se queria fazer, na indústria e no comércio, — reduzir os estoques excessivamente grandes — já está prestes a ser conseguido, tendo várias emprêsas anunciado que vão ampliar as suas atividades. Segundo uma investigação levada a efeito por uma revista especializada em assuntos econômicos, a situação dos estoques do comércio de varejo também melhorou consideràvelmente, tendo a maioria das emprêsas incluidas no referido estudo revelado que a sua situação já se acha normalizada. Finalmente, de acôrdo com os últimos dados disponíveis, o movimento ascendente do desemprêgo parece estar chegando ao seu ponto máximo, prevendo-se já que o referido movimento não tardará a tomar uma forma descendente.

MERCADO DO CAFÉ: Pode-se dizer, de forma geral, que a alta prolongada dos preços do café revelou uma pausa durante esta semana. Essa interrupção, causada por uma diminuição na procura dos torradores, não é estranha, pois se calcula que as importações de café durante o primeiro trimestre dêste ano vão passar de 6 milhões de sacas, o que implica uma melhoria na situação dos estoques dos torradores. Entretanto, não parece provável que essa indiferença dos torradores possa continuar, diante da escassez mundial do produto atualmente.

No mercado de opções, a atividade foi intensa, tendo sido negociados 1.345 lotes. Aqui também a alta se deteve, e, para o fechamento de ontem, as cotações revelavam baixas de 63 a 165 pontos, segundo as posições. No momento em que

escrevemos esta Carta, nota-se uma forte reação no mercado, com altas perto do limite de 200 pontos em quase tôdas as posições. É provável que a greve intempestiva iniciada por um grupo de estivadores, em todo o pôrto de Nova York, tenha muito que ver com essa nova tendência de firmeza. Em contraste com as últimas semanas, a posição aberta se alargou e esta semana alcançava 2.365 lotes, isto é, acima do máximo da sexta-feira passada.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: A forte reação que está tendo lugar no mercado de cafés futuros colocou os cafés físicos em uma situação nominal, tendo sido retiradas as ofertas. A título de informação, mencionamos as cotações vigentes ontem: 81½c/, FOB, para o tipo Santos 4; e 87½c/ para os cafés sôbre a água da Colômbia, base ex-doca de Nova York.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Dados Semanais Destinos Principais EE.UU.	Europa	Outros	Total
BRASIL*	6-3-1954	197	83	7	287
	27-2-1954	213	90	9	312
	7-3-1953	185	166	18	369
COLÔMBIA**	27-2-1954	104.182	43.200	763	148.145
	7-3-1953	74.122	9.001	583	83.706
	Dados mensais:				
BRASIL*	Fev. 1954***	539	389	34	962
	Jan. 1954	662	425	132	1.219
	Fev. 1953	757	304	99	1.160
COLÔMBIA**	Fev. 1954	479.363	149.921	12.262	641.546
	Jan. 1954	537.909	77.602	11.640	627.151
	Fev. 1953	401.205	85.399	85.399	499.914

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas terminadas em:		
	Portos:	**6-3-1954**	**27-2-1954**	**7-3-1953**
BRASIL*	Santos	1.834	1.893	1.681
	Rio	399	456	225
	Vitória	108	128	36
	Paranaguá	763 a	816 b	1.508 c
	Pernambuco	22	16	12
	Bahia	24	25	15
	Angra dos Reis	17	20	14
	TOTAL	**3.167**	**3.354**	**3.491**

COLÔMBIA**	Barranquilla	62.051	134.782
	Cartagena	34.648	62.249
	Buenaventura	123.389	149.410
	Cúcuta	58.121	143.869
	TOTAL	278.209	490.310

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK*

	Países de origem (Sacas de pesos diferentes)			
Semana de:	**Brasil**	**Colômbia**	**Outros**	**Total**
6-3-1954	205.610	132.740	127.628	465.978
27-2-1954	215.415	130.229	121.476	467.120
7-3-1953	58.470	115.446	72.698	246.614

*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York
**) Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia
***) Dados preliminares, sujeitos a retificação
a) 612.000 livres e 151.000 retidos
b) 670.000 livres e 146.000 retidos
c) 678.000 livres e 830.000 retidos

N.º 10 **O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA** **12 de Março de 1954**

MÉXICO

Produção: A produção de café durante o atual ciclo, iniciado em Outubro passado, chegará a 1.205 sacas de 60 quilos. Segundo recentes estimativas, publicadas pela "Unión Nacional de Cafeicultores", da colheita de 1953-1954, serão exportadas 955.400 sacas, ficando para o consumo local mexicano 250.000 sacas.

A "Unión Nacional de Cafeicultores" apresentou essas estimativas da nova colheita à "Comisión Nacional del Café". Êste organismo estudou os dados apresentados, e, acrescentando cifras comparativas em relação com as do ano passado, declarou que a colheita do ciclo atual, segundo se espera, será em 18% inferior à de 1952-1953. As razões da redução na produção mexicana são as seguintes:

a) as chuvas tardias em certas regiões prejudicaram o processo normal do desenvolvimento das plantas;
b) as chuvas tardias são atribuidas às prolongadas sêcas que afetaram certas áreas onde a precipitação pluvial é geralmente bastante grande, citando-se como exemplos as zonas de Veracruz, Coatepec, Jalapa, Huatusco, Córdoba, Tlapacoyán e Misantla;
c) além das sêcas prolongadas, houve outros distúrbios metereológicos, tais como fortes ventos cálidos do sul como os que sopraram sôbre Córdoba e Zongolica em Veracruz; a chegada das chuvas tardias chegou a afetar zonas normais como a de Soconusco no Estado de Chiapas; as plantações situadas na parte chamada zona baixa — que chega até uns 1.800 metros acima do nível do mar — sofreram com a falta das chuvas e, por essa razão, são pessimistas as expectativas a respeito da nova colheita;

Nas regiões altas, entretanto, acima do nível de 1.800 metros, as chuvas têm sido normais, e os plantadores dessas regiões dizem que sua produção será tão boa que poderá compensar as perdas que se observarem nas zonas baixas.

COLÔMBIA:

Exportação: Em 1953, a Colômbia exportou 5.970.306 sacas de 60 quilos, segundo cifras preliminares compiladas pela "Federación Nacional de Cafeteros de Colômbia". Comparando êsse total com o do ano de 1952, que foi de 5.034.006 sacas, nota-se um aumento de 936.300 sacas em 1953.

As exportações para os Estados Unidos aumentaram em quase 800.000 sacas, passando de 4.450.046 sacas em 1952 para 5.207.091 em 1953. As exportações para a Europa aumentaram em mais de 100.000 sacas — de 408.371 em 1952 para 587.906 em 1953.

ESTADOS UNIDOS

Estudo sôbre a situação do café: A revista quinzenal "Food Topics" levou a efeito uma série de entrevistas com torradores de café, comerciantes de vendas por atacado e a varejo, independentes e dos sistemas de cadeias, chegando às seguintes conclusões sôbre os grandes mercados de café nos Estados Unidos: o preço acima de um dólar está se generalizando, pela libra de café, à medida que os distribuidores vão cedendo terreno diante da alta dos preços por causa da escassez do produto, não podendo mais anunciar a libra de café por 99c/ — seu último esfôrço para não passar o limite do dólar.

Tem havido repetidas informações sôbre a resistência do público à alta dos preços, mas essa resistência parece se manifestar mais em palavras do que em ação concreta. Na opinião do consumidor, o distribuidor não tem culpa da alta, a qual é atribuida a interêsses nacionais e internacionais.

Os casos de pânico e de açambarcamento nas compras têm sido casos isolados. Pode-se dizer que, de um modo geral, os efeitos da alta inicial foram já sentidos e, embora tenha sido forte a reação revelada pelo consumidor, pelo distribuidor e pelo govêrno; essa reação foi mais verbal e indireta do que sob forma concreta.

As flutuações estão desaparecendo e a alta progressiva dos preços está adquirindo o aspecto de uma prática geral, pois os próprios vendedores a varejo que procuraram com sacrifícios manter os seus preços foram forçados a ceder à tendência natural do mercado. Os estabelecimentos dos sistemas de cadeias que procuraram atravessar essa fase com preços, em suas marcas particulares, abaixo dos preços de alta do mercado, tiveram já que adotar um aumento inicial de 5 a 6 centavos.

Bombons de café: A Casa "Martinson" lançou no mercado um tipo de bombons de café que são vendidos em pacotes de 3 ¼ onças, com uma abertura transparente no envólucro que permite ver o produto. Os bombons são vendidos a 29c/ no varejo, e é distribuido pela emprêsa Joseph Martinson & Cia., com sede em 190 Franklin Street, New York 13, N.Y.

DINAMARCA

Importações: Continuam aumentando as importações de café na Dinamarca. No ano de 1953, subiram a 425.923 sacas, o que representa um aumento de 26% em relação às importações do ano anterior.

N.º 872 **CARTA SEMANAL DO MERCADO** 19 de Março de 1954

SITUAÇÃO GERAL: Durante a semana passada, as atividades econômicas em todo o país continuaram, de maneira geral, a refletir a atividade de cautela com que os homens de negócio e os consumidores encaram o reajustamento da economia nacional, de contração, que vem se processando desde os meados do verão do ano passado. Estamos entrando a segunda metade de Março é o mês que, segundo declarou o Presidente Eisenhower, marcaria a direção que os negócios seguiriam. Até agora, não se observou, no mês de Março, a tendência de melhoramento que se esperava, mas, por outro lado, não se observou também nenhuma tendência para pior, no mercado. Os observadores, em geral, consideram a situação como de expectativa e de indecisão. Muitos dêles começam a pensar que o Presidente com tôda a certeza deu ao mês de Março uma importância indevida como marco da orientação das atividades econômicas do país, e acham que o Presidente deveria ter indicado, em vez de Março, o período de Março a Maio. De qualquer maneira, é opinião geral de que agora se tem uma idéia melhor do que se pode esperar da situação econômica depois da Quaresma.

Está havendo dificuldades, entrementes, em se avaliar com justeza a situação atual dos negócios, sendo contraditórios alguns dos dados disponíveis. Nota-se um afrouxamento geral na economia, um pouco mais acentuado do que antes, quando se consideram os fatores, em conjunto, da procura dos consumidores, do número de trabalhadores ocupados e a produção industrial, fatores êsses que continuam em descenção. As estimativas para os meados de Março indicam que a produção continua a diminuir, na proporção de 1-½% mensalmente, o que tem sido uma característica contínua desde o mês de Julho do ano passado. Os consumidores continuam a gastar menos, em proporções mais modestas, segundo revela um estudo pela Junta Federal de Reserva, publicado esta semana. O mesmo estudo revela que os consumidores tencionam, em maior número, diminuir as suas compras de automóveis, de aparelhos de uso doméstico, e de outros artigos duráveis, durante o ano corrente. O número de pessoas desocupadas, embora vagarosamente, continua a aumentar também.

Por outro lado, persiste, sem desfalecimentos, a confiança de que haverá uma recuperação. Alguns índices de negócios revelam fortemente essa confiança. O Mercado da Bôlsa, por exemplo, nunca se mostrou tão ativo nos últimos 22 anos, com uma pressão de compras persistente, elevando os preços ao mais alto nível observado nos últimos 24 anos. Esta semana, as ações mantiveram o seu nível da semana passada, especialmente as das emprêsas de motores, de aviões, produtos químicos e aço. Ontem, dia 18 de Março, o total volume das operações aumentou para 2.020.000 ações, sendo êsse o quinto dia do mês em que foi ultrapassado o marco dos 2 milhões. O índice dos preços dos produtos básicos também tem subido desde o comêço do mês de Março. Na semana presente, o referido índice revelou uma situação de equilibrio entre ganhos e perdas. Ao mesmo tempo, os empréstimos bancários ao comércio alcançaram um volume maior do que nunca. Segundo informam os bancos de Nova York, esta semana, a expansão dos empréstimos foi de $225.000.000, aumento que nunca se registrou até então, durante o período de uma só semana.

Em resumo, devemos dizer que a expectativa do público é de incerteza, de modo geral. Mas há indicações, a par dessa incerteza, de solidez na economia, e confiança no sentido de que prevalecerá um melhoramento dentro de pouco tempo,

ou de que êsse melhoramento será conseguido mediante medidas tomadas pelo Govêrno.

MERCADO DO CAFÉ: Foi mais intensa a procura de café esta semana, ao contrário do que se observou no mercado na semana passada. Os preços dos cafés futuros renovaram sua curva ascencional em tôdas as posições, não sòmente recobrando o terreno perdido na semana passada, mas ainda se elevando mais. O mercado de cafés físicos revelou-se forte como antes, com altas de preços de recorde.

Na Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York, no Contrato "S", foram vendidos 1.023 lotes, com preços de 290 a 315 acima dos verificados na semana passada. Nenhuma posição atraiu interêsse especial, notando-se a alta dos preços em tôdas as posições. As cotações na posição imediata de Março flutuaram entre 82.65c/ e 84.45c/ a libra. A posição aberta tem aumentado constantemente, desde o comêço do mês corrente, sendo agora de 2.436 lotes, isto é, 71 lotes mais do que na semana passada, e 271 acima do número registrado em 3 dêste mês.

Os relatórios indicam que o mercado permaneceu relativamente calmo esta semana, embora o aumento da procura de café tenha feito com que os preços de todos os tipos subissem. As últimas cotações do Santos 4 se mantêm firmes em 83.50c/ a libra, FOB, e 85.50c/, ex-doca de Nova York. Os cafés colombianos, em tôda a semana, foram cotados entre 89c/ e 89.50c/ a libra, e ontem chegaram a 90c/ (base ex-doca), que foi um preço recorde de todos os tempos.

N.º 11 O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA 19 de Março de 1954

HAITI

Colheita: As perspectivas de uma colheita de café excepcionalmente abundante criaram uma atmosfera de otimismo em Haiti.

Os cálculos atuais indicam uma produção de uns 375.000 sacas de 80 quilos (cêrca de 500.000 sacas de 60 quilos), o que representa um aumento de umas .. 90.000 sacas em relação às exportações de 1953.

Nos fins de Janeiro, os compradores chegaram a oferecer, na Bélgica, $1.46 por quilo. Em Nova York, não ofereceram tanto. Se os preços continuarem nos níveis atuais, o valor das exportações de Haiti, em 1954, alcançará a cifra recorde de $40.000.000.00. O valor das exportações do ano passado foi apenas de .... $25.000.000.00, e em 1952, ano-recorde anterior, de 32.000.000.00.

ESTADOS UNIDOS

Delegação das donas de casa: As quatro donas de casa norte-americanas que regressaram recentemente de uma viagem de inspeção aos cafèzais do Brasil, e que representam 11 milhões de colegas da Federação Geral de Clubes Femininos, realizaram uma conferência com os diretores da Associação Nacional do Café dos Estados Unidos, no dia 27 de Fevereiro, antes de apresentar o seu relatório final em Washington.

Em entrevista com a imprensa,depois da referida conferência, as delegadas declararam que estavam convencidas de que a escassez de café era autêntica. Acrescentaram que não havia razão para boicotes, os quais, afirmaram elas, fariam apenas dano à economia americana e à Política da Boa Vizinhança. Afirmaram também que, em sua opinião, as donas de casa, nos Estados Unidos, continuariam comprando café, e em entrevista feita na televisão, as delegadas exortaram as suas colegas em todo o país a continuarem, como antes, a comprar o café.

A imprensa de Nova York fêz alusão a essa entrevista, transmitida pela televisão, nos dias 27 e 28 de Fevereiro.

Estudo feito pela revista "Super-Market Merchandising": Segundo um estudo levado a efeito em todo o país pela revista "Super-Market Merchandising", os distribuidores de café nos Estados Unidos estão evitando participar diretamente no conflito criado pelos altos preços do café, mas, ao mesmo tempo, estão fazendo dinâmica campanha de anúncios, em que manifestam a sua simpatia aos consumidores e lhes oferecem soluções para seus problemas de orçamento. Essas soluções consistem quase tôdas numa redução nas compras, uma vez que os distribuidores aconselham os consumidores a usarem menos café ou a substituirem o café por outras bebidas, como o chá ou o chocolate, etc. Um dêles, depois de aconselhar uma redução de 20% nas compras de café, disse o seguinte: "Os preços altos do café prejudicam o Super-Market, porque a porcentagem dos lucros diminui, ao passo que o custo do inventário aumenta. Quando uma dona de casa tem que devotar, do seu orçamento doméstico, $1.10 para comprar café, nossa indústria sofre prejuízos."

HOLANDA

Importações: Durante o ano de 1954, a Holanda importou 471.388 sacas de café verde, o que corresponde a um aumento de 44% em relação ao ano de 1953. Essa importação inclui tanto o café de consumo interno do país como o café que é re-exportado posteriormente. Essa re-exportação chegou a 3.000 sacas de café verde em 1953 e mais ou menos outro tanto de café torrado.

PAÍSES DA CORTINA DE FERRO

Preços do café no varejo: Transcrevemos, de um boletim da Associação Nacional do Café, o seguinte:

"Segundo estudo do Comitê Nacional para uma Europa Livre, são tão altos os preços da maior parte dos artigos de consumo nos países satélites da Rússia que êsses artigos se acham fora do alcance do cidadão comum. Por exemplo, pelo câmbio oficial, uma libra de café, na Polônia, custa $45.45 ao consumidor; na Tchecoslováquia, talvez uns $18.85; na Bulgária, $21.39; na Hngria, $13.54; na Rumânia, $6.47; e na União Soviética, onde se nota o mais baixo preço, $4.78. Além dêsses altos preços, o abastecimento do produto é controlado pelo govêrno e com frequência há estoques disponíveis nos armazéns do Estado. Os preços de produtos escassos como o café são os mais elevados, mesmo no mercado negro, e o que ganha um trabalhador em qualquer dêsses países é muito inferior ao que ganha um trabalhador dos países de economia livre".

N.º 873 CARTA SEMANAL DO MERCADO 26 de Março de 1954

SITUAÇÃO GERAL: Não houve mudanças significtativas nas atividades econômicas dos Estados Unidos, durante a semana que ora termina. Embora certas estatísticas importantes ainda tenham que ser reconciliadas, como as que se referem ao desemprêgo, não há sinais de que mude a tendência de descenção que tem caracterizado as atividades econômicas do país quase há nove mêses. De fato, os indicadores de certos negócios importantes, que, nos dois mêses que precederam esta semana refletiam uma situação de firmeza na economia, dando esperanças de

uma recuperação pronta da mesma, mostram um ligeiro declínio, esta semana. Ontem, ao se fecharem as Bôlsas, os preços das ações e o volume das transações do mercado de valores, por exemplo, chegaram ao nível mais baixo notado nas últimas cinco semanas. A média do volume das transações, esta semana, foi inferior a 2 milhões de ações por dia, ao passo que nas cinco semanas anteriores a média foi muito mais elevada. Ao mesmo tempo, o índice dos produtos básicos, com preços em ascenção durante as seis semanas passadas, continuou pràticamente inalterável.

Os relatórios oficiais continuam a indicar que a procura geral dos consumidores, o número de pessoas ocupadas e a produção industrial se acham em descenção. As vendas dos mais importantes magazines e das firmas que recebem ordens pelo correio, segundo se informa, são de 15% menores agora do que no período correspondente no ano passado. As estatísticas do desemprêgo, dadas agora à publicidade, revelam que o total dos desocupados agora é de 4.700.000 aproximadamente, que corresponde a 7% da mão de obra disponível no país. O índice da produção industrial continua a descer, à razão de 1 ½% por mês. O dinheiro em circulação também continua escasso, essa semana mais do que normalmente, segundo informa o Federal Reserve Bank.

A despeito da incerteza que se nota no curso da economia em geral, permanece inalterada a confiança dos homens de negócio e do público na recuperação em futuro próximo. A atitude geral é ainda de expectativas, a julgar-se pelas análises dos especialistas. O próprio Presidente Eisenhower tem a mesma atitude, tendo dito, em sua conferência com a imprensa, esta semana, que não há razão para alarme, "nem mesmo para pôr em prática qualquer programa de maior monta, com o fim de estimular as atividades econômicas..."

MERCADO DO CAFÉ: Durante a semana, o café manteve a sua posição de "centro das atenções" no mercado de produtos. A procura aumentou tanto no mercado de físicos como no de futuros, e a greve das docas contribuiu para dar mais um impulso aos negócios do mercado. Os preços para cafés futuros chegaram quase a $1.00 a libra, num nível até então nunca alcançado.

No Contrato "S" do Mercado de Café e Açúcar de Nova York, o volume das operações foi de 1.376 lotes, em comparação com os 1.036 da semana passada, tendo os preços avançado de 685 a 729 pontos nas várias posições. A maior atividade se observou nas posições médias, com Maio e Julho vendendo acima de 93c/ a libra. A posição aberta continuou a expandir-se, achando-se agora com 2.512 lotes, com um ganho de 76 lotes em relação à semana passada.

Em todos os tipos de café físico foram ativas as negociações da semana. As cotações dos cafés brasileiros ontem (Santos 4) foram de 91 a 93c/ a libra, nível de recorde, e a sua média na semana foi de 89.50c/. Os colombianos chegaram a 95 ¼c/ a libra, na base ex-doca. As cotações de hoje para os cafés Santos 4, FOB, foram de 83 ¾c/ a 89.50c/, ao passo que os colombianos de pronta entrega foram vendidos a 95c/.

A greve das docas contribuiu para a intensificação dos negócios, de maior importância imediata do que os abastecimentos de cafés exportáveis, pois há a ameaça de imobilização de todos os portos do lado do Atlântico. Alguns torradores informam que já foram prejudicados pela greve, e receiam que seus estoques se reduzam, com a possibilidade da falta de entrega de café.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Dados Semanais Destinos Principais EE.UU.	Europa	Outros	Total
BRASIL*	20-3-1954	161	147	24	332
	13-3-1954	138	114	2	254
	21-3-1953	97	103	16	216
COLÔMBIA**	20-3-1954	106.294	11.398	1.440	119.132
	13-3-1954	95.522	30.214	——	125.736
	21-3-1953	157.923	9.807	3.537	171.267

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos:	Semanas terminadas em: 20-3-1954	13-3-1954	21-3-1953
BRASIL*	Santos	1.812	1.835	1.717
	Rio	394	442	211
	Vitória	112	114	28
	Paranaguá	669 a	740 b	1.373 c
	Pernambuco	23	20	9
	Bahia	21	21	16
	Angra dos Reis	17	17	12
	TOTAL	**3.048**	**3.189**	**3.366**
COLÔMBIA**	Barranquilla	61.080	78.153	136.327
	Cartagena	35.837	32.747	38.593
	Buenaventura	63.672	53.046	140.741
	TOTAL	**208.449**	**251.714**	**410.777**

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK*

Semana de:	Países de origem (Sacas de pesos diferentes) Brasil	Colômbia	Outros	Total
20-3-1954	121.125	122.968	106.144	350.237
13-3-1954	169.412	128.670	117.812	415.894
21-3-1953	68.908	67.302	63.000	199.210

*) BGôlsa de Café e Açúcar de Nova York
**) Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia
a) 596.000 livres e 73.000 retidos
b) 667.000 livres e 73.000 retidos
c) 734.000 livres e 639.000 retidos

MÉXICO

Depósito de matérias primas: Segundo informações recebidas do correspondentes do New York Times na capital mexicana, o Ministro da Economia daquele país está estudando atualmente um plano, para a formação de um depósito de matérias primas para o qual contribuiriam todos os países do Hemisfério Ocidental, com o objetivo de apresentar o referido projeto à consideração da Conferência Econômica Inter-Americana que se realizará em Washington dentro de alguns mêses. Por equanto, o México considera a inclusão de cinco produtos no plano em questão: chumbo, zinco, cobre, café e lã. Êsse plano tem como fim evitar tanto os efeitos naturais dos períodos de escassez, isto é, os preços excessivamente altos, como os dos períodos de escassez, isto é, os preços excessivamente altos, como os dos períodos de super-produção, isto é, os preços excessivamente baixos. Cada país do Hemisfério poderá contribuir com fundos ou com materiais, e as autoridades encarregadas da administração do plano se encarregarão da gerência dos depósitos de produtos, bem como da venda e da compra no mercado livre dos mesmos, esforçando-se para manter a estabilidade dos preços.

O correspondente do New York Times acrescenta: Aparentemente, a idéia de incluir o café entre os produtos do "depósito continental" da América Latina, tem o fim de demonstrar que o plano não deve ser interpretado como um pretexto da América Latina de obter ajuda dos Estados Unidos em momentos de dificuldades econômicas. Mesmo que êsse plano entrasse a vigorar imediatamente, não faria com que baixassem os preços do café, porque não há abastecimentos disponíveis de café em parte alguma; mas o que é claro que se, na época em que os preços do café começaram a subir, o dito plano estivesse funcionando, os Estados Unidos teriam se beneficiado, dando saída às reservas que teria acumulado..."

ESTADOS UNIDOS

Valor da xícara de café: Com a alta dos preços do café, está tendo um lugar proeminente nos círculos da indústria dos restaurantes o assunto do custo da xícara de café. É um assunto que monopoliza as conversações, tanto nas indústrias como nas ruas ou em qualquer parte que os interessados se encontrem. Alguns donos de restaurantes elevaram o preço da xícara de café para 15c/; outros eliminaram por completo o costume de servir uma segunda xícara gratis; e outros apenas servem xícaras extras quando os freguêses assim o desejam expressamente. O que cada dono de restaurante deve fazer depende das suas próprias necessidades, mas há uma coisa que todos devem evitar: devem vitar o uso excessivo da água na preparação do café, para que o produto renda mais, ou fazer a bebida com um café de qualidade inferior, para economizar alguns centavos. O preço mais alto de uma xícara de café ou a eliminação da segunda xícara podem causar protestos dos freguêses, mas as medidas condenáveis que mencionamos podem custar a um restaurante a sua reputação, não sòmente em relação ao seu café mas em relação a todos os demais serviços do estabelecimento. Um restaurante é, a miudo, conhecido pela qualidade de café que serve aos seus freguêses, razão pela qual essa qualidade deve ser preservada com cuidado.

GRÃ-BRETANHA

Escassez de café: Em tôda parte está ganhando terreno a impressão de que a falta de abastecimentos de café, de que se fala tanto agora, não é um muito mas

uma realidade.

Ainda que sejam necessários estoques que correspondam ao abastecimento de seis mêses pelo menos — tanto nos países de origem como nos de consumo — para se manter em situação de equilíbrio o mercado do café (como, aliás, de qualquer outro produto), e embora o índice geral dos preços tenha excedido de 3.3 vêzes o índice médio de 1930/1934, não parece que o preço do café atualmente seja excessivo no momento, considerando-se as deficiências dos abastecimentos e a produção reduzida, bem como o elevado consumo e o valor teórico do café, em comparação com o valor dos outros produtos, desde que se deu a alta do café, cujos preços, em virtude da anterior super-produção, se acham subestimados. A teoria indica o valor sòmente; a prática o determina. Assim, deverá ser feito um cuidadoso estudo das cifras das importações e doconsumo no próximo ano.

É possível que exista uma boa quantidade de café em estoque ainda, mas ninguém parece estar com pressa de se desfazer do seu café... É provável que os estoques continuem a reduzir-se. O ano de 1954 vai ser um ano de tensões nos campos da distribuição e da torrefação do café, cujos dirigentes deverão procurar conservar a boa vontade do público consumidor.

BÉLGICA

Importações: As importações feitas pela União Alfandegária Belgico-Luxemburgo, no ano de 1953 ascenderam, segundo as estatísticas oficiais, a 876.318.318 sacas, o que representa um aumento de 1% sôbre as importações do ano de 1952.

PORTUGAL

Importações: Em Novembro de 1953, Portugal importou 11.008 sacas de café verde, ao passo que no ano de 1952 comprou 15.384 sacas em Outubro e 16.720 sacas em Novembro. Com essas importações de Novembro, o total das importações de café de Portugal foram de 136.580 sacas, nos primeiros 11 mêses do ano de 1952 o que representa uma diminuição de 12% em relação às importações do ano de 1952, que foram de 155.996 sacas.

NORUEGA:

Importações: Em Janeiro do ano corrente, a Noruega importou 28.751 sacas de café verde, ao passo que importou 28.010 sacas em Janeiro de 1953, 44.691 sacas em Janeiro de 1952 e 10.996 sacas em Janeiro de 1951.

Estatística

SUPLEMENTO ESTATÍSTICO

ANO XX — São Paulo, 14 de abril de 1954 — N.º 339

DADOS COLIGIDOS PELO DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO
SAFRA 1953/1954
CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A SANTOS

Estradas de Ferro	julho/fev.	1.ª dezena março	2.ª dezena março	3.ª dezena março	Totais
Santos a Jundiaí	122 774	928	130	2 393	126 225
Sorocabana	917 445	6 376	7 226	16 155	947 202
Paulista	2 174 133	4 422	9 635	6 679	2 194 869
Mogiana	741 531	2 763	2 163	1 755	748 212
Araraquara	763 474	1 080	1 879	2 149	768 582
Noroeste do Brasil ...	1 199 012	791	4 370	5 192	1 209 365
Central do Brasil	708	—	—	—	708
Estrada de Rodagem	3 600	—	—	—	3 600
Total	**5 922 677**	**16 360**	**25 403**	**34 323**	**5 998 763**
SAFRA 52/53	**6 736 374**	**14 740**	**11 050**	**14 855**	**6 777 019**

NOTA: — Os despachos das EE.FF. acima incluiem os das respectivas tributarias.

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A OUTROS PORTOS

Despachado	Rio de Janeiro		Angras dos Reis		Totais
	Ferroviário	Rodoviário	Ferroviário	Rodoviário	
Julho/Fevereiro	31 537	64 687	—	—	96 224
1.ª dez. março	3 030	750	—	—	3 780
2.ª " "	—	5 934	—	—	5 934
3.ª " "	—	200	—	—	200
Total	**34 567**	**71 571**	**—**	**—**	**106 138**

CAFÉS DE OUTROS ESTADOS DESPACHADOS COM DESTINO A SANTOS - II

Estados Produtores	julho/fev.	1.ª dezena março	2.ª dezena março	3.ª dezena março	Totais
Paraná ..... **	563 554	595	4 393	* 1 112	569 654
Minas Gerais .... ***	481 665	1 743	* 5 194	* 4 486	493 088
Goiás	75 826	50	* 250	* —	76 126
Mato Grosso	1 780	—	3 000	—	4 780
Espirito Santo	2 000	—	—	—	2 000
Total	**1 124 825**	**2 388**	**12 837**	**5 598**	**1 145 648**
SAFRA 52/53	**714 387**	**3 595**	**737**	**1 927**	**720 646**

(*) Incompletos.

(**) E.F.P.S.C. — dados retificados de acordo com informações prestadas pela E.F.S.

(***) Acrescido de 93 012 scs. provenientes das relações de despachos enviados pela Rêde Mineira de Viação, desde 3.ª dez. de outubro - 53 (em atrazo).

MOVIMENTO DE CAFÉ DESTINADO A SANTOS SAFRA 1953/1954 (ATÉ 31 DE MARÇO DE 1954

Paulista	Despachado	Liberado	Dest. Altr. Cancelado	A Liberar
Anteriores	3 999 570	3 999 009	561	—
1.ª " Outubro ..	340 097	340 097	—	—
2.ª " " ..	306 732	306 732	—	—
3.ª " " ..	364 664	187 176	—	177 488
1.ª " Novembro ..	175 273	—	—	175 273
2.ª " " ..	168 962	—	—	168 968
3.ª " " ..	138 091	—	—	138 091
1.ª " Dezembro ..	99 248	—	—	99 248
2.ª " " ..	85 106	—	1 500	83 606
3.ª " " ..	68 829	—	131	68 698
1.ª " Janeiro ..	18 647	—	—	18 647
2.ª " " ..	58 454	—	—	58 454
3.ª " " ..	38 519	—	—	38 519
1.ª " Fevereiro ..	14 877	—	—	14 877
2.ª " " ..	17 833	—	—	17 833
3.º " " ..	17 256	—	—	17 256
1.ª " Março ..	16 360	—	—	16 360
2.ª " " ..	25 403	—	—	25 403
3.ª " " ..	34 323	—	—	34 323
Total	**5 988 244**	**4 833 014**	**2 192**	**1 153 038**
Despolpado	6 919	6 919	—	—
Rodoviário	3 600	1 086	1 277	1 237
Total Geral	**5 998 763**	**4 841 019**	**3 469**	**1 154 275**
Outros Estados (até 31 de março)				
Paranaênse	569 654	378 447	—	191 207
Mineiro	493 088	311 981	140	180 967
Goiano	76 126	48 476	—	27 650
Matogrossense	4 780	300	—	4 480
	2 000	—	—	2 000
Total	**1 145 648**	**739 204**	**140**	**406 304**

Safra 50/51 — Por liberar dependendo de Ação Judicial .... 1 080 scs.
Safra 51/52 — Apreendido ..... 1 000 "
Safra 52/53 — Apreendido ..... 12 930 "
Trânsito Especial ..... 409 "
Esta publicação retifica as anteriores.

EMBARQUES DE CAFÉ POR PAÍSES, PELO PÔRTO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE MARÇO DE 1954

CONTINENTES:	PAÍSES	SACAS	TOTAIS
EUROPA:	Alemanha	8.094	
	Áustria	1.638	
	Bélgica	8.821	
	Dinamarca	4.849	
	Espanha	6.410	
	Finlândia	32.163	
	França	51.342	
	Gibraltar	500	
	Grã-Bretanha	2.500	
	Grécia	5.503	
	Holanda	5.000	
	Islândia	3.500	
	Itália	9.098	
	Pôlonia	1.666	
	Trieste	250	141.334
AMÉRICA DO NORTE:	Estados Unidos	66.911	66.911
AMÉRICA DO SUL:	Argentina	57.677	
	Uruguai	2.481	60.158
ÁFRICA:	Marrocos Francês	210	
	Moçambique	50	
	Sud. Africano	50	
	Tunísia	1.370	
	U. S. Africana	4.795	6.475
ÁSIA:	Chipre	333	
	Japão	35	368
	Total para o Exterior:		**275.246**

Consumo de bordo — 50 sacas.

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

FEVEREIRO DE 1954

Sacas de 60 quilos

Portos de embarques	Exterior	Consumo de bordo	Cabotagem	TOTAL
Fevereiro de 1954:				
Santos	485 697	278	—	485 975
Paranaguá	203 664	—	—	203 664
Rio de Janeiro	146 426	46	310	146 782
Vitória	77 047	—	14 120	91 167
Angra dos Reis	9 833	—	—	9 883
Salvador	14 313	—	2 720	17 033
Recife	7 363	24	—	7 387
Total	**944 393**	**348**	**17 150**	**961 891**
Janeiro	1 125.470	483	17 231	1 143 184
Total de Jan. e Fev.	**2 069 863**	**831**	**34 381**	**2 105 075**

Nota: Cifras sujeitas á retificação

ENTRADAS E EMBARQUES DE CAFÉ NO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE MARÇO E SAFRA 1953/54

MESES		ENTRADAS	EMBARQUES
1953	julho	208.515	165.281
	agôsto	405.515	266.766
	setembro	552.956	434.571
1.º	**trimestre:**	**1 166.986**	**866 618**
	outubro	578.822	459.664
	novembro	457.865	428.942
	dezembro	460.229	407.197
2.º	**trimestre**	**1.496.916**	**1.295.803**
1.º	**semestre:**	**2.663.902**	**2.162.421**
1954	janeiro	286.716	327.177
	fevereiro	263.998	146.736
	março	247.433	275.246
3.º	**trimestre:**	**798.147**	**749.159**

ENTRADAS DE CAFÉ NO MERCADO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE MARÇO DE 1954

VIAS	PROCEDÊNCIAS							TOTAL
	São Paulo	Minas Gerais	Rio de Janeiro	Espírito Santo	Paraná	Bahia	Goiás	
E.F.C. do Brasil	3.433	2.534	—	—	—	—	—	5.967
E. F. Leopoldina	—	18.698	2.728	7.246	—	—	—	28.672
Regulador	—	—	—	7.136	—	—	—	7.136
Rodoviário	4.659	172.201	6.240	13.061	1.189	7.570	738	205.658
TOTAIS:	**8.092**	**193.433**	**8.968**	**27.443**	**1.189**	**7.570**	**738**	**247.433**

CAFÉ DISPONÍVEL NOS PORTOS DE EXPORTAÇÃO DO BRASIL

1954	Santos	R. Janeiro	Vitória	Bahia	Paranaguá	A. dos Reis	Recife	Total
Janeiro	1 761 752	277 372	51 506	3 841	624 475	11 590	19 472	2 767 334
Fevereiro	1 822 948	556 127	75 174	6 504	634 493	4 906	20 953	3 121 105
Fevereiro: 1953	1 176 752	277 372	31 003	13 870	564 861	11 897	13 454	2 674 209
" 1952	1 910 345	666 724	83 484	5 744	623 551	37 279	14 346	3 341 473
" 1951	1 871 225	745 428	57 426	12 866	538 034	18 869	25 982	3 269 830
" 1950	2 162 134	893 747	92 039	28 710	194 438	42 737	37 486	3 451 291

RELAÇÃO DO CAFÉ EXPORTADO PELO PÔRTO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE MARÇO DE 1954

DATA	Europa	América do Norte	América do Sul	Africa	Asia	Cabotagem	TOTAL
4	5.702	30.885	—	4.895	35	—	41.517
5	3.375	—	—	—	—	—	3.375
6	—	500	—	—	—	—	500
8	6.639	—	—	—	—	—	6.639
9	3.419	—	—	—	—	—	3.419
10	12.874	2.100	—	—	—	—	14.974
11	6.867	—	—	210	—	—	7.077
12	3.500	4.875	—	—	—	—	8 375
13	32.163	6.970	—	—	—	—	39.133
15	9.173	—	—	—	—	—	9.173
16	—	—	10.726	—	—	—	10.726
17	5.935	1.000	—	870	333	—	8.138
18	9.114	—	—	—	—	—	9.114
19	4.849	—	8.693	—	—	—	13.542
20	—	—	3.157	—	—	—	3.157
22	11.216	6.560	—	—	—	—	17 776
23	—	2.000	16.785	—	—	—	18.785
24	—	2.000	—	—	—	—	2.000
25	—	—	4.006	—	—	—	4.006
27	—	1.000	9.245	—	—	—	10.245
29	3.387	15.991	—	—	—	—	19.378
30	7.439	—	—	—	—	—	7.439
31	15.682	—	576	500	—	—	16.758
TOTAL ...	141.334	73.881	53.188	6.475	368	—	275.246

CAFÉ DISPONÍVEL NOS PORTOS DE EXPORTAÇÃO DO BRASIL

1953	Santos	R. Janeiro	Vitória	Bahia	Paranaguá	A.dos Reis	Recife	Total
Janeiro	1 763 649	227 782	25 211	4 690	648 730	4 889	12 050	2 687 001
Fevereiro	1 761 752	277 372	31 003	13 870	564 861	11 897	13 454	2 674 209
Março	1 713 441	165 797	10 019	4 880	654 834	211	14 516	2 563 698
Abril	1 847 122	99 635	29 094	6 280	99 635	—	8 728	2 090 494
Maio	1 962 411	56 041	12 454	6 045	790 122	—	5 488	2 832 561
Junho	1 929 868	174 463	53 056	7 027	707 067	—	4 149	2 875 630
Julho	1 966 641	176 815	60 035	7 425	653 269	—	7 788	2 871 973
Agosto	1 945 635	272 713	91 597	9 430	637 306	—	8 444	2 965 125
Setembro	1 945 220	351 121	75 046	9 823	621 381	10 351	13 053	3 026 001
Outubro	2 169 911	429 969	77 342	6 480	656 318	6 470	17 938	3 364 428
Novembro	1 981 690	417 653	56 653	5 565	569 136	748	17 301	3 049 046
Dezembro	1 633 937	430 575	52 945	4 332	603 185	5 038	18 661	2 748 673
Dez — 52	1 871 855	271 290	53 080	13 078	691 605	35 191	16 124	2 952 223
" — 51	1 807 853	684 662	79 446	9 010	594 449	62 541	18 354	3 256 315
" — 50	1 666 001	659 672	52 258	11 042	547 305	29 725	23 921	2 989 924
" — 49	2 211 429	842 238	104 491	28 441	284 884	37 888	37 317	3 546 688

COTAÇÕES DE CAFÉS BRASILEIROS NO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

MARÇO DE 1954

(Em cents por libra de 453,60 gr)

DIA	SANTOS	
	Tipo 2 extra mole	Tipo 4 extra mole
1	83 25	82 00
2	83 75	82 50
3	83 75	82 50
4	83 75	84 50
5	83 75	85 50
8	86 00	85 00
9	86 25	85 00
10	86 00	84 75
11	85 25	84 00
12	85 25	84 00
15	86 75	85 50
16	87 00	85 75
17	87 00	85 75
18	87 25	86 00
19	87 25	86 00
22	89 25	88 00
23	90 00	88 75
24	92 25	91 00
25	94 75	93 50
26	94 75	93 50
29	94 25	93 00
30	93 25	92 00
31	93 75	92 50
Média	**88 20**	**87 00**

SANTOS

s	Vendas	Retirado do Estoque	Existência	Existência em poder do I.B.C.
	41 839	—	1 838 804	438
	58 467	—	1 838 153	438
	59 297	—	1 847 935	438
	33 708	—	1 826 280	438
	28 817	—	1 825 334	438
	36 497	—	1 815 673	438
	45 872	—	1 812 438	438
	52 602	1 261	1 812 352	438
	36 749	—	1 826 445	438
	32 624	—	1 835 813	438
	39 994	—	1 824 832	438
	40 643	—	1 810 362	438
	33 091	—	1 803 482	438
	26 934	—	1 810 031	438
	50 494	—	1 811 032	438
	45 344	—	1 804 412	438
	31 925	—	1 827 612	438
	47 578	—	1 827 674	438
	71 938	—	1 822 838	438
	82 887	—	1 775 178	438
	45 884	—	1 807 940	438
	19 054	—	1 768 309	438
	25 433	—	1 771 988	438
	17 114	—	1 780 614	438
	28 319	111	1 715 331	438
	1 033 104	**1 372**	—	—

DE JANEIRO

BARQUES				
Cabotagem	Total	Retirado do mercado	Consumo local	Existência
—	—	129	—	379 123
—	18 471	—	—	382 401
—	1 697	—	—	401 829
—	—	8	—	430 793
—	—	—	—	452 146
—	—	—	—	444 570
—	16 331	—	—	454 872
—	6 310	—	—	461 319
—	3 000	—	—	467 487
—	4 118	—	—	472 473
—	2 957	—	—	469 516
—	13 328	110	20 000	442 403
—	13 812	—	—	438 254
310	6 855	—	—	439 538
—	763	—	—	447 752
—	—	—	—	454 458
—	20 897	—	—	433 561
—	448	—	—	443 023
—	—	—	—	456 457
—	19 058	—	—	444 419
—	—	—	—	455 536
—	18 691	100	20 000	426 543
310	**146 736**	**347**	**40 000**	—

COTAÇÕES DE CAFÉ NO DISPONÍVEL EM SANTOS, RIO DE JANEIRO E VITÓRIA

MARÇO DE 1954

DIA	SANTOS			RIO	VITÓRIA
	Estilo Santos tipo 4	Estilo Santos Riado tipo 4	Sem descrição tipo 4	Tipo 7	Tipo 7
3	400 00	378 00	345 00	—	—
4	406 50	386 00	350 00	292 00	230 40
5	408 00	387 50	353 50	296 00	231 00
8	410 50	391 50	356 50	300 00	236 30
9	413 50	395 00	358 50	300 00	239 10
10	414 50	395 00	359 00	302 00	239 80
11	415 00	395 00	358 00	305 00	242 00
12	415 00	395 00	359 50	305 00	242 20
15	420 00	399 50	364 00	313 00	243 90
16	423 50	402 00	366 50	323 00	244 70
17	425 00	404 00	367 00	323 00	246 00
18	425 00	404 50	368 00	328 00	245 20
19	430 00	409 50	373 50	332 00	245 00
22	432 50	411 50	376 50	340 00	250 50
23	438 50	418 50	383 50	340 00	253 90
24	444 50	424 50	389 50	354 00	257 00
25	455 00	431 50	396 60	351 00	264 00
26	462 50	437 50	403 50	356 00	266 70
29	466 50	438 50	406 50	356 00	270 20
30	465 00	440 00	406 50	365 00	268 20
31	470 50	443 50	409 00	360 00	268 80
Média	**430 55**	**408 95**	**373 36**	**327 05**	**247 23**

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

(Em cents por libra de 453,60 gr.) — Março de 1954

CAFÉS ESTRANGEIROS

PROCEDÊNCIA	3	10	17	24	MÉDIA
COLÔMBIA:	(2) 85 1/2	(2) 87 3/4	(x) 90 1/4	(2) 92 1/2	89 00
Medelin Excelso	(2) 85 1/2	(2) 87 3/4	(x) 90 1/4	(2) 92 1/2	89 00
Armenia	(2) 85 1/2	(2) 87 3/4	(x) 90 1/4	(2) 92 1/2	89 00
Manizales	(2) 85 1/4	(2) 87 1/2	(x) 90 00	(2) 92 00	88 11/16
Cucutá	(2) 85 1/4	(2) 87 1/2	(x) 90 00	(2) 92 00	88 11/16
Bogotá	(2) 85 1/4	(2) 87 1/2	(x) 90 00	(2) 92 00	88 11/16
Tolima	(2) 85 1/4	(2) 87 1/2	(x) 90 00	(2) 92 00	88 11/16
Ocana					
COSTA RICA:	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	—
Honduras					
Atlantic. Fino					
CUBA:					
Lavado bom					
Lavado Regular					
EQUADOR:					
Lavado	(6) 80 00	(6)83 00	(6) 85 00	(X) 86 00	83 1/2
Extra não lavado	(6) 74 00	(6) 76 00	(6) 80 00	(2) 81 00	77 3/4
GUATEMALA:	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	—
Antigua					
Extra primeira					
Lavado bom					
Bourbon					
HAITÍ:	(6) 81 00	84 00	(6) 84 1/2	(6) 86 1/2	84 00
Lavado bom móle ...	(6) 79 00	—	(6) 82 00	(6) 84 00	81 43/64
Catado á mão					
HONDURAS:	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	—
Lavado bom					
Tipo 5 - Comum duro	"	"	"	"	—
JAMAICA:					
Lavado					
Comum bom					
MÉXICO:	(X) 84 00	n/cot.	"	"	84 00
Coatepec	n/cot.	"	"	"	—
Tapachula primeira ..					
Maragogipe					

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

(Em cents por libra de 453,60 gr.) — Março de 1954

CAFÉS ESTRANGEIROS

PROCEDÊNCIA	3	10	17	24	MÉDIA
NICARAGUA:	"	"	"	"	—
Matagalpa					
Lavado primeira					
EL SALVADOR:	"	"	"	"	—
Lavado primeira					
Não lavado					
S. DOMINGOS:	"	(6) 84 00	(2) 85 1/2	(2) 88 00	85 53/64
Lavado bom móle ...					
Fino					
VENEZUELA:					
Maracaibo	"	(6) 85 00	(X) 87 1/2	88 1/2	87 00
Trujillo					
CONGO BELGA:					
Lavado robusta	Disp. 83 1/2	Disp. 84 1/2	n/cot.	(2) 87 00	85 00
Natural robusta	(X) 66 00	(X) 69 00	"	(2) 69 1/2	68 77/64
KENYA:					
Lavado A.					
Lavado R.					
MOÓCA:					
Moóca (Arabia)	Disp. 83 1/2	Disp. 85 00	n/cot.	n/cot.	84 1/4
N. E. I.:					
Genuino Java lavado	(6) 85 00	(6) 87 00	(2) 90 00	(6) 92 00	88 1/2
Lavado robusta					
Natural Java robusta					
TANGANYIKA:					
Lavado A.					
UGANDA:	(6) 67 1/2	(6) 69 00	(2) 70 00	n/cot.	68 53/64
Lavado					

INDICAÇÕES:
1) C. & F, — U.S.A. (Nova York)
2) Desembarcado à vista liquido
3) Disponível
4) F.O.B. (Nova York)
5) F.O.B. País de Procedência
6) Nominal
(X) Pronto embarque
(X) Embarque Abril Maio

Cotações de Café a Têrmo em Nova York

(Em cents por libra de 453,60 gr) — Contrato "S"

MARÇO DE 1954

DIA	MARÇO		MAIO		JULHO		SETEMBRO		DEZEMBRO		MARÇO	
	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F
1	80 75	81 75	81 20	82 50	81 30	82 25	79 90	80 75	79 35	80 25	—	79 60
2	81 75	80 45	83 00	81 00	82 70	80 70	81 25	79 25	80 75	78 75	80 00	78 00
3	79 45	82 10	81 00	82 98	80 75	82 70	79 30	81 25	79 00	80 75	78 00	80 00
4	83 00	83 60	84 15	83 90	83 90	82 90	82 60	82 50	82 00	82 05	81 45	81 55
5	84 50	83 60	83 00	83 85	83 57	83 75	81 75	83 45	81 75	81 95	81 50	81 55
8	n/cot.	83 95	84 15	84 89	84 20	84 85	83 00	83 89	82 67	83 40	82 40	83 05
9	"	83 60	84 75	84 10	84 79	84 20	83 96	83 35	83 75	83 10	83 45	82 80
10	83 50	84 89	84 50	83 27	84 21	84 05	83 38	83 25	83 50	83 00	n/cot.	82 70
11	83 00	84 85	83 00	82 25	83 30	82 25	82 25	81 30	82 31	81 20	81 90	80 92
12	82 75	83 80	83 34	84 25	83 50	84 25	82 95	83 30	83 20	83 20	82 92	82 92
15	84 00	85 35	86 25	86 05	86 25	86 05	85 30	85 30	85 20	85 10	84 92	84 92
16	n/cot.	84 90	86 00	86 64	86 10	85 60	85 24	84 80	85 10	84 58	84 90	84 40
17	84 80	84 90	85 75	85 19	85 65	85 15	84 80	84 24	84 58	83 99	84 40	83 80
18	84 70	85 10	84 65	85 30	84 55	85 40	83 75	84 40	83 65	84 10	83 55	83 92
19	n/cot.	86 40	86 20	87 29	86 29	87 25	85 65	86 35	85 30	86 10	84 65	85 88
22	86 15	87 30	87 40	88 03	87 75	88 00	86 85	87 05	86 35	86 75	86 00	86 50
23	n/cot.	88 65	88 76	89 43	89 00	89 38	88 15	88 32	87 90	87 98	87 50	87 65
24	88 00	91 00	90 60	91 43	90 50	91 38	90 09	90 32	89 80	89 58	89 30	89 65
25	91 50	91 95	92 50	92 50	83 04	92 56	91 61	91 67	91 54	91 30	91 25	91 00
26	94 00	91 22	93 15	91 25	93 30	90 45	92 45	90 12	91 90	89 70	91 55	91 00
29	—	91 95	92 40	93 50	92 50	92 56	91 60	91 67	91 21	91 30	90 70	91 00
30	—	—	90 22	90 22	90 50	90 50	89 60	89 60	89 21	89 21	89 00	89 00
31	—	—	91 05	91 05	91 95	91 95	91 25	91 25	90 25	90 25	89 85	89 85
Média	**84 79**	**85 77**	**86 40**	**86 52**	**86 50**	**86 49**	**85 50**	**85 49**	**85 23**	**85 11**	**81 33**	**84 42**

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

I — MERCADO LIVRE — VENDAS Á VISTA

MARÇO DE 1954

DIA	Londres libra	Nova York dólar	Suiça franco	Portugal escudo	Argentina peso	Uruguai peso	Suécia corôa	Holanda florim
4	52,69 60	18,72 00	4,42 30	0,65 07	1,35 20	6,22 15	3,64 02	—
5	52,69 60	18,72 00	4,42 30	0,65 07	1,35 20	6,20 10	3,64 02	—
6	52,69 60	18,72 00	4,42 30	0,65 07	1,35 20	6,17 05	3,64 02	—
8	52,69 60	18,72 00	4,42 30	0,65 07	1,35 20	6,17 05	3,64 02	—
9	52,69 60	18,72 00	4,42 12	0,65 07	1,35 20	6,18 06	3,64 02	4,97 04
10	52,69 60	18,72 00	4,42 30	0,65 07	1,35 20	6,12 03	3,64 02	—
11	52,69 60	18,72 00	4,42 30	0,65 07	1,35 20	6,08 08	3,64 02	—
12	52,69 60	18,72 00	4,42 12	0,65 07	1,35 20	6,08 06	3,64 02	—
13	52,69 60	18,72 00	4,42 12	0,65 07	1,35 20	6,08 08	3,64 02	—
15	52,69 60	18,72 00	4,42 12	0,65 07	1,35 20	6,08 08	3,64 02	—
16	52,69 60	18,72 00	4,42 12	0,65 07	1,35 20	6,10 05	3,64 02	—
17	52,69 60	18,72 00	4,42 12	0,65 07	1,35 20	6,16 04	3,64 02	—
18	52,69 60	18,72 00	4,42 12	0,65 07	1,35 20	6,17 05	3,64 02	—
19	52,69 60	18,72 00	4,42 12	0,65 07	1,35 20	6,17 04	3,64 02	—
20	52,69 60	18,72 00	4,42 12	0,65 07	1,35 20	6,17 03	3,64 02	—
22	52,69 60	18,72 00	4,42 12	0,65 07	1,35 20	6,16 04	3,64 02	—
23	52,69 60	18,72 00	4,42 12	0,65 07	1,35 20	6,17 05	3,64 02	—
24	52,69 60	18,72 00	4,42 12	0,65 07	1,35 20	6,17 05	3,64 02	—
25	52,69 60	18,72 00	4,42 12	0,65 07	1,35 20	6,15 03	3,64 02	—
26	52,69 60	18,72 00	4,42 12	0,65 07	1,35 20	6,15 03	3,64 02	—
27	52,69 60	18,72 00	4,42 12	0,65 07	1,35 20	6,13 53	3,64 02	—
29	52,69 60	18,72 00	4,42 12	0,65 07	1,35 20	6,10 05	3,64 02	—
30	52,69 60	18,72 00	4,42 12	0,65 07	1,35 20	6,13 53	3,64 02	—
31	52,69 60	18,72 00	4,42 12	0,65 07	1,35 20	6,06 12	3,64 02	—
Média	**52,69 60**	**18,72 00**	**4,42 17**	**0,65 07**	**1,35 20**	**6,14 22**	**3,64 02**	**4,97 04**

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

II — MERCADO LIVRE — COMPRAS Á VISTA

MARÇO DE 1954

DIA	Londres libra	Nova York dólar	Suiça franco	Portugal escudo	Argentina peso	Uruguai peso	Suécia corôa	Holanda florim
4	51,40 80	18,36 00	4,27 97	0,63 28	1,31 61	5,98 05	3,55 13	—
5	51,40 80	18,36 00	4,27 97	0,63 28	1,31 61	5,96 10	3,55 13	—
6	51,40 80	18,36 00	4,27 97	0,63 28	1,31 61	5,93 21	3,55 13	—
8	51,40 80	18,36 00	4,27 97	0,63 28	1,31 61	5,93 21	3,55 13	—
9	51,40 80	18,36 00	4,27 79	0,63 28	1,31 61	5,94 17	3,55 13	4,89 89
10	51,40 80	18,36 00	4,27 97	0,63 28	1,31 61	5,88 46	3,55 13	—
11	51,40 80	18,36 00	4,27 97	0,63 28	1,31 61	5,84 71	3,55 13	—
12	51,40 80	18,36 00	4,27 79	0,63 28	1,31 61	5,85 65	3,55 13	—
13	51,40 80	18,36 00	4,27 79	0,63 28	1,31 61	5,84 71	3,55 13	—
15	51,40 80	18,36 00	4,27 79	0,63 28	1,31 61	5,84 71	3,55 13	—
16	51,40 80	18,36 00	4,27 79	0,63 28	1,31 61	5,86 58	3,55 13	—
17	51,40 80	18,36 00	4,27 79	0,63 28	1,31 61	5,92 26	3,55 13	—
18	51,40 80	18,36 00	4,27 79	0,63 28	1,31 61	5,93 21	3,55 13	—
19	51,40 80	18,36 00	4,27 79	0,63 28	1,31 61	5,90 35	3,55 13	—
20	51,40 80	18,36 00	4,27 79	0,63 28	1,31 61	5,92 26	3,55 13	—
22	51,40 80	18,36 00	4,27 79	0,63 28	1,31 61	5,92 26	3,55 13	—
23	51,40 80	18,36 00	4,27 79	0,63 28	1,31 61	5,93 21	3,55 13	—
24	51,40 80	18,36 00	4,27 79	0,63 28	1,31 61	5,93 21	3,55 13	—
25	51,40 80	18,36 00	4,27 79	0,63 28	1,31 61	5,91 30	3,55 13	—
26	51,40 80	18,36 00	4,27 79	0,63 28	1,31 61	5,91 30	3,55 13	—
27	51,40 80	18,36 00	4,27 79	0,63 28	1,31 61	5,89 88	3,55 13	—
29	51,40 80	18,36 00	4,27 79	0,63 28	1,31 61	5,89 88	3,55 13	—
30	51,40 80	18,36 00	4,27 79	0,63 28	1,31 61	5,86 58	3,55 13	—
31	51,40 80	18,36 00	4,27 79	0,63 28	1,31 61	5,82 86	3,55 13	—
Média	**51,40 80**	**18,36 00**	**4,27 84**	**0,63 28**	**1,31 61**	**5,88 51**	**3,55 13**	**4,89 89**

ÍNDICE

COLABORAÇÃO:

Os congressos cafeeiros de Curitiba — J. Testa 5
A agricultura africana vista por um agrônomo brasileiro — O. T. Mendes Sobrinho 9
A evolução das máquinas de beneficiar café no Brasil — Prof. Dr. Hugo de Almeida Leme 33

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

O plantio de café em terras recuperadas — Edgar Fernandes Teixeira 53
Ressurge, em bases racionais, a cafeicultura em Santa Catarina 56
Discurso do ministro da Fazenda na posse da Junta Administrativa do IBC 62
A elevação dos preços do café 65
Técnica e economicamente acertada a fórmula de adubação para o cafeeiro — Walter Lazzarini 72
Recomendada ao govêrno de Mato Grosso a assistência técnico-comercial aos cafeicultores 74
A lavoura e o I.B.C. 76
O café visto nos Estados Unidos (Cartas semanais do Escritório Pan-Americano do Café de Nova York — março) 77

ESTATÍSTICA:

Suplemento Estatístico n.º 339 93
Embarques de café por países, pelo pôrto do Rio de Janeiro — março 95
Exportação Brasileira de Café — fevereiro 96
Entradas e embarques de café no Rio de Janeiro, março e safra 53/54 96
Entradas de café no mercado do Rio de Janeiro — março 97
Café disponível nos portos de exportação do Brasil — Jan. e fev. 97
Relação do café exportado pelo pôrto do Rio de Janeiro, março 98
Movimento de café na praça de Santos — março ..... Apenso
Movimento de café no Rio de Janeiro — fevereiro ..... Apenso

Café disponível nos portos de exportação do Brasil Jan. a dez. 99
Cotações de cafés brasileiros no disponível em Nova York — março 100
Cotações de café no disponível em Santos, Rio de Janeiro e Vitória 101
Cotação do disponível em Nova York — Cafés estrangeiros — março 102
Cotações de Café a Têrmo em Nova York — Contrato "S" — março 104
Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças — Vendas à Vista — março 105
Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças — Compras à Vista — março 106
Balanço patrimonial em 31 de dezembro de 1953 do Instituto de Café do Estado de São Paulo ..... Apenso
Demonstração da conta patrimonial do exercício de 1953 ..... Apenso
Balancete financeiro em 31 de dezembro de 1953 do Inst. de Café ..... Apenso
Balancete financeiro em 31 de janeiro de 1954 do Inst. de Café do Estado de São Paulo ..... Apenso
Balancete financeiro em 28 de fevereiro de 1954 do Inst. de Café do Estado de São Paulo ..... Apenso
Câmbio em Nova York sôbre diversas praças — março ..... Apenso

F A

SUPERINTENDÊNCI

DEMONSTRAÇÃO DA CONTA PA

VARIAÇÕES PASSIVAS

	Cr$	Cr$	Cr$
DESPESA ORÇAMENTARIA			
ORDINARIA			
Serviço da Dívida Fundada	13 347 [illegible]		
Encargos Diversos	40 [illegible]		
Administração	11 807 756,70	67 [illegible]	
CREDITOS ADICIONAIS			
CREDITOS ESPECIAIS			
Administração		[illegible]	[illegible]
MUTAÇÕES PATRIMONIAIS			
Diversos			[illegible]
Soma			156.359.653,
RESULTADO ECONOMICO DO EXERCICIO			[illegible]
Superavit verificado			[illegible]
			197.561.355,

DEMONSTRAÇÃO

SALDO DO EXERCICIO DE 1952 ..

SUPERAVIT DO EXERCÍCIO DE ..

PATRIMÔNIO DO INSTITUTO DE C

SÃO PAULO, em 31-12-1953 ..

Departamento de Contab

WALDEMAR CAMARGO ABREU

Chefe do Departamento de Contabilidade — Substituto

G. Livros — C. R. C. — Sp. 3359

Z E N D A

A DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

ATRIMONIAL DO EXERCICIO DE 1953

VARIAÇÕES ATIVAS

	Cr$	Cr$	Cr$
RECEITA ORÇAMENTÁRIA			
ORDINÁRIA			
Tributária	39.784.210,10		
Patrimonial	20.711.339,00	60.495.549,10	
EXTRAORDINÁRIA			
Diversos		23.643.013,30	84.138.562,40
MUTAÇÕES PATRIMONIAIS			
Ações		67.981.200,00	
Amortização de Dívidas		5.194.387,80	
Construção e Aquisição de Imóveis		40.000.000,00	
Diversos		247.205,10	113.422.792,90
			197.561.355,30

DO SALDO DESTA CONTA

	Cr$
.....	387.149.474,10
1953	41.201.701,60
AFÉ DO ESTADO DE	428.351.175,70

ilidade, 31 de dezembro de 1953.

VISTO,
MILTON DE AZEVEDO NOGUEIRA
Gerente-Subst.

FA

SUPERINTENDÊNCI

BALANCETE FINANCEIRO EM 31 DE JANEIRO DE

RECEITA

	Cr$	Cr$	Cr$
RECEITA ORÇAMENTÁRIA			
Ordinária			
Tributária	2.273.216,90		
Patrimonial	6.252.995,70		
Industrial	4.550,00	8.530.762,60	
EXTRAORDINÁRIA			
Diversos		1.285.516,90	9.816.279,
A DEDUZIR			
Contas do Exercício a Receber			4.939.175,
			4.877.103,
RECEITA EXTRAORÇAMENTÁRIA			
Depósitos		23.447,40	
Diversos		562.135,20	585.582,
SALDOS DO EXERCÍCIO ANTERIOR			
Em Caixa		348.940,90	
Em Bancos		22.358.013,80	22.706.954,
			28.169.641,

Departamento de cont

WALDEMAR CAMARGO ABREU
Chefe do Departamento de Contabilidade — Substituto
G. Livros — C. R. C. — Sp. 5159

ZENDA

IA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

1954 DO INSTITUTO DE CAFÉ DO ESTADO DE SÃO PAULO

RECEITA

	Cr$	Cr$
DESPESA ORÇAMENTÁRIA		
Encargos Diversos	5.466,50	
Administração	732.243,70	737.710,20
À DEDUZIR		
Contas do Exercício a Pagar		560.209,20
		177.501,00
DESPESA EXTRAORÇAMENTÁRIA		
Restos a Pagar — 1952	3.551,10	
Restos a Pagar — 1953	435.064,30	438.615,40
SALDOS PARA O MÊS SEGUINTE		
Em Caixa	245.941,00	
Em Bancos	27.307.583,60	27.553.524,60
		28.169.641,00

abilidade, 31 de janeiro de 1954

VISTO,
MILTON DE AZEVEDO NOGUEIRA
Gerente-Subst.

CÂMBIO EM NOVA YO

MAI

DIA	Londres £	Montreal $	R. Janeiro cr$	B. Aires peso	Montevideo peso	Paris frc.
1	2,81 7/16	1,03 11/16	0,01 67	0,07 25	0,33 00	0,0028 5
2	2,81 1/2	1,03 9/16	0,01 67	0,07 25	0,33 00	0,0028 5
3	2,81 1/2	1,03 9/16	0,01 67	0,07 25	0,33 00	0,0028 5
4	2,81 1/2	1,03 19/32	0,01 67	0,07 25	0,33 50	0,0028 5
5	2,81 7/16	1,03 17/32	0,01 67	0,07 25	0,33 75	0,0028 5
8	2,81 7/16	1,03 1/2	0,01 67	0,07 25	0,33 75	0,0028 5
9	2,81 1/2	1,03 5/16	0,01 67	0,07 25	0,32 65	0,0028 5
10	2,81 1/2	1,03 5/32	0,01 70	0,07 25	0,32 37	0,0028 5
11	2,81 1/2	1,03 00	0,01 68	0,07 25	0,32 37	0,0028 5
12	2,81 1/2	1,03 1/16	0,01 71	0,07 25	0,32 37	0,0028 5
15	2,81 1/2	1,03 1/16	0,01 71	0,07 25	0,32 20	0,0028 5
16	2,81 1/2	1,02 31/32	0,01 72	0,07 25	0,32 37	0,0028 5
17	2,81 9/16	1,02 7/8	0,01 72	0,07 25	0,32 62	0,0028 5
18	2,81 9/16	1,02 15/16	0,01 73	0,07 25	0,32 37	0,0028 5
19	2,81 1/2	1,02 15/16	0,01 75	0,07 25	0,32 62	0,0028 5
22	2,81 9/16	1,02 7/8	0,01 80	0,07 25	0,32 62	0,0028 5
23	2,81 5/8	1,02 7/8	0,01 81	0,07 25	0,33 00	0,0028 5
24	2,81 11/16	1,02 7/8	0,01 75	0,07 25	0,32 62	0,0028 5
25	2,81 11/16	1,02 7/8	0,01 75	0,07 25	0,32 75	0,0028 5
26	2,81 9/16	1,02 13/16	0,01 74	0,07 25	0,32 75	0,0028 5
29	2,81 9/16	1,02 9/16	0,01 74	0,07 25	0,32 62	0,0028 5
30	2,81 9/16	1,02 1/16	0,01 74	0,07 25	0,32 20	0,0028 5
31	2,81 5/8	1,02 1/8	0,01 74	0,07 25	0,32 25	0,0028 5
Média ..	**2,81 17/32**	**1,03 1/32**	**0,01 72**	**0,07 25**	**0,32 68**	**0,0028 5**

RK SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

ÇO DE 1954

	Berna frac.	Stockolmo corôa	Madrid peseta	Lisbôa escudo	Bélgica frac.	Amsterdam guilder	Brasil Cr. Oficial
8	0,23 31 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 1/4	0,26 42	0,05 50
8	0,23 31 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 1/4	0,26 42	0,05 50
8	0,23 31 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 1/4	0,26 42	0,05 50
8	0,23 31 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 1/4	0,26 42	0,05 50
8	0,23 31 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 1/4	0,26 42	0,05 50
8	0,23 31 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 1/4	0,26 42	0,05 50
8	0,23 32	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 1/4	0,26 42	0,05 50
8	0,23 32	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 1/8	0,26 42	0,05 50
8	0,23 32	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 00	0,26 43	0,05 50
8	0,23 31	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 00	0,26 43	0,05 50
8	0,23 31 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 00	0,26 43	0,05 50
8	0,23 31 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/2	0,26 43	0,05 50
8	0,23 31 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/8	0,26 43	0,05 50
8	0,23 31 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/8	0,26 43	0,05 50
8	0,23 31	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 1/8	0,26 43	0,05 50
8	0,23 31	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 3/8	0,26 42	0,05 50
8	0,23 31	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 00	0,26 42	0,05 50
8	0,23 31 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 3/4	0,26 42	0,05 50
8	0,23 31 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 3/4	0,26 42	0,05 50
8	0,23 31 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 3/4	0,26 42	0,05 50
8	0,23 31 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 3/4	0,26 42	0,05 50
8	0,23 31 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 3/4	0,26 42	0,05 50
8	0,23 31 1/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 3/4	0,26 42	0,05 50
8	**0,23 31 29/64**	**0,19 34**	**0,02 36**	**0,03 50**	**0,0199 1/8**	**0.26 42**	**0,05 50**

PARA ANÚNCIOS NESTE BOLETIM

Dirijam-se à Rua da Consolação, 65 - 4.º andar - conj. 41
Fones, 32-8357 e 7-2295

R. PASTORE

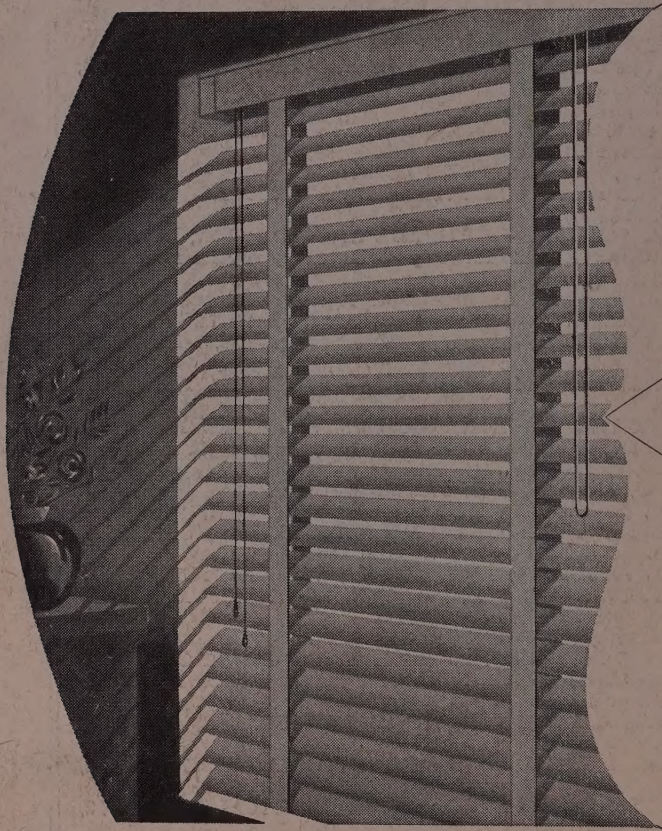
Agradecemos a remessa das seguintes publicações:

AGRONOMIA ANGOLA — n.º 7-1953, LUANDA.
ANAIS DA ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA "LUÍS DE QUEIROZ", vol. IX, 1952, PIRACICABA.
A FAZENDA, fevereiro, 1954, NEW YORK.
BOLETIN DE LA CAMARA DE COMERCIO E INDUSTRIAS DE TEGUCIGALPA, n.º 85, HONDURAS.
BIOLÓGICO (O), n.º 12, dezembro, 1953, SÃO PAULO.
BOLETIN DEL CENTRO DE DOCUMENTACION CIENTIFICA Y TECNICA ns. 1/2, 1954, MEXICO.
BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL DE ANGOLA, n.º 17, LUANDA.
BANCO DE LA NACION ARGENTINA — Memoria y Balance General, 1951, BUENOS AIRES.
BOLETIN AGRICOLA (Sociedad Antioqueña de Agricultores), COLÔMBIA.
BRAZIL (American Brazilian Association Inc.), n.º 1, 1954, NEW YORK.
BOLETIM FLUMINENSE DE AGRICULTURA, n.º 25, janeiro, 1954, NITERÓI.
BULLETIN AGRICOLE DU CONGO BELGE — vol. III, n.º, 1954, BRUXELAS.
CURSOS Y CONFERENCIAS DE EXTENSION UNIVERSITARIA — Marti, estudiante universitario — (Antonio Navarrette), 1953, CUBA.
COFFEE & TEA, janeiro, 1954, NEW YORK.
CAFÉ VERT — n.º 46, fevereiro, 1954, PARIS.
COMERCIO — n.º 47, janeiro, 1954, MADRID.
CAMARA DE COMERCIO ARGENTINA-BRASILEÑA DE BUENOS AIRES, n.º 460, jan., 1954.
FEDERAL RESERVE BULLETIN, fevereiro, 1954, WASHINGTON.
GAZETA DO AGRICULTOR — n.º 56, jan., 1954, LOURENÇO MARQUES (Moçambique).
LAMATEPEC, dezembro, 1953, EL SALVADOR. C. A.
REVISTA BANCÁRIA BRASILEIRA, n.º 255, RIO DE JANEIRO.
REVISTA DE LA ASOCIACION ARGENTINA CRIADORES DE CERDOS, n.º 379, BUENOS AIRES.
REVISTA DE LA FACULDAD DE CIENCIAS ECONOMICAS, ns. 53/54, BUENOS AIRES.
REVISTA DE LA SOCIEDAD MEXICANA DE HISTORIA NATURAL, 1952, MEXICO.
RIVISTA DI AGRICOLTURA SUBTROPICALE E TROPICALE, ns. 10/12, novembro/dezembro, 1953, FIRENZE.
REVUE DE LA CHAMBRE DE COMMERCE FRANCE-AMERIQUE LATINE, ns. 5/6, 1953, PARIS.
REVISTA DE ECONOMIA E FINANÇAS (Inst. de Economia e Finanças da Bahia), n.º 4, 1952, BAHIA.
REVUE INTERNATIONALE DU TRAVAIL, ns. 1 e 2, 1954, GENÈVE, Suiça.
REVISTA DE ENGENHARIA MACKENZIE, n.º 122, 1954, SÃO PAULO.
SÔBRE UM MÉTODO MICROSCÓPICO PARA CONTAGEM DE CASCAS NO CAFÉ EM PÓ, por J. B. Ferraz de Menezes e Bento A. de Almeida Bicudo (Separata da Revista Adolfo Lutz). SÃO PAULO.
TEA & COFFEE, fevereiro, 1954, NEW YORK.
UNIVERSIDAD DE LA HABANA, janeiro a dezembro, 1953, ns. 104 a 111. CUBA.
VIDA UNIVERSITARIA, n.º 42, LA HABANA, CUBA.

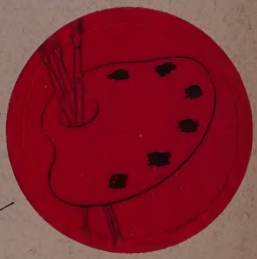
Tipografia Aurora Ltda. — São Paulo

EXPOENTE DE QUALIDADE

Ao adquirir persianas, observe em primeiro lugar a sua qualidade! SUNLIGHT emprega em seu fabrico materiais rigorosamente selecionados.



As persianas SUNLIGHT possuem um novo processo, pois a feitura de seu estôjo INTEIRAMENTE DE METAL, qualificam-na como a melhor.



As côres maravilhosas das persianas SUNLIGHT embelezam o ambiente.

As persianas SUNLIGHT primam pela alta qualidade de suas lâminas de alumínio flexível e esmaltadas a fogo.

Controlando a luz solar e graduando o ar, as persianas SUNLIGHT tornam o ambiente mais agradavel.

PERSIANAS Sunlight

ESCRITÓRIO:
Rua Xavier de Toledo, 266 - 9º, s/95 e 96 - Tel. 32-9579
FÁBRICA: Rua Backer, 646 - Tel. 31-9031 - SÃO PAULO